



# **Memórias de Parahibuna**

**José Deia**

**Paraibuna, junho de 2013**

## **PRODUÇÃO E EDIÇÃO**

Instituto Chão Caipira Malvina Borges de Faria

Presidente José Vicente de Faria

Paraibuna-SP - [www.tvchaocaipira.com.br](http://www.tvchaocaipira.com.br)

**Coordenação** - João Rural

**Digitalização** - Patrícia Suzuki Fernandes e Ruty Way

**Revisão** - Rogério Faria e Patrícia Suzuki

Crônicas publicadas no jornal “O Paraibunense”, no período de 1997 a 2006.

INSTITUTO  
**ChãoCaipira**  
"Malvina Borges de Faria"

Ao mesmo tempo, a cultura caipira vive dois momentos. Enquanto alguns ainda teimam em ignorar seu valor, muitos estão procurando conhecer a importância desse comportamento. E isso está levando nossos caboclos a saírem de suas tocas e nos mostrarem toda a originalidade que guardaram durante anos. Tempo em que o preconceito era geral.

Pensando nisso, é que desde novembro de 2010, Paraibuna conta uma OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, devidamente aprovada pelo Ministério da Justiça.

A entidade criada pela família Faria e amigos, está preparando vários projetos visando o registro,

resgate e fortalecimento da cultura Caipira em todo o Vale do Paraíba.

Está qualificada para receber da sociedade civil, jurídica ou pública, incentivos financeiros destinados a realização de projetos.

Dentre os projetos, um já está no ar:

é a TV Chão Caipira, que surge com uma proposta inovadora na comunicação regional.

Em princípio a TV, que está no ar desde 1 de abril de 2010, está apresentando reportagens de vários temas, do arquivo pessoal de João Rural.

A perspectiva é de que, conforme os projetos em andamento, passe a produzir novidades da cultura regional.

## **Ao homem das ideias**

Após o falecimento do meu pai, em 1966, os irmãos mais velhos saíram à busca de trabalho pra ajudar em casa. Depois de fazer vários serviços, principalmente de venda de salgadinhos pro João Dutra e um pasteleiro que tinha no Largo do Mercado, acabei por encostar no balcão do Bazar do Seu Deia. Para muitos o verdadeiro shopping da cidade, onde se encontrava de tudo pra comprar.

Não demorou e lá estava eu por detrás do balcão atendendo as pessoas. Mas não foi por muito tempo, não. Como o bazar vendia revistas e jornais, propus ao Seu Deia abrir uma banca na Rodoviária. Deu certo, e lá fui começar carreira na comunicação, onde estou até hoje. Seu Deia abriu portas também pra mais um irmão, o Néri, que ali trabalhou por alguns anos. Com o tempo, e a ajuda de outra pessoa, logo estava com a distribuidora de revistas, mais discos e até a loteria esportiva. Quando fui pra São Paulo, em 1974, repassei a distribuidora de volta pro Seu Deia. Em 1977 estava de volta a Paraibuna e ele me indicou pra ser o Diretor de Educação e Cultura da Prefeitura, onde criamos a Comissão Municipal de Turismo, com a participação também do Rubens Navajas.

Isso tudo marcou e pautou minha vida, como o homem que enxergou a situação de minha família e ajudou no que podia. Foi fundamental na formação de minha profissão, pois o contato direto com os jornais e livros, que podia ler de graça, deram a base de conhecimento inicial necessário pra tudo que fiz nos anos seguintes.

Além dos vários lados profissionais e de amor pela sua cidade, Seu Deia sempre escreveu sobre as coisas que ele viveu na cidade. Acontecimentos, pessoas, fatos e o modo de vida ganharam personalidade em seus escritos.

E é uma coletânea desse trabalho, importante pra história, que você, seus filhos, seus netos... vão encontrar nestas páginas.

*João Rural*

# Vida e fatos da família Alves Pererira

A história desta família começa longe. Vem desde suas raízes para que possamos entender melhor tudo. O chefe principal da família Alves Pereira, era de origem Judaica, que fugiu para Portugal e trocou de nome, vindo para o Brasil, por volta de 1860 e 1870. Aqui foi agraciado com uma gleba muito grande de terra nas condições de explorar a terra ou devolver ao governo. Essa gleba de terra é conhecida hoje como nome de Fazenda Brasil, em Jambeiro.

O chefe da família não teve muita sorte e faleceu logo, deixando seus filhos pequenos e sem condições de produzir nada e mesmo que produzissem não tinham como vender os produtos. Não perderam muito tempo, cresceram mais um pouco sem pais nem mães, de ajudas. Ficaram como arrimo de famílias. Carolina, Dito Gulino, Miguel Alves, o mais novo e mais dois filhos, um faleceu no Bairro das Pitas e outro foi para o Estado do Paraná e a última carta dele veio de Arapongas, perto de Maringá, depois ninguém mais teve notícia deles. Miguel Alves saiu do terreno que deveria ser também dele e foi morar próximo da fazenda da Barra, da família Calazans, em Paraibuna. A fazenda era na época centro comercial da região, atendendo as cidades de Natividade, Redenção, São Luiz do Paraitinga, Santa Branca e Salesópolis. Nessa nova morada casou-se com Benedita Francisca de Jesus, que era filha de Vicente que trabalhava na Fazenda dos Calazans e era africano, um senhor de engenho que trabalhava na fazenda. O senhor Vicente era casado com uma índia.

Dessa família nasceu Adelina, mãe de Rubens Navajas, Benedita, João, que foi oficial da força pública, Teresa, Vicente Alves, Antônio que faleceu quando nasceu, José Alves (Zé Deia) e Honória, que vive hoje na cidade de São José dos Campos. Todos tiveram um final brilhante, um melhor que o outro. Todos nasceram em Paraibuna e o chefe da família, Miguel Alves, foi morar no Bairro do Pinhal, município de Paraibuna, SP.

José Alves Pereira, José Deia, nasceu em 5 de agosto de 1934, filho de Miguel Alves Pereira e D. Benedita Francisca de Jesus. Nasceu e viveu a vida toda nesta cidade, participando ativamente das atividades sociais, religiosas e esportivas. O apelido Deia ganhou desde criança, mas não sabe o porque de ser chamado assim pelos pais. Desde criança trabalhou no armazém do pai, dentro do Mercado.

Começou a vivência logo criança, quando foi coroinha no período de 1944 a 1948, quando teve o oportunidade de conhecer o município inteiro de ponta a ponta, acompanhando os padres da época, Padre Ernesto e Padre Américo e mais alguns frades que aqui vieram celebrar missas na cidade. Em parte deste período, até os anos de 1950, vendeu laranja nas ruas da cidade, tendo como maiores fornecedores Dr. Nicanor Camargo e Déco Vieira, proprietário da atual fazenda Brasil. Em 1950 foi contratado pelo jovem Antoninho Maia para trabalhar no Banco do Vale do Paraíba S.A., onde chegou ao cargo de contador do banco, agência de Paraibuna. Não era de seu gosto, mas foi obrigado pelos seus pais a trabalhar no banco, onde aprendeu muitas coisas, principalmente o que era um banco e qual era a função de uma casa financeira. Em 1953 foi convocado para

servir o exército no 6RI de Caçapava. Lá Zé Deia se realizou, era amigo de Lauro Vieira, muito bem reconhecido em Caçapava e muito querido por todos, como amigo de todos os Vieiras. Teve a oportunidade de frequentar a sociedade de Caçapava, participando de bailes, reuniões, bares e barzinhos, sempre junto com Lauro Vieira. Lá aprendeu muito, pois foi obrigado a frequentar todos os cursos apresentados naquele ano. Saiu como terceiro sargento da reserva como consta no seu certificado de dispensa do seu regimento.

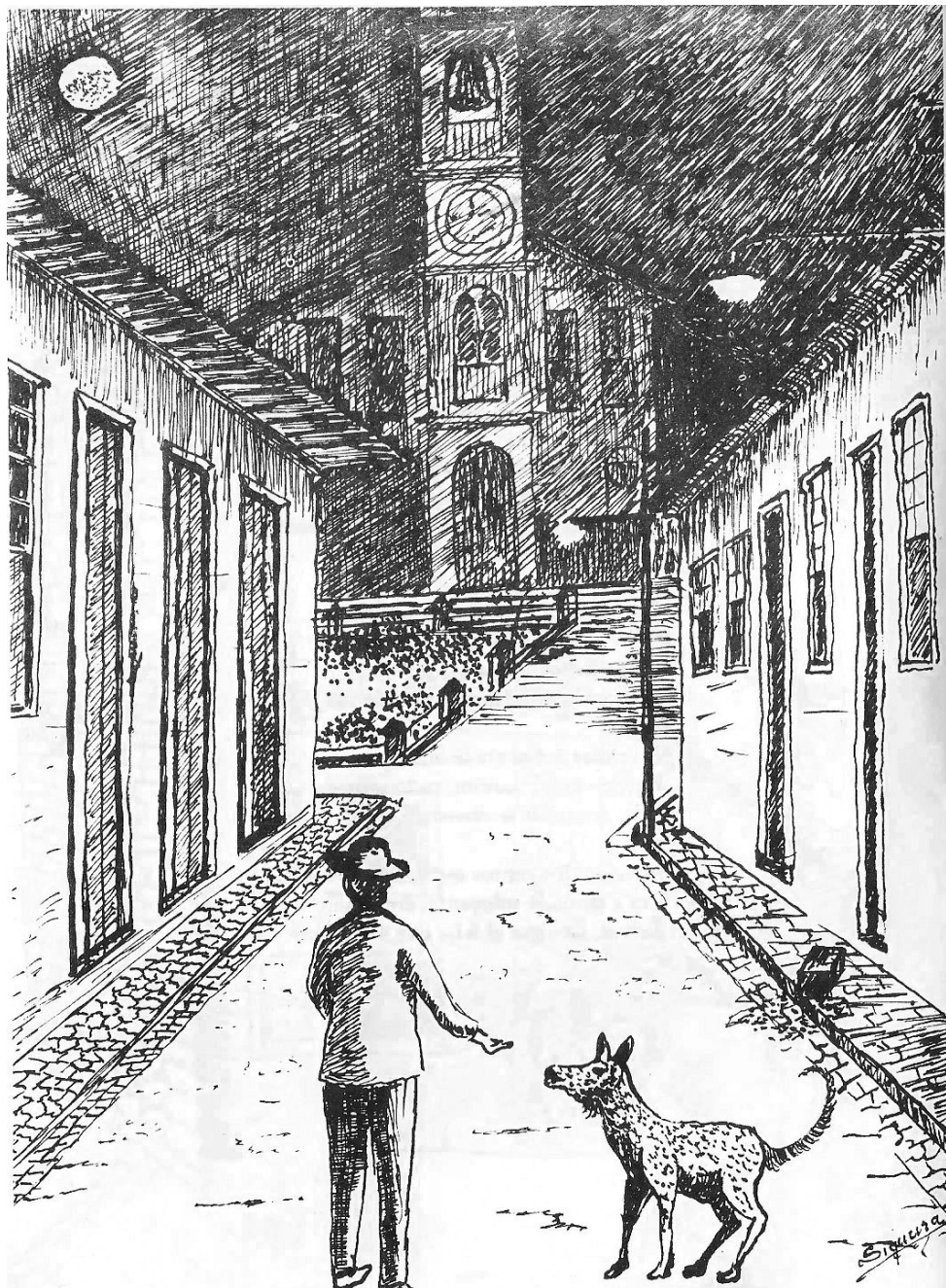
Voltou para casa com uma bagagem de conhecimento como ninguém teve na vida. Em 1954, uma nova vida, mesmo como funcionário do Banco do Vale, foi frequentar o ginásio São José, da Irmã Zoé Lopes. Com um bom conhecimento, nem precisava estudar para ser um dos melhores alunos da classe. Mas nada como participação no futebol do colégio, formado pelo professor Osvaldo Franco, José Deia foi o goleiro do Grêmio, com Déia, Bilu e Galvão, João Carlos, Bigode e Adhemar (irmão do Rubens Navajas), Luizinho Santana e Guido César, Prego, Aroldo, Guido César e Laércio, todos alunos do ginásio. Zé Deia como goleiro não passava nada, pegava tudo, principalmente pênalti, Bilu (Abílio Miranda) uma muralha na defesa, podia passar tudo, menos a bola.

Em 1957, casou-se com Nely Mayo de Araújo Alves e em 1960 comprou o Bazar do Mauro Mariano Leite, nascendo o Bazar do Deia. Revolucionou o lugar, se tornando o ponto de compras dos paraibunenses. Foi técnico de basquete por vários anos, levando o time para o campeonato regional, onde foi campeão em 1961, disputando a final com o time do João Cursino, o melhor time do estado de São Paulo na época. Participou ativamente dos times de futebol, jogando como goleiro até 1965. Na década de 60, participou ativamente da reforma da Igreja Matriz, juntamente com outros paraibunenses.

José Deia nunca foi político mas colaborou com todos os prefeitos, desde Jayme Domingues a primeira vez, até Jayme Domingues no último mandato. Só não conseguiu participar do governo de Luizinho, Loureiro e Barros até hoje. Sua maior colaboração foi no governo de Joaquim Rico, que não teve nenhum melhoramento que Zé Deia não tivesse dado sua opinião, destacando a fundação da FAPAP e construção do centro comunitário. Quando Joaquim Rico perguntou como estava o final do prédio, a resposta foi unânime, está tudo pronto. Zé Deia fez tudo. Colaborou com as festas de brinquedos no Natal.

Em 1997, morre sua primeira esposa e em 1998, arrumou uma companheira, Dirce Moreira Ribeiro, com quem vive até esta data.

José Deia teve cinco filhos, Márcio José Mayo Alves, Clara Márcia Mayo Alves, Claudia Margarete Mayo Alves, Carla Maria Assunta Mayo Alves, Teresa Benedita Aparecida Mayo Alves. Teve oito netos, Marina, Clarinha, Gabriela e Bianca, Miguel e Vedrana, Luiz Paulo e Marília e as bisnetas Mel e Maria.



**FOLCLORE E LENDAS**



## Dito Guarú

Guaru é um peixinho pequenininho, barrigudinho, de pequenos córregos, às vezes com menos de cinquenta centímetros de largura e dez a vinte centímetros de profundidade, como o antigo córrego do quintal do Joaquim Mariano, próximo ao fundão da Caixa d'água. Era um peixinho encontrado em grande quantidade, fácil de ser capturado com as mãos. A garotada gostava de pegar os guaruzinhos para apertar sua barriga e ver expelir dezenas de filhotes pela boca.

Você se lembra? Na novela o Bem Amado, no seu final, apareceu um cavaleiro, parando em todas as esquinas da cidade, tocava sua corneta e gritava, “Odorico Paraguaçu morreu!”. Dito Guarú tinha uma função mais ou menos parecida.

Era filho de escravos, baixinho, barrigudinho, de porte meio achatado, vestia uma camisa feita de saco de açúcar, muito usado na época, com gola redonda, calça escura listrada, sempre com um gorro redondo na cabeça, bem parecido com os moçambiqueiros. Nasceu na Fazenda da Barra e cresceu como criado da família Calazans. É bom lembrar que os escravos, mesmo em liberdade, não abandonaram a fazenda dos Calazans. Guarú era um servo fiel, tão fiel que se perguntasse a ele em quem iria votar, a resposta era afirmativa, “O voto é secreto”, mas se alguém pedisse para votar em outro candidato, logo responderia ser fiel aos patrões. “Só voto nos seus candidatos”.

Dito Guarú tinha duas funções especiais. Era membro da irmandade de São Benedito e, como tal, a figura de frente em todas as procissões da paróquia, levando consigo um bastão niquelado, com figura do São Benedito no alto, o mesmo usado até hoje. Além disso, era o homem que arrecadava fundos para irmandade. Percorrendo o município de ponta a ponta, a pé, levava pendurado no pescoço um cofre de madeira, onde guardava as contribuições. Era muito honesto, se precisasse de dinheiro, segundo comentários, ele jogava com o santo o famoso sete e meio, um jogo de baralho, só se apoderando do valor que ganhasse.

Sua primeira função. Sempre uma hora antes das procissões, Guarú percorria todas as ruas da cidade, batendo uma campainha, um sino de metal pequeno, para avisar qual o percurso da procissão. Era necessário para que os fiéis enfeitassem as ruas ou pelo menos as janelas de suas casas. Era uma verdadeira exposição de toalhas de rendas e bordados, uma mais rica que a outra.

A segunda função. Avisar de casa em casa, as pessoas mais importantes e conhecidas, batendo de porta em porta, para dar sempre uma triste notícia. “Fulano morreu, o seu corpo está sendo guardado em sua casa, ou na santa cruz da Vila Modesta, ou do Lava-Pés, ou ainda na santa cruz da Vila Camargo”.

Curioso. As pessoas falecidas na zona rural vinham transportadas na rede, como era conhecido. Uma vara de madeira longa, com uns quatro metros de comprimento, com um lençol amarrado onde os mortos eram carregados até a santa cruz mais próxima, para ali serem colocados no caixão e o acompanhamento do enterro até o cemitério.

Dito Guarú, cujo nome verdadeiro era Benedito Ventura, faleceu no início da década de cinquenta, com ele, suas funções, desaparecendo uma curiosa figura folclórica.

## Praga de Padre

Certa vez, há muitos anos atrás, lá pelo século dezoito, um padre muito bravo, que brigava muito com o povo, teve uma surpresa. Um indivíduo, revoltado com o comportamento do padre, resolveu pregar uma peça. Roubou a bíblia dele e jogou no rio. O padre, furioso, para castigar os fiéis, lançou uma praga sobre a cidade. “Essa bíblia terá que aparecer. Ela será devolvida pelas águas do rio, será trazida até a porta da igreja e a cidade será destruída pelas águas.”

Depois dessa, um tormento. A cada enchente uma preocupação. Será que vai ser

desta vez? As águas vão chegar até a porta da igreja?

O tempo passava, alguns fiéis, os mais tementes, não esqueciam a praga do padre. Os mais conhecidos, talvez os mais preocupados com o problema, eram dois católicos fervorosos, vizinhos um do outro, Miguel Alves e Bento Maia. Rezavam muito, pediam a Deus para que nada acontecesse. A cada enchente, lá estavam os dois, na beira do rio, próximo à bomba do Agenor, medindo a subida da água. Diziam os antigos, as águas das enchentes sobem até a meia-noite, quando ela deve parar, senão, subirá até a meia-noite do próximo dia. A cada meia-noite, que alívio, não era desta vez.

Em fevereiro de 1957, a última grande enchente. Essa pegou de surpresa. Quando souberam que o Rio estava enchendo, as águas já estavam na Rua da Bica. Meu Deus, e agora? Os dois católicos não sabiam se rezavam ou salvavam seus pertences. As águas subiram até chegar ao Largo do Mercado e até à porta da Igreja do Rosário.

A lenda estava cumprida? Talvez. A lenda começou no século dezoito, naquela época a única igreja da cidade era a do Rosário. Mas a bíblia não apareceu. O padre da paróquia tentou acalmar. “Calma Seu Miguel e Seu Bento Maia, se a bíblia não apareceu, ela não vai aparecer mais. Santo Antônio é muito bom, ele vai proteger a nossa cidade”. Os dois ainda tentaram a última cartada: “E se essa represa que vão construir aqui, rebentar?” Pelo amor de Deus, que isso nunca aconteça!

### **Chico Pão - o violinista**

Chico Pão, nascido em Paraibuna, não era analfabeto, filho de família de classe média, ficou sozinho muito cedo. Era uma pessoa muito carente. Tocava viola, violão, cavaquinho, e se tornou folclórico tocando violino. Baixinho, meio corcunda, usava roupa de roceiro, sempre com um tradicional boné de pano redondo. Era uma pessoa muito humilde, gostava muito de criança, nunca fez mal a ninguém. Falava devagar, meio fanhoso, como se estivesse apertando o nariz, com um hábito de esticar o pescoço de lado quando falava.

Vivendo só, meio sem rumo, resolveu de início tentar a vida em São José dos Campos. Tocava seus instrumentos, viola, violão, cavaquinho e até violino nas barbearias da cidade em busca de uns trocados. De início foi bem, mas aos poucos foi decaindo e não dava mais para viver. Voltou para Paraibuna, se enfronhou no sertão, trabalhando na roça, também não deu certo, teve que optar pela profissão antiga, tocar para os outros em troca de qualquer coisa, era a única coisa que sabia fazer e com muita competência.

Chico Pão ficou folclórico. Seu maior prazer era tocar violino. Saudosista, sua música preferida era Saudade de Matão.

Primeira estrofe: Vem que neste mundo eu choro a dor. Por uma paixão sem fim. Ninguém conhece a razão por que eu choro neste mundo assim.

De tempo em tempo, estava na Cidade tocando seu violino, ganhando um dinheirinho e garantindo o seu sustento. Era muito bonito, tocava muito bem, agradava a todos, principalmente às crianças. Ele sabia o gosto de cada uma.

Chico Pão vinha para a cidade todos os finais de semana, logo de chegada já se propunha a tocar seu violino, era seu trabalho. Seu lugar preferido era a Rua da Bica, onde tinha inúmeros amigos e muitos admiradores, mesmo porque lá era o centro comercial da cidade. As músicas mais pedidas eram aquelas que lembravam o passado, que davam mais saudades, como aquela que ele mais gostava, Saudade de Matão, depois, Luar do Sertão, Saudade de Minha Terra e muitas outras. Ele conhecia muito bem os filhos de seus amigos, e, para agradar os pais, perguntava pelos filhos.

Sua presença na cidade era constante, quase todas as semanas ele es-

tava alegrando o povo. O tempo passava, Chico Pão começou a envelhecer, ficando muito doente, não vinha mais. As crianças sentiram sua falta, até que um dia perguntaram ao papai. O Chico Pão não vem mais? A resposta foi demorada. Não. Ele não vem mais. Ele morreu.

### **A serpente**

A lenda da serpente tem uma justificativa. A terra sempre tremeu e ainda treme em Paraibuna. No passado, com a calma da cidade, o silêncio. Naquele tempo, barulho, só o canto dos pássaros. Hoje já não se percebe mais, mas os abalos sísmicos ainda são registrados pelos técnicos da Cesp. Na época da construção das barragens, no término das obras, já quando a represa estava enchendo, esses abalos foram constantes e, até certo ponto, motivo de preocupação. A população alarmada exigiu uma explicação por parte dos técnicos das empresas responsáveis pela construção das represas do Paraibuna e Paraitinga. Entre as empresas aqui instaladas, estava a Geotopo, uma firma especializada em estudo do solo, que atendendo a um pedido do prefeito da época deu a seguinte explicação. Existem no município dois tipos de solos que não se combinam, estão em constante atrito, o seu encontro fica no alto do morro da televisão, na época, Morro Trincado ou Morro do Corpo-seco, como era conhecido, segundo as lendas. De tempo em tempo, há uma acomodação dos solos, causando pequenos tremores de terra.

A LENDA. Cotavam os antigos que, há muitos anos atrás, uma donzela, mãe solteira, deu à luz uma menina. Não querendo que seus familiares soubessem e com vergonha da sociedade, jogou a criança no Rio Paraíba. Sua mãe, sabendo do acontecido, alertou a filha, você não devia fazer isso, ela poderá virar uma serpente, que vai destruir a cidade. A onda pegou. A cidade inteira começou a ficar alarmada. E agora? No primeiro tremor de terra, os cochichos. É a serpente. Ela cresceu, sua cauda esta debaixo da Igreja do Rosário e sua cabeça debaixo da Igreja da Matriz. O medo perdurou por muitos anos. Paraibuna poderia ser destruída a qualquer momento se a serpente resolvesse mudar de posição, se mexer debaixo da terra. A cada pequeno tremor, só restavam as orações, muita reza, muitos terços e pedidos a Santo Antônio para que protegesse a cidade. A lenda já estava quase desaparecida, lá pros meados da década de quarenta no século passado. De repente, tudo recomeçou. As obras das represas chegaram ao seu final. O lago começou a encher de água, com o seu peso os abalos foram constantes, quase duas vezes por dia e muito explícito. Todo mundo sentia aquele frio na espinha, principalmente quando estava dormindo, e o medo estava visível nos semblantes dos mais velhos, até que as explicações da GEOTOPO acalmaram um pouco, mas não convenceram os antigos.

### **João Venâncio**

João Venâncio da Rosa era o seu nome. De família humilde, inteligente, ligado a pessoas importantes de Paraibuna, como o Sr. Cláudio de Souza Camargo. Trabalhava na Vila Camargo, era administrador de uma máquina de beneficiar arroz e outra de beneficiar café.

Com a crise do café e o término do plantio de arroz na região, João Venâncio ficou sem função definida na Vila. Com a velhice chegando, passou a morar nos porões da Casa Grande, o casarão da Fundação Cultural, que também foi fábrica de meias. A partir daí, tornou-se uma figura folclórica.

Para seu sustento, passou a consertar guarda-chuva. Sua figura era inconfundível, terno escuro, chapéu preto, gravata e guarda-chuva debaixo do braço. Visitava diariamente todas as ruas da cidade, pegando e entregando serviços, ou seja, os guarda-chuvas consertados, com mais uma função, levar notícias de última hora por toda a cidade, começando pela Rua da Bica, Rua de Baixo, Rosário e

centro da cidade.

João Venâncio gostava muito de criança, tinha um cavaquinho, ele dizia violinha, mas devia ser mesmo um cavaquinho. Seu local preferido era a Rua Humaitá, em frente à casa do Seu Perácio, o sobradinho ao lado do Depósito Humaitá. Lá cantava a música preferida da criançada, principalmente a filha do Seu Perácio, a Sônia Barbosa. A musiquinha era: “Jacaré comprou cadeira não tem bunda pra sentar. Jacaré comprou sofá, não tem costa pra encostas”.

O tempo foi passando, com o peso da idade, sua cabeça já não estava lá muito boa. Apareceu um zunido nos ouvidos, estava incomodando muito, recorreu a alguns amigos. Mas que amigos? Apareceram logo dois, Geraldo Preto e Salvador Altomari, jovens da pesada. Inventaram uma história. Disseram ao João Venâncio, é pernilongo. Esse zunido com certeza é pernilongo. Coitado, como sofreu. Até que um dia, um farmacêutico muito bom, o Seu Dulcídio Amar, resolveu dar uma mãozinha ao João Venâncio. Com pena do homem, chamou João até sua farmácia e disse, vou tirar os pernilongos de sua cabeça. Fez uma boa lavagem com água oxigenada em seus ouvidos, saindo muita sujeira, e disse, veja quantos pernilongos saíram. João ficou muito feliz, contava a todos o que tinha acontecido.

Como se não bastasse essa história, João já estava com a idade bem avançada, já bem idoso, sua barriga começou a crescer. Estava muito doente. Novamente, seus amigos em ação, sem piedade, inventaram outra história, disseram ao pobre João, isso é gravidez. Inconformado, disse, como? Eu não fiz nada. Como isso pode acontecer? Os dois maldosos perguntaram, você não deixou alguém dormir lá no seu quarto? João confirmou, sim, um amigo dormiu lá. Então foi isso! Coitado, contava a história para todos, estou grávido. Ninguém conseguia tirar isso de sua cabeça. Morreu sem que essa história fosse desfeita.

### **O lobisomem da Rua da Bica**

Foi na década de quarenta. Século passado. Por um bom tempo, o lobisomem fez a festa na Rua Bica. Um comerciante do largo do Mercado tinha um problema de saúde, uma asma crônica, aparente mesmo no seu estado normal de saúde, vivia constantemente com dificuldade respiratória. À noite, quando a crise apertava, sem poder dormir, saía pela rua em busca de ar puro e passar o tempo. Só que, nessas caminhadas, muitos fatos eram flagrados, namoros proibidos, visitas estranhas em casas estranhas e muito mais. O comerciante era também cartomante, gostava de tirar sorte e ler as mãos. Esses flagrantes aumentavam os seus conhecimentos, fortalecendo o seu conceito. Então, começou a sair à noite cada vez mais.

Na Rua da Bica tinha muitos cachorros. Residiam ali, caçadores, como os senhores Santinho Vitu, Seu Ivo, Seu Serafim e outros. Em cada passada pela rua, os cachorros ficavam barulhentos, uivavam e latiam muito, até que um dia alguém viu algo estranho, parecido com um lobisomem. A notícia se espalhou, chegando ao conhecimento do comerciante. Uma boa, além de sua caminhada pela rua, ele provocava os cachorros para que o barulho fosse mais forte.

Naquela época, era comum os homens usarem uma capa de feltro, grossa, de cor escura, comprida até os pés, para se proteger do frio, chuva. Quando cavalgando, protegia também os cavalos. O comerciante usava uma dessas capas. O lobisomem cada dia ficava mais famoso e o comerciante se divertindo cada vez mais. Cada morador contava uma história, todos viram alguma coisa, mas a imaginação era para o lobisomem.

Alguém tinha que tomar providência. Até que os caçadores resolveram por fim na história. Fizeram uma reunião. Tudo acertado. Ficar de tocaia, armados com cartucheira e tudo, foi a proposta aprovada. O comerciante participou da reunião. O lugar estratégico era o quintal da casa do Bento Maia, muito grande e com uma

criação de galinhas e frangos de onde todas as semanas sumia um. Certamente o lobisomem estava comendo.

No dia marcado, uma sexta-feira, também com a participação do comerciante, o plano estava sendo executado. Meia-noite. Um barulho no quintal. As galinhas acordaram, todos foram para o local. Um tiro. Aquela correria. Seria o lobisomem? Com certeza. Foi uma festa.

Logo de manhã todos procuravam vestígios e encontraram gotas de sangue próximo à cerca de taquara e arame farpado. Pela lenda, o encanto do lobisomem teria acabado. Ele não voltaria mais.

Na verdade, era um ladrão de galinha que foi pego de surpresa e se arranhou todo na cerca. Passado muito tempo, o comerciante, debaixo de muito segredo, resolveu contar tudo a seus principais amigos. Nada poderia ser revelado, para não quebrar o seu conceito de homem honesto e honrado e para não ter que prestar conta de tudo que ele sabia a respeito do proibido.

Essa é mais uma lenda entre as muitas que surgiram na Rua da Bica.

### **Zé das Moças**

Zé das Moças, uma figura folclórica, ficou muito conhecido na década de trinta e início da década de quarenta do século passado. Companheiro de João Venâncio na administração das máquinas de beneficiar arroz e café na Vila Camargo. Uma pessoa bondosa, meiga, inofensiva, baixinha, sempre de terno branco. Gostava muito de tocar sua violinha, uma viola pequena, mais parecida com um cavaquinho. Com a desativação das máquinas, praticamente ficou desempregado, ou melhor, sem função na Vila Camargo. De início, foi fácil. Parceiro de João Venâncio, cantava suas modinhas para passar o tempo, agradar as pessoas e conseguir uns trocados para seu sustento.

João Venâncio compunha suas próprias músicas e, dentre elas, uma muito solicitada, que tinha sua primeira estrofe mais ou menos assim:

Esta noite eu tive um sonho.

Lindo, pena não ser verdade.

As ruas de queijo, pão de ló era a calçada.

No chafariz, corria gostosa feijoada.

Zé das Moças, além de ser carinhoso, respeitava muito as pessoas. O tempo passava, já no fim da década de trinta inícios de quarenta, começou uma nova função, arrumou um compromisso, ser guarda-costas de donzelas da Vila Camargo. A Vila ficava mais de um quilômetro distante do centro da cidade. Naquela época era um espaço totalmente deserto, tinha apenas duas casas, assim mesmo, desabitadas. As mocinhas não podiam vir à cidade sozinhas, era supostamente muito perigoso. Não tinha meio de transporte a não ser no “pé dois”. Zé das Moças acompanhava as meninas até a cidade e depois as trazia de volta.

Nas horas de folga, enquanto as donzelas ficavam na cidade, Zé das Moças, inteligente e muito querido, aproveitava o espaço livre para fazer um pequeno galanteio a suas amigas, aquelas mais conhecidas e que já estavam acostumadas com seu jeito de ser. Ele chegava até a porta das casas, batia e se propunha a fazer um soneto de improviso ou recitar uma poesia, sempre dedicado à pessoa, tudo pôr uns trocados. Assim passava o tempo.

Zé das Moças tinha sua preferida. Era apaixonado pôr uma viúva que residia bem no centro da Rua de Baixo. Era uma viúva com muitas filhas solteiras. Certo dia, resolveu fazer uma serenata para ela e começou a seresta com uma música que tinha seu início mais ou menos assim:

Acorde virgem, não durma,

Que seu amante vem cantar.

Antes do término da estrofe, um balde de água acabou com sua alegria,

com sua amada furiosa gritando assim, “aqui não tem nenhuma virgem!”. Zé das Moças retrucou, desculpe, eu não sabia.

Nosso querido Zé das Moças desapareceu nos meados da década de quarenta, deixando boas lembranças e muitas saudades a todos que o conheciam

### **O cavalo sem cabeça**

Coisas estranhas? Só na Rua da Bica. Boitatá, porca dos sete leitões, bruxas, lobisomem e muitos outros, além do mais temido da criançada, o Saci-Pererê, que era a principal arma para as mães segurarem os filhos dentro de casa.

Naquela época, as ruas eram de terra batida, com muita areia solta, muito verde, com muitas árvores históricas, principalmente no Largo do Mercado. No outono, as folhas das árvores tomavam conta das ruas, principalmente no campinho no fundo da Escola Cerqueira César. Com muito vento, era constante a formação de rodaminhos, vento em círculo girando. O fenômeno muitas vezes formava uma roda de folhas mortas, com mais de dez metros de altura. Para as mães, um prato cheio. É o Saci-Pererê, diziam as mães para os filhos, é ele que faz o rodaminho, e mais, ele pode levar as crianças. Todos tinham medo. Era só ver um rodaminho e pronto... Não ficava uma criança, todas corriam sem direção para escapar do Saci.

O campinho da escola tinha sido cemitério, isso foi antes do século dezoito. No final da década de trinta, um fenômeno estava acontecendo ali. Os moradores da Rua da Bica estavam ficando apavorados, num verão do final da década de trinta, pequenas labaredas de fogo saíam do solo, pondo medo em toda a população. Seria um Boitatá ou seria o fim do mundo? Aí, veio uma explicação. Eram gases que estava sendo expelidos das antigas sepulturas e que se tornavam incandescentes ao entrar em contato com a atmosfera. Com tudo isso, só faltava um cavalo sem cabeça... E apareceu!

Passado alguns anos, depois do Lobisomem, algo estranho estava acontecendo. Todas as quartas-feiras, um barulho estranho na rua, parecido com “procotoque, procotoque, procotoque”. Um cavalo andando na rua depois da meia-noite! Esse barulho era ouvido todas as semanas, no mesmo dia e mais ou menos na mesma hora, incomodando todos os moradores da rua. Até que alguém espirituoso alertou. Isso é um cavalo sem cabeça. O boato correu pelos quatro cantos da cidade e sem explicação. Mas, na realidade, o que estava acontecendo era muito simples.

A fiscalização era muito rigorosa no passado. Para entregar mercadoria sem nota, só fora de hora. Um senhor, dono de um depósito de bebidas, costumava entregar seus produtos à noite, principalmente quando se tratava de aguardente, a pinga da boa. Na Rua da Bica, tinha um comerciante que só vendia pinga, de todas as marcas, mas que saía de um só barril. O entregador usava uma carrocinha de madeira, com as rodas também de madeira sem proteção, o que causava certo desgaste, ficando oval. Ao rodar pela rua, fazia um barulho muito parecido com um cavalo andando devagar. Todos queriam ver, mas tinham medo, até que alguém viu como era a coisa. O entregador tinha uma capa grande de cavaleiro, muito grande, que cobria tanto o seu corpo como a carrocinha. Tudo era bem disfarçado, nem o entregador nem o produto podiam ser reconhecidos. A ideia do cavalo sem cabeça foi confirmada. Todos os moradores da rua olhavam pela fresta da porta e viam um cavalo sem cabeça.

Isso não podia continuar, até que os moradores se reuniram, mais uma vez os senhores: Berto Vitu, Santinho Vitu, Joaquim Mariano, Bento Maia, Zé Pinto, Gusto Rico, Chico Neves e a mulherada. A decisão foi unânime, vamos resolver esse problema, vamos ficar de tocaia e pegar o bicho. Mais uma quarta-feira, todos bem armados, esperando o fenômeno. Os homens com espingarda, revólver e garruchas. As mulheres com água benta e terços. Mais de meia-noite. Um silêncio. De repente,

o “procotoque”. O que será isso?

Devagar, foi chegando. Todos saíram para a rua. Na frente, as mulheres com o terço e a água benta, atrás os homens bem armados. Uma surpresa. Seu Lobato, o comerciante dono da encomenda, saiu gritando; cuidado, cuidado, não atire! Ele não é um cavalo sem cabeça, é um entregador de pinga. O coitado estava estirado no chão, morrendo de medo, certamente pensando, dessa eu não escapo. Assim termina mais uma lenda da Rua da Bica.

### **O peru - João Cândido**

João Cândido, irmão de Pedro Cândido, que tinha um sítio no Bairro do Chororão, onde morava. Homem bom, trabalhador, honesto, inteligente, criativo, bem humorado, muito educado e respeitador das pessoas, mas um alcoólatra consciente, gostava de beber. Trabalhava de segunda a sexta. Sábado para domingo era só para beber.

João tornou-se conhecido desde os meados da década de trinta até aos meados dos anos cinquenta. Foi muito popular nesse período. Uma autêntica figura folclórica. Tinha seus hábitos e costumes. Não era iletrado, mas tinha seu próprio alfabeto, muito engraçado, e quando bêbado falava constantemente.

Para um bom entendedor um pingo é letra. Em seu alfabeto, dizia e ensinava:

Um jota e um pingo – Zé Domingo.

Um jota e um risco – Zé Francisco.

Um pê e um traço – Pedro Inácio.

Assim as centenas de expressões, pena que não foram todas registradas. Era uma das principais figuras nas danças de jongo, uma dança africana praticada em volta das fogueiras, cantando desafios com o nome de ponto de jongo. Seu principal opositor, ou melhor, opositora, era uma negra, filha de uma escrava, serva do proprietário da Fazenda do Porto, o Coronel Marcelino. A única que desatava todos os pontos. As fogueiras eram comuns em todas as principais festas da cidade. Ali eram criadas as várias estrofes que se tornavam populares e muito pronunciadas pelo próprio João Cândido, quando bêbado, sempre sentado nas calçadas do Mercado Entre elas:

O tatu tá de cangalha, mantimento de quem é?

Resposta: Mantimento do Zé Daher.

O tatu comprou cangalha, não tem nada pra carregar.

Resposta: Alguém, seu amigo, que tinha comprado um caminhão e não foi bem sucedido.

Vire o tacho, bota o peru de baixo, solte a cabra, amarre o bode, com ele ninguém pode.

Resposta: Com Felipe ninguém pode. Dr. Felipe era candidato a prefeito na época.

João Cândido não gostou da administração do Dr. Felipe e numa próxima oportunidade, lançou um ponto de jongo, assim:

Na Fazenda Fortaleza, tem dois galos que são uma beleza. Quem são eles?

Resposta: Agenor Camargo e Nicanor, chefes políticos na época.

João tinha um ponto que gostava de cantar toda vez que passava alguém que não gostava dele: Um homem é um homem, um gato é um bicho. Isso significava que ele não era bicho e merecia respeito.

João Cândido trabalhava a semana inteira, no sábado vinha para a cidade. Primeiro, fazia suas compras no Mercado e guardava na casa que pertencia ao seu irmão na Rua da Bica. Depois ia até o boteco do Seu Lobato, que só vendia pinga. Enchia a cara e se tornava uma figura folclórica, para alegria da criançada, principalmente o Dedé Mariano, que provocava o João Cândido o tempo todo. Ele tinha um apelido: “O peru”. Era só gritar O peru!, a resposta era na hora: quantas penas

sua mãe tem no pé?

Aí, tem uma passagem que marcou muito a vida de um garoto, o Zé Toledo.

Vicente Rico, num inverno, naquela época, muito frio, estava curtindo um belo sol em frente ao armazém do Gusto Rico, seu irmão. A ver Zé Toledo passando em frente, louco por uns trocados, naquela época dinheiro era coisa rara, chamou o garoto e ofereceu duzentos reis para ele gritar “O peru!”. João Cândido estava sentado na calçada do Mercado, já bêbado como de costume. Não precisou insistir. Gritou logo, bem alto, o peru! Por azar do Zé Toledo, seu pai ia passando ali nesse momento. Deu-lhe um tremendo tabefe na cara que foi parar longe.

Para surpresa de todos, João Cândido levantou e gritou, não bata no garoto, ele não tem culpa, o culpado sou eu, que gosto muito das crianças e é por elas que bebo, quando ninguém mexe comigo fico triste.

### **A mãe de ouro**

Eram felizes e sabiam. Vários garotos, com as mais diversas idades, viviam num paraíso, composto de montanhas, matas, animais exóticos, tudo muito lindo, chamado Rua da Bica, que incluía o Largo do Mercado, Rua Nova, Morro do Rocio, Fundão da Caixa d'Água, Mata do Joaquim Mariano, Morro da Dona Pureza e do Sr. Pedro Carvalho e Rua da Bica. Vasculhavam tudo nesse paraíso. José Deia, Onofre Barreto, Bentinho Maia, Agenor do Santinho, Dito do Berto, Zé Toledo, uns maiorzinhos como Antônio Maia, Dito Lamparina, Tião Patacho, Antônio Machado, Ozires Camargo e outros. Todos os dias, as principais figuras, aquelas que não faltavam em nenhuma aventura, os menores, José Deia, Bentinho Maia e Onofre Barreto, partiam para algum canto do paraíso.

O ponto preferido, o Fundão da Caixa d'Água. Era maravilhoso. No caminho que levava até o final, era possível encontrar de tudo, principalmente lagarto tomando sol - no começo um pouco de medo, depois era correr atrás do bicho para espantá-lo. Não tinha coisa mais pitoresca.

No Morro do Rocio, no ponto mais alto, a coisa mais linda, um panorama sem igual, um mirante que valia a pena, um horizonte que levava longe, além da cidade inteira.

No Joaquim Mariano, a mata com muitas frutas que davam gosto de comer e chupar, principalmente a jabuticaba do mato, bem igual à jabuticaba. Muito doce e muito ácida.

No morro da Pureza e Pedro Carvalho, muitos animais, como lebres, coelhos, tatu e outros que não sabiam o nome, mas que dava uma canseira na tentativa de capturá-los, sempre sem sucesso.

O anjo da guarda estava sempre ao lado das crianças e nada de mal acontecia. Por acaso foi visto no paraíso uma aranha gigante. Dois garotos acharam curioso e partiram para uma aventura, caçar aranhas. E conseguiram. Chegaram a suas casas com uma lata com várias aranhas e dentre elas uma tremenda, uma gigantesca. Foi pavoroso, assustou o pessoal da Rua da Bica, principalmente seus pais e amigos mais chegados. Bento Maia, um sábio, foi logo acalmando a todos, não tenham medo, o anjo da guarda está ao lado de cada um deles e nada acontecerá.

Nas noites de inverno muito frias, o local preferido era uma calçada de pedra bruta que circundava um antigo prédio no largo do mercado, muito conhecido por Cadeia Velha. O sol batia a tarde inteira em sua lateral, deixando a calçada aquecida até altas horas da noite, além de ficar protegido do vento. Era um local quentinho, gostoso, tornando-se o ponto ideal para o encontro dos meninos. Ali, batiam papos, contavam histórias, sonhavam, falavam do futuro, até a noite ficar bem escura. Enquanto tinha gente se movimentando na Rua da Bica, lá estava a turminha sentada na calçada da Cadeia Velha, esperando o chamado de suas



mães, que gritavam bem alto, Bentinho, Toninho, Ditinho. Estava na hora de todos irem para casa, dormir, e não precisavam chamar duas vezes.

Numa dessas noites escuras, bem estrelada, como nunca mais se viu até hoje, um risco no céu. Direção: Morro da D. Pureza. O que será isso? Numa conversa e outra entre os mais velhos, uma lenda. Existia num morro bem alto, uma pedra, onde a mãe de ouro descia, escondendo seu ouro. Isso mexeu com a cabeça dos garotos, principalmente três deles, Onofre, filho de D. Pureza, a dona do morro onde morava a mãe de ouro, José Deia e Bentinho Maia. Depois de muita conversa, ficou combinado. Vamos achar a casa da mãe de ouro.

Lá foram os três meninos. Na primeira tentativa, saíram muito cedo, subindo morro acima, mas antes de chegar ao meio do caminho, passou um avião da VASP – pronto, já são nove horas e meia, temos que voltar, está chegando a hora do almoço e temos que estar em casa. Naquela época, ninguém tinha relógio, os fenômenos é que determinavam as horas do dia, principalmente os horários de aviões. Segunda tentativa, não deu certo, não encontraram a pedra. Terceira tentativa, já com muita canseira, no ponto mais alto do morro, surpresa, lá estava uma pedra quadrada. E daí? Todos examinaram a pedra, deitavam sobre ela, escutavam, parecia que tinha alguma coisa dentro dela. Todos confirmavam, é ela, é ela mesmo. Estavam com a mão na mina de ouro, mas não sabiam como pegar. O que fazer? Descobrir uma senha, uma palavra mágica? Todas que conheciam não funcionaram. Eles acreditavam piamente que lá estava a mina de ouro.

O tempo passava. Fim de férias. As aulas recomeçaram, era no Grupo Escolar “Dr. Cerqueira César” O ensino naquela época era bastante avançado, logo no primário, da primeira até a quarta série, já se aprendia de tudo, português, matemática, história, geografia, ciência e muito mais. Numa aula de geografia, o assunto foi meteoro, e falou-se sobre meteoritos. Uma aula que não queriam assistir! A explicação, que os meteoritos são fragmentos de planetas que ficam rodando pelo espaço e que, ao entrar na atmosfera, tornam-se incandescentes, proporcionando aquele espetáculo que para eles era a mãe de ouro, não agradou os garotos. Aquele risco no céu, que parecia cair no morro da D. Pureza, não era a mãe de ouro e sim um meteorito. Que pena! Acabou a brincadeira, não tinha mais as mães de ouro. Um sonho que todos queriam que continuasse pelo resto de suas vidas.

### **Gulino - o carapina**

Gulino, uma figura curiosa. Talvez tenha sido o único homem a cortar o nariz com “enxó”. Gulino, como muitas outras pessoas, era de uma família que veio de muito longe. Seus ancestrais eram judeus que fugiram para Portugal. De lá, parte de sua família foi mandada para o Brasil, lá pelo início do século dezoito, com a missão de cultivar terras, cabendo para eles uma gleba muito grande, numa região onde fica hoje a Fazenda Brasil, Bairro do Tapanhão, Município de Jambeiro. Dos seus bisavôs, surgiu uma família com cinco filhos, Carolina, Maria, Pedro, Miguel e Gulino. Primeiro faleceu seu pai, Vicente Alves, depois, sua mãe. Ficando sozinhos, seus irmãos, desorientados, sem recursos, abandonaram as terras e partiram para a vida, um de cada lado. De início, Miguel e Gulino foram para a Fazenda do Paraitinga, da família Calazans, um verdadeiro centro comercial na época, com serviços para todos que queriam trabalhar. Gulino aprendeu o ofício de carpinteiro, marceneiro, tornando-se um competente carapina. Sua especialidade era construir roda d’água, uma roda gigante, usada para mover moinhos, máquinas de beneficiar arroz, café e também gerar energia elétrica nas grandes Fazendas.

Gulino ficou famoso, muito conhecido. De início, foi trabalhar na fazenda Boa Esperança, onde viveu a vida toda. Era, na época, o único carapina da região capaz de construir uma roda d’água. Com o tempo, tornou-se um alcoólatra. Bebia até cair. Sábado e domingo era só para beber.

Vivia trabalhando de fazenda em fazenda. Nessa, foi trabalhar numa fazenda de café, a Fazenda Rancho Alegre, no Bairro Capim D'Angola, pertencente ao Senhor Armando Camargo, um senhor muito divertido, que gostava de brincar com as pessoas, sempre com respeito.

Durante o tempo em que trabalhou para o Seu Armando, todos os dias fazia uma perguntinha muito marota, como: “Já bebeu hoje?” ou “É verdade que se não tomar uma você não sabe trabalhar?” Numa dessas perguntinhas irritantes, disse: Sabe, seu Gulino... Ouvi falar que um carapina cortou o nariz com enxó! Essa ferramenta, das mais antigas, era de formato impossível de cortar o nariz. É como se fosse um enxadão curto, com cabo parecido com o do ferro de passar roupa, com corte voltado para baixo e muito afiado. Teria que virar a ferramenta com o corte para cima e bater no nariz, o que seria impossível. Seu Gulino, bastante irritado, respondeu: Como? Isso é impossível! Só se ele fizesse assim! Virou a ferramenta para cima e sem querer bateu no nariz, acontecendo o impossível. CORTOU O NARIZ COM ENXÓ!

### **O aviador**

O Aviador, nascido no Bairro do Cedro em mil novecentos e onze, sem visitar muito a cidade, foi para escola aos nove anos de idade. Logo nos primeiros dias de aula, quando se preparava para ir à escola, viu um objeto estranho no céu. Alguma coisa diferente, estranha, barulhenta. Assustado, foi para a escola. Lá chegando, a primeira coisa que fez foi contar história ao professor. Domingos era o seu nome. Este, que sabia de tudo, deu logo a explicação: “Esse objeto é um avião e tem como chofer um aviador”. O garoto não entendeu muito bem, mas logo pensou, vou ser um aviador. Assim ficou conhecido pelo resto da vida.

Passado um bom tempo, em 1931, o Aviador recebeu uma notícia por intermédio de um funcionário da Prefeitura, você foi sorteado, terá que sentar praça. Uma expressão usada na época que quer dizer: você vai para o Exército. Vai ter que se apresentar em Lorena, até o fim do mês que vem. Assim sendo, antes de terminar o prazo marcado, lá estava o Aviador se apresentado no Quartel do Exército, na cidade de Lorena.

Um ano depois, quase terminando o seu tempo de servir o exército, por infelicidade do Aviador, arreventou a Revolução de 32. Os Paulistas lutando contra a Federação. Objetivo, separar São Paulo do resto do país. O Aviador foi para frente de batalha, sem entender nada do que estava acontecendo.

Logo nos primeiros dias, o vermelhinho, um avião teco-teco que atacava os paulistas, apareceu no céu metralhando os soldados, apavorando o nosso Aviador. A ordem era a seguinte: ao soar das sirenes, todos para as trincheiras. Os vermelhinhos vão atacar. Num desses ataques, não deu tempo para o aviador correr para a trincheira, ele ficou debaixo de uma árvore e, como o teco-teco passou muito baixo, o Aviador arriscou alguns tiros de fuzil. O teco-teco foi atingido e se esborrachou no solo. Para o Aviador uma festa, foi ele que derrubou o avião, mas, para o comando, foi a artilharia antiaérea. Ele não se conformou, pensando, derrubei o avião e ninguém acreditada.

A revolução acabou. O Aviador voltou para casa e foi trabalhar para o Senhor Emogênio Soares, no bairro do Espírito Santo. Com a cabeça atrapalhada, tornou-se uma figura folclórica, perambulando pelas ruas, sempre bêbado, confirmando seu nome “O Aviador”. Viveu muitos anos assim. Todo mundo conhecia o Aviador. Era só aparecer, lá estava um garoto, um jovem ou uma pessoa qualquer para perturbar, perguntar e ouvir suas histórias, as histórias do Aviador.

Ele tinha um cachorro, seu amigo inseparável, o Onda. Cada vez que alguém o perturbava ele retrucava, gritando, bravo: Onda, policial dos miúdos, pega o malfazejo! O cachorro atacava o malfazejo, o qual tinha que sair correndo. Todos apreciavam suas histórias, suas sonhadas aventuras no seu imaginário avião, mas

o que mais ele gostava de contar era uma viagem que fez até as cordilheiras dos Andes. Ele fez um voo rasante, até levantou folha de caguatá, uma planta encontrada somente nessa região.

O tempo passou. Um belo dia, aconteceu um acidente no milharal do Seu Antônio Però, no bairro da Varginha. Um teco-teco fez um pouso forçado, faltou combustível, e o piloto teve que descer. Isso foi em 1942. O aviador, sabendo da notícia, correu logo para lá e acompanhou de perto todo o movimento com o teco-teco. Como não dava para retirar o aparelho inteiro, o avião foi desmontado e suas asas foram carregadas, até a sede da Fazenda, no carro de boi. O corpo foi arrastado por uma junta de boi. Tudo acompanhado de perto pelo aviador. Terminado a operação resgate, o teco-teco foi transportado até a capital em um gigantesco caminhão.

O Aviador não perdeu tempo, veio até a cidade e desabafou: Ninguém acreditou que fui eu que derrubei o vermelhinho na revolução, mas agora quero ver quem dúvida, derrubei outro avião com seis tiros de fuzil. Logo em seguida o Aviador sumiu, ninguém mais o viu.

### **O diabo passou por aí**

Dito Jacinto era uma pessoa muito simples, que morava próximo à Fazenda das Laranjeiras, no Bairro do Lava-pés, comprava e vendia gado para abate. No início da semana, logo na segunda-feira, ele ia de sítio em sítio, fazenda em fazenda, como intermediário dos açougueiros para compra de bois ou vacas para corte. Na quinta-feira, o recolhimento do gado e, na sexta-feira, o abate e entrega. Terminado o trabalho, as comemorações. Jacinto gostava de uma pinguinha. Sem limites, bebia até cair.

Seu ponto predileto, o boteco do Lobato, um barzinho na Rua da Bica, o local preferido das pessoas mais humildes, principalmente os da zona rural. Só vendia pinga da boa, das mais diversas marcas, mas todas do mesmo barril. Seu Lobato era muito gentil para com sua freguesia, baixinho e barrigudo, sempre com as calças meio caídas e barriga aparecendo.

Jacinto, quando terminava sua tarefa da semana, na sexta-feira à tarde, ia para o barzinho do Lobato e só saía quando o boteco estava fechando. Voltava para casa, fazendo muito barulho, assombrando os moradores por onde passava.

Numa de suas compras, encontrou uma vaca muito bonita, com chifres grandes, curvos e bem alongados. Lembrou que seu sítio precisava de um espantalho. Cabeça de boi era o espantalho preferido na época. Depois da matança, separou logo o candidato, colocou dentro de um saco de estopa, mas primeiro foi fazer sua tradicional visita ao boteco do Lobato, onde ficou até altas horas da noite.

De volta para casa, ao chegar à saída da cidade, numa esquina onde existia uma santa-cruz, encontrou uma fogueira. Era uma noite muito fria, mês de junho, alguns andarilhos estavam fazendo pernoite dentro da casinha da santa-cruz. Para esquecer um pouco do frio fizeram uma fogueira no meio da rua. Jacinto, vendo a fogueira, também com muito frio, resolveu fazer uma parada, curtir o calor do fogo, ainda em brasa. Muito bêbado, dormiu.

A cabeça de boi caiu na fogueira e começou queimar, exalando um cheiro de carne assada. Os andarilhos sentiram aquele cheirinho gostoso, que mais parecia uma miragem. Carne assada, àquela hora da noite, não era possível! Saíram logo correndo para ver se isso era verdadeiro. Uma cabeça de boi, assando na fogueira? Fizeram a festa. Devoraram tudo o que podiam, ficando somente os ossos e os chifres. Como recompensa, acabaram de encher o tanque do Jacinto com mais alguns bons goles de cachaça.

Jacinto, já mais que bêbado, colocou o chifre na cabeça e continuou a caminhada para casa, gritando, cantando, tudo atrapalhado, assustando os mo-

radores da beira da estrada, até chegar à sua casa. Alguns, os mais espirituosos, tentaram ver o que estava passando e deram com uma coisa estranha, com chifre na cabeça. Como era uma sexta-feira, logo imaginaram, é o Diabo! Como histórias de assombração estavam em alta na época, a coisa pegou, a notícia se espalhou, todos acreditaram. Era o DIABO CHIFRUDO que passou ali.

Os familiares do Jacinto ficaram sabendo, mas, ao verem a cabeça do boi, logo imaginaram, isso é coisa do Jacinto. Como a história estava engraçada, aceitaram o fato e todos confirmaram: O DIABO PASSOU POR AÍ.

### **A calça sem bolso**

Dito Euzébio trabalhava, ou melhor, era criado de uma fazenda no Bairro Capitão Maneco, onde nasceu. Abraçou a profissão de domador de burro. Mesmo quando adolescente, já quase adulto, usava uma calça que era o costume na zona rural, meio curta, descendo pouco abaixo do joelho, justa nas pernas e folgada no corpo, algumas com elástico na cintura e uma tira de pano servindo de suspensório, conhecida na cidade como calça de pegar foguete, calça canudo de pito ou calça de pular brejo.

### **II**

Uma vez, certa família tinha vendido sua propriedade na zona rural e vindo morar na cidade. Era a família dos Ribeiros, que tinha como chefe o Sr. Osório Ribeiro, o qual, dentre outros, tinha um neto com nome de Manoel Ribeiro, filho de Antônio Ribeiro. Ao vir para cidade, tiveram que matricular o Manoel na escola, no Grupo Escolar “Dr. Cerqueira César”. Logo no primeiro dia de aula, ele foi com uma roupa muito limpa, bem passada, mas no estilo zona rural, que poderia ser chamado, digamos, canudo de pito. Um colega de classe, uma figura muito espirituosa, Antoninho Maia era o seu nome, especialista em apelidar colegas, como Dito Golate, Dito Lamparina, Dito Magro, Dito Gordo, para o Manoel sobrou Manoel Foguete.

### **III**

Naquela época, os empregados das fazendas eram verdadeiros escravos, trabalhavam, trabalhavam, e só recebiam vales, ordem por escrito para compra exclusivamente no empório da fazenda, e quando queriam acertar as contas estavam sempre devendo.

Era tempo de festa, próximo à Semana Santa. Dito Euzébio precisava de uma roupa nova, procurou um alfaiate, o João Pão Doce, e fez sua encomenda. Ao retirar a calça nova, notou que ela não tinha bolso. Foi logo reclamar para o alfaiate. A resposta foi imediata: “Por que você quer bolso? Você não recebe dinheiro. Você não tem dinheiro para por no bolso.” Depois, quando Dito Euzébio ia se casar e precisava de um terno, não procurou mais o Pão Doce, preferiu outro alfaiate, o Santo Mariano. Naquela época, era costume fazer roupas sem medida, usava-se outra peça como amostra para fazer igual, do mesmo tamanho e modelo. Escolheu um pano azul marinho e levou como modelo a calça feita pelo João Pão Doce. Quando foi pegar a encomenda, a surpresa: “MAIS UMA CALÇA SEM BOLSO”!

### **O cavalo sem cabeça**

Coisas estranhas? Só na Rua da Bica. Boitatá, porca dos sete leitões, bruxas, lobisomem e muitos outros, além do mais temido da criançada, o Saci-Pererê, que era a principal arma para as mães segurarem os filhos dentro de casa. Naquela época, as ruas eram de terra batida, com muita areia solta, muito verde, com muitas árvores históricas, principalmente no Largo do Mercado. No outono, as folhas das árvores tomavam conta das ruas, principalmente no campinho no fundo da Escola Cerqueira César. Com muito vento, era constante a formação de rodam-

oinhos, vento em círculo girando. O fenômeno muitas vezes formava uma roda de folhas mortas, com mais de dez metros de altura. Para as mães, um prato cheio. É o Saci-Pererê, diziam as mães para os filhos, é ele que faz o rodaminho, e mais, ele pode levar as crianças. Todos tinham medo. Era só ver um rodaminho e pronto... Não ficava uma criança, todas corriam sem direção para escapar do Saci.

O campinho da escola tinha sido cemitério, isso foi antes do século dezoito. No final da década de trinta, um fenômeno estava acontecendo ali. Os moradores da Rua da Bica estavam ficando apavorados, num verão do final da década de trinta, pequenas labaredas de fogo saíam do solo, pondo medo em toda a população. Seria um Boitatá ou seria o fim do mundo? Ai, veio uma explicação. Eram gases que estava sendo expelidos das antigas sepulturas e que se tornavam incandescentes ao entrar em contato com a atmosfera. Com tudo isso, só faltava um cavalo sem cabeça... E apareceu!

Passado alguns anos, depois do Lobisomem, algo estranho estava acontecendo. Todas as quartas-feiras, um barulho estranho na rua, parecido com “procotoque, procotoque, procotoque”. Um cavalo andando na rua depois da meia-noite! Esse barulho era ouvido todas as semanas, no mesmo dia e mais ou menos na mesma hora, incomodando todos os moradores da rua. Até que alguém espirituoso alertou. Isso é um cavalo sem cabeça. O boato correu pelos quatro cantos da cidade e sem explicação. Mas, na realidade, o que estava acontecendo era muito simples.

A fiscalização era muito rigorosa no passado. Para entregar mercadoria sem nota, só fora de hora. Um senhor, dono de um depósito de bebidas, costumara entregar seus produtos à noite, principalmente quando se tratava de aguardente, a pinga da boa. Na Rua da Bica, tinha um comerciante que só vendia pinga, de todas as marcas, mas que saía de um só barril. O entregador usava uma carrocinha de madeira, com as rodas também de madeira sem proteção, o que causava certo desgaste, ficando oval. Ao rodar pela rua, fazia um barulho muito parecido com um cavalo andando devagar. Todos queriam ver, mas tinham medo, até que alguém viu como era a coisa. O entregador tinha uma capa grande de cavaleiro, muito grande, que cobria tanto o seu corpo como a carrocinha. Tudo era bem disfarçado, nem o entregador nem o produto podiam ser reconhecidos. A ideia do cavalo sem cabeça foi confirmada. Todos os moradores da rua olhavam pela fresta da porta e viam um cavalo sem cabeça.

Isso não podia continuar, até que os moradores se reuniram, mais uma vez os senhores: Berto Vitu, Santinho Vitu, Joaquim Mariano, Bento Maia, Zê Pinto, Gusto Rico, Chico Neves e a mulherada. A decisão foi unânime, vamos resolver esse problema, vamos ficar de tocaia e pegar o bicho. Mais uma quarta-feira, todos bem armados, esperando o fenômeno. Os homens com espingarda, revólver e garruchas. As mulheres com água benta e terços. Mais de meia-noite. Um silêncio. De repente, o “procotoque”. O que será isso?

Devagar, foi chegando. Todos saíram para a rua. Na frente, as mulheres com o terço e a água benta, atrás os homens bem armados. Uma surpresa. Seu Lobato, o comerciante dono da encomenda, saiu gritando; cuidado, cuidado, não atire! Ele não é um cavalo sem cabeça, é um entregador de pinga. O coitado estava estirado no chão, morrendo de medo, certamente pensando, dessa eu não escapo.

Assim termina mais uma lenda da Rua da Bica.

### **O diabo no salão**

Segundo uma lenda, numa fazenda muito antiga no Bairro do Salto, próxima à Fazenda São Pedro, o Diabo dançava nos bailes, junto com os participantes, no salão.

Diziam os mais antigos que era comum os bailes nos fins de semana, num salão muito grande, no qual antes tinha sido senzala, local de maus tratos aos

escravos da fazenda. Um capataz muito violento, do tipo que não respeitava nada, sempre fazendo desafios, resolveu desrespeitar os costumes, o respeito e temor a Deus. Mandou preparar o salão e disse que faria um baile em plena Sexta-Feira Maior, a sexta-feira da Paixão na Semana Santa. O temor dos colonos era grande, se existia um dia que rigorosamente deveria ser respeitado era esse. O capataz foi intransigente, afirmou que o baile seria realizado de qualquer maneira. Obrigou todos os colonos a participar e mandou convidar toda a vizinhança.

O dia chegou. Com sanfoneiros, tocadores de violão e cantores, o baile começou. Não demorou muito tempo, era mais ou menos meia-noite, um tremendo estouro, muito parecido com tiro de revólver, e os lampiões se apagaram. Depois da confusão, o capataz ordenou que acendessem novamente os lampiões, o baile tinha que continuar. Ao voltar a luz, uma figura diferente estava presente no salão, um folgazão muito bem arrumado, dizendo ser filho do patrão. Ninguém o conhecia. Dançou e animou o baile até o final. Ao terminar tudo, algumas pessoas que ficavam mais assistindo que dançando afirmaram que o moço tinha pé de pato e que seus olhos brilhavam muito, às vezes parecendo duas bolinhas de fogo. Outros, mais curiosos, resolveram comprovar os fatos, voltaram para o salão e não encontraram nada, o moço tinha sumido. Daí, concluíram. “O diabo estava no salão”. No comentário, alguém notou que a música mais executada no salão foi a “Caninha Verde” e, cada vez que ela tocava, o olho do diabo ficava mais vermelho. “Caninha Verde” tornou-se uma música maldita e foi proibida de tocar em qualquer baile na roça.

Desde esse dia, não foi mais possível realizar baile naquele local, todos tinham medo. Cada vez que tentavam, algo desagradável acontecia, brigas, quebra-quebra, até morte.

O tempo passou, a fazenda mudou de dono, o capataz era outro e parecia que a lenda tinha desaparecido. O fazendeiro tinha uma filha, isso foi no início década de quarenta. Ela estava para se casar, com a data marcada. Um festão tinha que acontecer, tudo foi preparado, casamento com comes e bebes, além dos muitos convidados.

Lá pelas tantas, altas horas da noite, o baile. “Caninha Verde”, nem pensar. A festa estava rolando. Quando ninguém esperava, um estouro. Era só pedaço de vidro do lampião por todos os lados, a escuridão foi total. Todos se lembraram da lenda, o diabo estava no salão! Foi uma correria que dava medo, limpavam o salão. No corre-corre, violeiros, sanfoneiros, cantores, todos deram no pé, fugindo em direção à cidade. Na frente um corria mais que os outros. A estrada era de terra, com muitos buracos e pedras soltas pelo caminho. Por atalhos, conseguiram chegar à cidade, todos arranhados e machucados. O fugitivo da frente, com muito medo, sentindo-se perseguido, pegou seu revólver, virou para trás e perguntou, o que vocês querem? Ao olhar na cara dos demais companheiros de fuga, um reconheceu o outro e tudo precisava de uma explicação. O da frente, armado, um tal de Luiz Santana, uma pessoa muito conhecida, um namorador de primeira, queria saber que correria era aquela. A resposta foi imediata, estávamos correndo do Diabo e você? Eu? Respondeu Luiz Santana. Fui eu que atirei no lampião e corri para que não fosse pego. Eu não queria que a Zuca, minha namorada, dançasse com ninguém, já que não queria dançar comigo. Ela não estava obedecendo. Resolvi acabar com a festa. Dei um tiro no lampião e saí correndo. E nós, hein? Pensamos que fosse coisa do Diabo.

### **Nestor Martins – Pescador Trapalhão**

Nestor Martins, o pescador trapalhão, foi de uma família tradicional e muito importante em Paraibuna, a do Coronel Martins, que deu seu nome a uma rua da cidade, mais conhecida como Rua de Baixo, na entrada da cidade. Era casado com

uma professora, D. Anália Calazans. Ela lecionou no Grupo Escolar “Dr. Cerqueira César” durante trinta anos numa só série, a primeira série do primário.

Residia na Rua Major Ubatubano, também conhecida como Rua Morta. Sua casa ficava na esquina com o Beco das Lavadeiras, hoje Rua Izidro Domingues. Era composta de três casas, com a frente medindo mais de quarenta metros, com o fundo até o Rio Paraibuna, uma distância de mais ou menos, cento e cinquenta metros. O quintal era uma verdadeira floricultura, cuidado, com muito carinho, por sua criada, D. Maria Preta, produzindo todo tipo de flores para a cidade inteira, servindo qualquer tipo de evento, desde festa, aniversário, casamento, batizado até enterro.

O quintal era muito grande, uma chácara no centro da cidade. Tinha no fundo um taquaral que o separava da beira do rio, de um lado uma sombra maravilhosa, que nos finais de semana, dia santo ou feriado, era o local preferido para o almoço em família, tudo muito bem arrumado, com uma mesa de madeira muito grande e dezena de cadeiras para todos, inclusive convidados. Do outro lado, a beira do rio, muito bem preparado, bancos, ancoradouro para barco e um beiral preparado para pescaria.

Nestor não trocava seu pescueiro por nada neste mundo, mas, como pescador, era uma lâstima, não conseguia sequer colocar isca no anzol. Jogar a linha com a isca na água, nem por remédio, enroscava o anzol em tudo, nas raízes do taquaral, nas folhas, nos galhos e, de vez em quando, até na roupa.

Ao lado do pesqueiro, o local das lavadeiras, era ali que elas lavavam as roupas da cidade. Era uma ótima profissão na época, ninguém lavava roupa em casa. Água era só para tomar banho de vez em quando e de canequinha. Era chique ter lavadeira. Elas tinham uma boa freguesia. As roupas eram recolhidas na segunda e devolvidas na sexta-feira, lavadas e muito bem passadas. Nesse mesmo local, ficavam os filhos das lavadeiras e também os demais garotos da cidade aproveitando as delícias das águas cristalinas do Rio Paraibuna.

Os garotos não perdiam tempo, logo que percebiam que o pescador trapalhão estava precisando de ajuda, lá iam todos colaborar com a pescaria do Seu Nestor, colocar a isca no anzol, jogar a linha no rio e entregar a vara para o pescador segurar - era o que ele conseguia fazer. Se fisgasse um peixe, os garotos pegavam a vara, retiravam o peixe e davam na mão do Seu Nestor para que fosse colocado em uma lata grande com água, preparada para guardar os pescados. Isso era todos os dias. Em troca, estava garantida a mistura do almoço e jantar do pessoal.

O rio era piscoso, mas, pegar peixe de bom tamanho, só lá no meio e com isca em movimento. Todos os dias, Renato Bertoni, um pescador quase profissional, passava com seu barco a motor arrastando uma isca em velocidade para dar a impressão de um peixe subindo o rio. Dava certo, só pegava peixe grande, de bom tamanho.

Seu Nestor, vendo isso, achou que também poderia pescar um peixe mais bem criado, que poderia fotografá-lo e exibi-lo como troféu em sua sala de visita. Colocou sua ideia em prática. Barco ele já tinha. Recorreu a seus auxiliares. O rio não era fundo, dava para qualquer pessoa, não muito baixa, andar livremente pelas águas. Numa tarde bem quente, sem vento, depois de tudo preparado, vamos à pescaria no meio do rio! Todos tinham que ajudar a empurrar o barco. Tudo acertado. Seu Nestor de pé, com a vara na mão e a garotada empurrando o barco, até que pegou velocidade. Uma falha na operação. Não desamarraram a embarcação. A corda esticou e deu um tranco. Foi um desastre. Seu Nestor perdeu o equilíbrio e, não deu outra, lá foi ele que nem um pato dentro do rio. Foi um corre-corre, um Deus nos acuda, com muito custo conseguiram salvar o homem. Com o pescador salvo, já em terra firme, não ficou um para contar história, todos fugiram.

Durante alguns dias, nenhum garoto se atrevia a nadar naquele local, com medo do Seu Nestor, ainda mais que estavam sendo procurados pelo pescador.

Morrendo de medo, sem saber o que fazer, acabaram encontrados e de cabeça baixa tiveram que enfrentar a fera, que foi logo dizendo, calma, amigos, estou querendo falar com vocês. Estão fugindo? Onde estão os outros? Eu preciso de ajuda, apareçam lá. Sem vocês não consigo pescar. Os auxiliares se acalmaram e tudo voltou como antes.

### **Paraibuna – A Cidade Valetas**

Numa excursão que fiz ao Nordeste, tive a oportunidade de conhecer um senhor muito simpático, que, numa conversa à noite, na hora de relaxar para terminar o dia, trocando informações, ficou sabendo que eu era do Vale do Paraíba, próximo ao litoral. Ele comentou: Há muitos anos atrás, no início dos anos quarenta, século passado, quando fui conhecer o litoral, estive em São Sebastião e Caraguatubá, passei por uma cidadezinha, por sinal muito simpática, com uma igreja muito bonita, com o nome de 'VALETAS'. Pensei um pouco, lembrei-me de uma história, um fato curioso e nunca mais esqueci esse encontro.

Ao terminar a estrada que liga o Litoral ao Vale do Paraíba, o D.E.R. teve que fazer alguns melhoramentos na cidade. A estrada passava pelo centro de Paraibuna. As ruas centrais foram cascalhadas e abauladas, ficando com nível mais alto para escoamento das águas da parte baixa para o rio. Foram feitas várias valetas bem profundas que, além de danificar os veículos, causavam muitos acidentes, tornando-se um trecho bem perigoso. Até que o prefeito da época, Dr. Jorge Camargo, tomou algumas providências. Ele mandou colocar uma placa de aviso na entrada da cidade. O encarregado aproveitou um suporte já existente com uma saudação, “Seja Bem-Vindo”, e colocou em baixo outra placa bem grande, com letras pequenas, “Cuidado”, e letras maiores, “VALETAS”. Dava para entender: “SEJA BEM-VINDO – VALETAS”. Daí a confusão! Quem passava pela cidade, ficava conhecendo-a com o nome de “VALETAS”.

Aconteceu – José Sebastião Gonçalves, um grande fazendeiro no Bairro do Salto, resolveu dar uma festa, a festa de São João do Salto. Uma festa para ninguém botar defeito. Mandou convidar toda a vizinhança e amigos da família. Dito Vieira, seu filho, ficou encarregado de convidar um amigo seu, o Lulu, filho de Seu Castro, dono da Fazenda São Pedro, que por sua vez convidou um primo seu, o Zuzu, que morava no Rio de Janeiro. Aceitando o convite, Zuzu seguiu o roteiro à risca. Saiu da cidade do Rio de Janeiro, pela Rodovia Rio-São Paulo, chegando a São José dos Campos, pegou a estrada que liga o Vale ao Litoral. Deveria percorrer trinta e seis quilômetros para chegar a Paraibuna e parar no jardim da praça. Aconteceu que chegou a Paraibuna, passou pela cidade, quando percebeu, já tinha percorrido mais de quarenta quilômetros e nada. Ao chegar ao primeiro povoado, preocupado, parou o carro, encontrou um senhor de idade, o Senhor Joaquim Antunes, e perguntou: Senhor, Paraibuna fica muito longe? Eh, moço! Paraibuna fica pertinho, mas o senhor já passou por ela. Pode voltar. A primeira Vila é Paraibuna. Zuzu não entendeu muito bem, mas voltou. Meio confuso, chegou à vila. Devagar, parou em frente ao jardim da praça. Não precisou procurar muito, lá estava Lulu, seu primo, e Zé Nicodêmos, irmão do Dito Vieira, esperando o convidado. Que aconteceu?, perguntou Lulu. Deu uma volta para chegar aqui? Foi difícil explicar. Entraram no carro, partiram em direção à fazenda. Ao sair da cidade, parou o carro, mostrou a placa e disse: “Olhe a placa. Eu achei que o nome da cidade era Valetas”. Ficou na história e na cabeça de todos que estavam na festa.

Mais uma – Numa véspera de feriado, um acidente na Rua de Baixo. Um motoqueiro distraído se perdeu na primeira valeta da cidade. Acidentado, com ferimentos leves, foi socorrido na Santa Casa. Sem condições de continuar a viagem, voltou para casa. Acontece que o moço era um radialista, uma figura importante no meio artístico de São Paulo. No outro dia, uma notícia nos jornais. Fulano de tal



sofreu um acidente na cidade de VALETAS, próximo ao litoral, com detalhes criticando a cidade, além de fotografias da placa e da cidade.

A placa não foi retirada, mas foram colocadas outras duas, na entrada e saída da cidade, com o nome de PARAIBUNA, e fim da história.

### **Nhonho Mariano**

Nhonho Mariano, uma figura folclórica autêntica. Em toda sua vida se comportou como uma pessoa eminentemente folclórica, inteligente, conhecia e era capaz de discutir qualquer assunto, estava sempre em dia com os acontecimentos nacionais e internacionais. Era um leitor fanático do jornal O Estado de São Paulo. Seus amigos sempre foram as pessoas mais importantes da cidade, tais como o Juiz de Direito, Promotor, Delegado, Prefeito, etc. Sua figura simpática atraía a amizade dessas pessoas. Ele fazia parte do juizado de menores e era também professor. O seu comportamento é digno de registro.

Ele ficou na memória de todos que o conheceram. Já idoso, alto, magro, cabelos brancos, estava sempre com um punhado de plantas na mão, o cidrão, uma espécie de capim com as folhas bem longas, plantadas na beira das estradas para evitar a erosão, muito conhecido como erva dormideira, é tomar seu chá e dormir. Era o chá de sua preferência. Seu maior amigo, também uma figura folclórica, era o Senhor Antônio Nogueira Santos, o Totó do Aurélio, como era conhecido. Era ele, o Totó do Aurélio, um parceiro, um companheiro de todas as horas. O hobby dos dois era assistir aos filmes do Cine Santo Antônio - todos os filmes em todas as sessões. O costume marcante do Nhonho era torcer contra o mocinho. Vibrava quando os bandidos levavam vantagem, mas tinha um porém, dormia na primeira parte do filme e só acordava no final da sessão.

Morava na Praça Canuto do Val, hoje um prolongamento da Rua Cel. Cargomo. Sua casa dava fundo para o Rio Paraibuna, onde tinha um belo pesqueiro, mais conhecido na época como ceveiro. Com ele, moravam sua irmã, a Pililita, sua filha, uma donzela bem gorda, com o nome de Conchinha, e uma criada, a Bidita. Pililita era uma pessoa cheia de preconceito, tinha nojo de tudo, sempre de luvas, por qualquer motivo estava lavando as mãos. Só comia o que fosse preparado por ela mesma, sem que ninguém pusesse as mãos.

Nhonho também gostava de pescar. Sempre que podia, lá estava ele no seu ceveiro. Pegava muitos peixes, principalmente piaba, o peixe preferido na época. Só que não podia entrar em casa. Para a irmã dele, a Pililita, todos os peixes daquele local estavam contaminados.

Nhonho era apaixonado por uma donzela que morava próximo à sua residência. Então, todos os seus pescados eram para ela. Ele tinha um parente que morava no Bairro do Paraitinga, às margens do rio. Um garoto da família, muito inteligente, era o salvador da pátria. Quando Nhonho queria comer um peixe bem temperado, bem gostoso, o rapaz era a solução. Ao pescar uma piaba bem criada, recorria ao garoto, que, com o peixe do Nhonho, pescado no seu próprio quintal, levava para Tia Pililita dizendo: compra, tia. Esse peixe foi pescado no Rio Paraitinga, foi meu pai que pescou, e o Tio Nhonho gosta. Pililita não titubeava, comprava logo a piaba e preparava com todo carinho para seu irmão.

Pililita, cheia de suas manias, fiscalizava tudo, desde a procedência até o tipo dos alimentos. Certo dia, mandou sua criada comprar um quilo de carne no açougue do Mercado. Bidita foi ao mercado, comprou a carne, deu uma volta mais longa e, passando pela Praça da Matriz, em frente ao jardim, viu um movimento estranho próximo à casa do Coronel Eduardo. Ficou sabendo que ele tinha falecido. O Coronel era um parente da Pililita. Bidita, muito assustada, foi correndo avisar a Pililita. “O Coronel morreu”. Muito chocada, Pililita chamou a atenção da Bidita. Você foi ver o morto? “Fui”. Levou a carne consigo? “Sim, levei.” Pode jogar essa

carne fora, ela está contaminada. Leve mais dinheiro e compre outra. Bidita não era boba, pegou o dinheiro, deu uma volta pela cidade e entregou a mesma carne para sua patroa.

Nhonho tinha um costume bem tradicional, mentir, falar da vida dos outros, principalmente de mulher. Sempre tinha uma história para contar, tudo sem maldade, era só um costume. Numa roda de amigos, no jardim da praça, alguém perguntou, “E o nosso amigo Benedito Otávio dos Santos?” Ele logo respondeu: Esse não vale nada, é um vagabundo. Vive à custa dos outros. É um mentiroso de marca. “Mas, Nhonho?” perguntou um dos seus amigos, “esse não é o senhor?”. A resposta foi imediata: Acha que eu não sei? Por acaso estou mentindo?

### **Sarninha, o cachorro rezador**

Na Praça da Matriz, tinha um cachorro muito simpático, da cor preta, patas dianteiras brancas, com uma gravatinha também da cor branca, querido e admirado por todos devido aos seus hábitos: acompanhar procissão, enterros e ir à missa todos os dias, principalmente aos domingos, com um currículo bem interessante.

Certo dia, duas donzelas, descendo pela Rua Morta, na altura do beco do coqueiro, viram um animalzinho deitado na calçada, tomando sol e com um olhar muito triste. Era um cachorro com cara de muito doente ou com fome, magro, feio, maltratado, um autêntico vira-lata. Com muita pena, as duas donzelas, Lurdes Machado e Rosinha do Sindicato, resolveram fazer alguma coisa. Foram até o bar da esquina, compraram duas coxinhas, depois de um trato, deram de comer ao vira-lata, que foi batizado de Sarninha. Ficaram amigos. A cada encontro, uma abanada de rabo e algo para comer, de preferência um sanduiche.

Sarninha tinha seu espaço, morava no jardim da praça. Já curado, bonito, muito charmoso, ficava observando o movimento da praça. Notou que sempre passava um conhecido seu indo na direção da igreja, até que alguém deu atenção ao cão e ele resolveu acompanhá-lo. Foi para a igreja, ficou ao lado do amigo, assistiu à missa inteira e gostou. Não deu outra! Cada vez que um conhecido entrava na igreja, o Sarninha ia junto. Mas era um cachorro muito ciumento, não admitia concorrente, nenhum outro cachorro fazendo companhia a ele. Era só entrar outro cachorro na igreja, já fazia um barulhão.

O padre não estava gostando, até que resolveu nomear uma pessoa para botar o cachorro pra fora da missa. Essa missão coube ao jovem Toninho Tipiti. A cada latido do cachorro, bastava um olhar do padre, Tipiti corria para levar o cachorro para fora. Não adiantava, ele saía por uma porta já entrava por outra. O padre, irritado, mandou fechar todas as portas. Aí, foi uma briga. O Sarninha dava um latido, o Tipiti punha o cachorro para fora. Ele era muito esperto. Ficava esperando. Bastava alguém pensar em abrir a porta para entrar ou sair, com muita rapidez, lá estava o Sarninha novamente assistindo à missa.

Não era só à missa que ele gostava de assistir. Estava presente em todos os atos religiosos. Na procissão, o seu lugar preferido era ao lado do padre. Não faltava também aos enterros. Um dia ele viu o seu amigo, Toninho Tipiti, acompanhando um enterro, deu uma abanada com o rabo, correu ao seu lado e acompanhou até o fim, daí para frente tornou-se presente em todos.

Sarninha era um cachorro muito querido, um dia ele sumiu, ninguém o via mais na igreja, até o padre estava estranhando a sua ausência. Num comentário de grupo, um lixeiro ao lado percebeu o assunto e foi logo perguntando: É sobre o Sarninha que estão falando? Pois é, ele morreu! Foi atropelado. Está enterrado lá na beira do rio.

## Izaías Pimpão

Izaías Correia de Araújo era o seu nome. Nasceu em Paraibuna no dia 29 de abril de 1876, filho de Benedito Correia de Araújo e D. Marcelina Maria da Conceição. Ele era uma personalidade curiosa, magra, alta, sempre bem trajada. Parecia não tomar banho, mas sempre estava com roupa nova e diferente. Era um tipo folclórico, muito provocado pela garotada, tendo como seus melhores amigos as autoridades locais. Seu ponto fraco, para delírio da criançada, era o calo de estimação e o nome, Izaías Pimpão. Na década de trinta, seus pais foram de mudança para Mogi das Cruzes, onde se projetaram no mundo econômico, social e político. Na despedida, Izaías compôs uma música com uma estrofe mais ou menos assim: “Se queres, meninas, ir para São Paulo comigo morar, tenho riqueza, abraços e beijos, só para te dar”.

Com o desaparecimento de seus pais, Izaías voltou para sua terra natal, com duas irmãs, Izabel Correia e Carmelita Correia, também figuras folclóricas, muito notadas pelos seus trajes: saias e vestidos até os pés, com bastante forro e bem armados. Diziam que eram sete saias. Moravam na Rua Morta, vizinhos da família Celeste, onde era a casa de D. Judite Calazans, mãe do Dr. Tarcísio Calazans.

Izaías Pimpão, como era conhecido, foi uma pessoa muito engraçada, inteligente, criativa, muito bem letrada, com conhecimento de nível internacional. Só sabia dar alegria a todos que o conheciam. Louco por mulheres, dizia que tinha uma namorada lá no Largo do Mercado, uma funcionária da prefeitura, que, certamente por caridade, dava comidas e frutas ao Izaías. Gamado como nunca pela suposta namorada, compunha músicas e cantava para ela debaixo das janelas da prefeitura. Dentre elas, duas com estrofes mais ou menos assim:

Eu tenho uma namorada, lá no Largo de Mercado.

E por sua causa mal de mim terão falado.

Laranja-baiana, maçã e cambucá, eu tenho de graça que a

Nega me dá.

Que ela mais gosta, me estende por cima o pano da costa.

Aculelê, acubaba, Há, Há, Há, Há.

e

As brancas ficam zangadas quando chegam perto de mim.

Machuca minha Mulata. Mulata machuca, sim.

Quisera ser mulata, essa cor que arrebatava.

Machuca, meu bem, machuca. Machuca, minha Mulata.

Sempre com violão nas mãos, era só pedir; “Canta Izaías, canta!”, Aculelê, acubaba, Há, Há, Há, Há. Todos conheciam seus versos, suas músicas. O que mais marcou em sua vida, e que ficou gravado na memória de todos, foi o fato seguinte:

Izaías era uma pessoa criativa e ousada. Conhecia muito bem a elite paulistana. Certamente, lembranças do tempo em que morou em Mogi das Cruzes, onde, segundo consta, foi muito bem sucedido. Em Paraibuna, amigo das autoridades como era, frequentava muito os cartórios, lia muitos jornais, principalmente “O Estadão”. Quando terminava, levava consigo a parte do jornal onde tinha anúncios fúnebres, convite de enterro e missas de sétimo-dia. Ninguém sabia por que, até que um dia ficou tudo esclarecido: Izaías recortava os anúncios de pessoas conhecidas por ele, importantes e tradicionais de São Paulo, pegava uma carona e, pelo endereço, procurava a família do falecido, dizendo ser amigo dele. Muito constrangido, chorava junto com os parentes. No final, justificando como grande amigo, contava histórias, inventadas certamente, e pedia lembranças do falecido. Então, conseguia trazer roupas, calçados, relógios, tudo o que era possível. Até que um dia não foi feliz. Deu na casa de um amigo, um juiz de direito, velho conhecido

seu de Paraibuna, que depois de assistir ao drama, apresentou-se ao Izaías e, chamando-o de lado, disse: “Até que enfim descobri como você consegue arrumar suas esticas”. A cidade inteira ficou sabendo. Foi o fim. Não conseguiu mais sucesso em suas aventuras.

Depois de um acidente, começou a definhar. Um caminhão de bebidas em que ele estava de carona para mais uma aventura rodou ribanceira abaixo, caindo dentro do Rio Paraíba. Traumatizado, faleceu alguns dias depois.

### **Capitão Daniel Pereira**

Daniel Pereira era uma figura folclórica em todos os sentidos. Era proprietário de um pequeno sítio no Bairro dos Pereiras, vizinho do sítio N. S. da Piedade, de propriedade do Sr. Ozório Rodrigues Siqueira e do seu irmão Amâncio Pereira. No que se conta, o Capitão Daniel Pereira era membro de uma família importante no município, a Família Pereira de Barros.

Analisando bem, folclore como ele não existia. Um senhor de idade já avançada, sossegado, lento, quase parando, falava tão devagar que, ao contar uma história, era capaz de fazer dormir qualquer cristão. O que não faltavam em sua pessoa eram histórias de sua vida, uma mais engraçada que a outra.

Entre os contos com referência ao Capitão, tem um que fala sobre um plantio de arroz intercalado com de melancia. Certa vez, Seu Daniel plantou, em sociedade com seu irmão Amâncio, uma boa gleba de arroz e, no meio do arrozal, melancias. Tudo cresceu, e quando as melancias estavam maduras, todos os dias o sinal do alheio, alguém as roubava à noite. Capitão Daniel, inconformado, resolveu juntamente com seu irmão pegar o ladrão. Armados de espingarda, foram dar plantão no arrozal, um em cada canto. Seu Daniel, o Capitão, sentou no meio da plantação e dormiu. O ladrão invadiu a plantação, escolheu uma bela fruta e resolveu comer ali mesmo, chegando próximo ao capitão, supondo que fosse um toco de madeira seco, partiu a melancia em sua cabeça. Imagine o que aconteceu!

Outra história conta que Seu Daniel vinha trazendo um cargueiro cheio de frangos para vender na feira, sentindo que as aves estavam com sede, todas com o bico aberto, chegou próximo a um ribeirão e as soltou para tomarem água. Parece brincadeira, não é?

O Capitão Daniel Pereira era um dorminhoco de carteirinha. Tinha um cavalo alazão muito bonito. E era muito religioso, não faltava à missa de domingo nem que chovesse canivete, mas, dorminhoco como era, bastava sair de sua casa e montar no cavalo já estava dormindo, e só acordava na entrada da cidade. O cavalo já tinha se acostumado, não era problema. No caminho, existiam muitas porteiras, mas todas ficavam abertas nos finais de semana. Certo domingo, como de costume, o Capitão saiu de sua casa para ir até a cidade e assistir à missa. Aconteceu que uma das porteiras estava fechada e o cavalo, não conseguindo passar, voltou para trás. Ao chegar à sua casa, seu Daniel acordou, e agora? Conversando com sua esposa, a Mariquinha, ela foi logo dizendo, que diferença faz? Você não assiste à missa mesmo, fica conversando com seus amigos na hora do sermão!

Naquela época tinha um padre muito “brabo” que, além de um sermão muito demorado, xingava demais, tudo para ele era pecado, e as pessoas o evitavam. Os mais jovens tinham o costume de sair na hora do sermão, aproveitando para fumar um cigarro ou ir até o bar tomar um cafezinho, voltando para dentro da igreja só após o término do sermão. Outros ficavam dentro da igreja, mas não prestavam atenção no que o padre falava.

Voltando ao seu Daniel. O Capitão tinha que assistir à missa de qualquer maneira naquele dia. Resolveu retornar à cidade e ver ainda que fosse só o final. Conseguiu chegar no meio da missa. Ele tinha um costume, para cada missa a que assistia, colocava uma semente em uma latinha para saber a quantas assistiria até

o final de sua vida. De volta em casa, conversou com sua esposa, D. Mariquinha: E agora? O que eu faço? Não assisti à missa inteira. Sua esposa deu a solução: Coloque na latinha apenas a metade da semente. Foi o que ele fez, colocou meia semente na latinha. O Capitão Daniel Pereira faleceu. Por curiosidade, a família foi contar quantas missas ele tinha assistido. Para espanto de todos, só tinha meia semente na latinha.

### Nossa Folia de Reis

Com o desaparecimento das Folias de Reis tradicionais, percebendo a tristeza dos moradores do bairro do Itapeva, um grupo de pessoas, reunido num boteco de lá, resolveu restaurar a tradição. Higino Faria Nogueira, Dito Magro e seu filho e Altamírio, três já falecidos, formaram um novo grupo de Folia de Reis. Higino morava no Bairro do Itapeva, Dito Magro morava no Bairro dos Três Monjolos. Este ficou muito conhecido e famoso como administrador da Prefeitura Municipal, no governo do Dr. Felipe de Melo; era o homem forte do prefeito.

Vamos aos fatos. Precisava da letra. Higino escreveu. Ele já era tradicionalmente um bom compositor e escrevia belíssimas modas de violas. O cerimonial começava assim: Saíam do centro do bairro, uniformizados, com bandeira e tudo. Higino com uma viola, Dito Magro com o pandeiro, seu filho com um triângulo e Altamírio era o cantor com a voz fina. As visitas seriam somente para as residências que tinham presépios. Andando pelos caminhos estreitos, escuros, de terra batida, no repique do triângulo e ao som do pandeiro, chegavam até a primeira casa. Lá, o início da cerimônia. Na frente da casa a cantoria. Letra do Higino e música tradicional:

Boa noite, meu senhor.  
Este boa-noite, eu venho dar.  
Santos Reis dos três monjolos  
Que veio lhe visitar.  
(Repetindo em tom fino,  
mais baixo e devagar)  
Que veio lhe visitar.

Acordai se está dormindo,  
Nesse sono tão profundo.  
Venha ver os Santos Reis  
Na sua porta, parados.  
{Repetindo}  
Na sua porta, parados.

Terminadas as duas estrofes, o grupo ficava parado somente com o som do triângulo, esperando o senhor abrir a porta. Recebidos pelo dono da casa, entravam, rezavam, comiam, bebiam, de preferência café com biscoito, e partiam para a próxima casa. Se a porta não abrisse, esperavam alguns minutos, sempre ao som do triângulo. Se continuasse fechada, cantavam a terceira e quarta estrofe, depois a despedida.

Levantai, abra a porta.  
Ponha a mão na fechadura.  
Se não quiser abrir a porta,  
Coração de pedra dura.  
Coração de pedra dura.

Levantai, abra a porta,  
No momento, nesta hora.  
Santos Reis estão viajando,  
E precisam de ir embora.  
E precisam de ir embora.

### DESPEDIDA

Vou dar a minha despedida,  
Que a hora está chegando.  
Santos Reis estão viajando  
E vai voltar no fim do ano.  
(Repetindo várias vezes)  
E vai voltar no fim do ano.

Assim, iam caminhando até a próxima visita, pela estrada a fora, sempre com o som do triângulo e pandeiro. Esse grupo foi extinto em 1945 com a morte de Altamírio, assassinado, e com a mudança do Sr. Dito Magro, que vendeu sua propriedade e mudou-se para outro bairro.

## O corpo-seco

Morava na Rua da Bica, nos anos quarenta do século passado, um cabeleireiro, na época era chamado de barbeiro, com o nome de Seu Elpidio, especialista em cortar cabelo de garotos. Era famoso por contar histórias enquanto cortava os cabelos, por esse motivo era o preferido da criançada. Entre as histórias, a mais pedida era do Corpo-Seco. Segundo ele, no passado, chegaram ao município muitas famílias, com direito a glebas imensas de terras para serem exploradas e cultivadas, famílias que se tornaram importantíssimas, como a Família Camargo, Calazans, a do Coronel Martins, Coronel Marcelino, Barreto e muitas outras.

Entre os colonizadores, alguns fazendeiros ficaram famosos pelos maus-tratos e castigos severos para com os escravos. Aqueles que tentavam fugir da fazenda ficavam marcados com o corte de membros do corpo, como um dedo da mão ou do pé. Alguns eram até amarrados com uma pedra no pescoço e jogados no lago para morrerem afogados. Por essas e outras, alguns fazendeiros eram tão ruins que não morriam, viravam corpo-seco.

Os garotos, quando iam cortar cabelo, tinham como a primeira pergunta uma curiosidade: “É verdade que o senhor já cortou cabelo de corpo-seco?” É, sim, respondia seu Elpidio, já cortei e muito. E continuava. Tem uma fazenda, não muito longe, que o fazendeiro era tão mau que não morreu, secou, virou corpo-seco. Já com mais de cem anos, estava cada vez mais seco e não morria. Eu cortei as unhas e o cabelo dele por muito tempo. Ele ficava num ranchinho no fundo da fazenda e um escravo tomava conta dele. Como o escravo já estava bem acabado, idoso, sem condições de continuar tomando conta do fenômeno, e o corpo já estava muito seco e já não comia e nem bebia mais, sem saber o que fazer, resolveram levá-lo para o ponto mais alto de um morro, que ficou conhecido como “Morro do Corpo-Seco”. Lá ficou, segundo a lenda, até hoje. No local teria crescido um espinhal e ninguém mais poderia chegar lá.

O Morro do Corpo-Seco tinha uma mata bem fechada e com muitos pés de brejaúva, que produziam um cacho grande de um fruto da família do coco, muito usado para fazer pião sonoro, uma “coqueluche” da garotada. Os mais ousados fugiam de suas casas para colherem os cachos da fruta, num local até certo ponto muito perigoso. As mães, preocupadas, alertavam seus filhos: Cuidado, aquele é o Morro do Corpo-Seco, ele vai pegar você! Isso foi até 1946 ou 1947, um ano que chovia muito e aconteceu uma grande enchente no Rio Paraibuna, provocando um deslizamento de terra e uma boa parte da mata desapareceu.

Mais tarde, já na década de setenta, com o término da construção das barragens do Rio Paraibuna e Paraitinga, o trajeto da Rodovia dos Tamoios foi mudado e o morro foi totalmente cortado, sobrando muito pouco da mata, e a lenda quase que acabou.

O Morro do Corpo-Seco também já foi chamado Morro Trincado e hoje é conhecido como Morro da Televisão.





## ESPORTES E ESPORTISTAS



## Minha vida no esporte

O esporte paraibunense tem uma história longa, muito longa, que será narrada na base do “conta-gotas”. É a minha vida, tudo aquilo que vi, senti e de que participei, desde um tempo muito distante – a minha infância, aquela infância de que muito pouco se tem lembrança, dos quatro, cinco ou seis anos. Nem sei bem se antes da década de quarenta, no final dos anos trinta.

O esporte é muito importante na vida de um povo: ele é representativo, divulga, leva longe o nome da cidade, escolas, clubes e das pessoas, ao infinito, atravessa fronteiras e não tem limites aonde chegar. Paraibuna teve o privilégio, dentro do período que posso narrar, de sempre ter estado no pódio. Minha vida participativa começou muito cedo, talvez devido à perda de minha mãe. Órfão de mãe aos três anos de idade, vivendo só com o pai, praticamente não tinha a quem dar muita satisfação. E Deus me iluminou, colocando-me como figura anônima, invisível, no meio da sociedade, com a graça de poder registrar na memória tudo o que aconteceu, conhecendo e recordando pessoas, autoridades e todos os fatos que transcorreram desde aqueles tempos distantes até hoje.

Eu era criança, bem criança ainda, e, como todos os meninos - talvez até hoje -, por índole, já nascia com a mente voltada para uma bola. Naquele tempo, uma bola de meia. Morava na Rua da Bica, um paraíso da criançada. Aliás, o que não faltava naquela rua era criança. A Rua da Bica era a rua do comércio da época. Os moradores de lá não perdiam tempo: tinham filhos que não acabavam mais, dez, doze, quinze filhos, era comum. Bento Maia, o maior fabricante de chouriço, foi pai de vinte e seis filhos. Eu tinha doze irmãos

Nos fundos da rua e também atrás do Grupo Escolar “Dr. Cerqueira César” - local onde no passado foi cemitério -, cercado por muralhas de cimento com quase um metro de largura, formava-se um retângulo, local perfeito para um pequeno campo de futebol. Foi ali o primeiro campo de futebol da Rua da Bica, conhecido como “Campinho do Grupo Escolar”.

Esse local tem uma história que apavorou, não só os moradores da redondeza, como também toda a população da cidade. Como acabei de registrar, lá houve, há muito tempo, um cemitério. Fenômeno difícil de explicar na época, começou a acontecer nas noites de verão, aquele verão gostoso dos meses de janeiro: labaredas se levantavam do solo, em vários pontos do terreno, nomeio do campinho e redondeza. Era um Deus-nos-acuda, a criançada morria de medo.

Lembro-me até hoje, ficávamos brincando no jardim da praça até oito da noite e, parar ir embora, era um problema. Até a ladeira do mercado, tudo bem; dali pra frente, precisávamos da companhia de algum adulto que nos levasse até a Rua da Bica. Mas eles gostavam da brincadeira, queriam ver o “circo pegar fogo”. Como nossos guardiões, punham mais medo na gente, dizendo que era perigoso: “cuidado, vocês tem de descer correndo sem olhar pra trás”, “não parem até chegar a suas casas”. E nós não tínhamos alternativa, andando sempre em turma, contávamos “um, dois, três” e lá íamos ladeira abaixo até chegarmos a nossas casas. Ai, se a porta estivesse trancada, nos a levaríamos no peito, e só parávamos debaixo do cobertor. E assim foi por muito tempo.

Esse “fenômeno” foi explicado pelas autoridades da cidade como sendo um acontecimento natural. Como ali tinha sido um cemitério, a terra estava liberando gases do seu interior. Mas a população não gostava dessa explicação, preferia considerar o fato como um fenômeno sobrenatural. E nesse campinho é que para mim começa a vida esportiva em Paraibuna. Criança ainda, muito criança mesmo, ainda não conhecia o campo de futebol da cidade, o campo da Nhã Graúdia, como era conhecido. Com aquela idade, o único lugar em que poderia ver alguém jogando futebol era no “Campinho do Grupo Escolar”.

Eu tinha minha bola de meia. Naquele tempo, as crianças eram muito uni-

das, andávamos em turma: Bentinho Maia, Dito Estéfano - hoje empresário em São José dos Campos, Onofre Barreto - o Dr. Onofre, juiz de direito, candidato a desembargador, Guido da Pedra, Dito Miranda - sobrinho do seu Paulinho Miranda, hoje residente em Mogi das Cruzes, Oscar Gaveta e muitos outros. Pelo menos um tinha bola de borracha, era sempre aquele que tinha ido a Aparecida do Norte. A bola de borracha era o presente preferido de todos os meninos que iam visitar a santa.

Todos os dias, lá pelas três horas da tarde, estávamos sentadinhos na parte mais alta dos paredões que circundavam o campo, esperando para ver os craques treinando. O diretor do grupo era o professor Cândido Moura, um grande nadador, famoso por gostar de mergulhar de cima da ponte na época das grandes enchentes do nosso Paraíba. Ele comandava treinos e também jogava.

Entre os craques daquela época, lembro-me do Antônio Parafuso - irmão da dona Wanda César, um garoto magro e muito alto, do Zé Paca - por todos ainda muito lembrado, Ari Moisés, Santinho Lanzelotti, Vicente Alves, Antônio Moisés, Jorge Olímpio - irmão da dona Cida Bento, esposa do Joãozinho Bento. E ainda tinha muitos outros. Precisávamos vê-los. Eram excelentes jogadores, aprendemos muito com eles.

O que mais marcou na lembrança desse tempo foi um time de bola ao cesto, uma equipe feminina - acreditem, isso no início dos anos quarenta! Duas vezes por semana, com a orientação do professor Cândido, lá estavam elas: Terezinha do Dominginhos - irmã do Messias e Emídio Silva, Derlina Maia, Lucinda, Teresa Alves, Lourdes Estefano, Cida Estefano. Eram dois timões treinando basquete para disputar partidas interclasses nos dias festivos da cidade. Gostávamos de ver as pernas grossas das meninas. Elas usavam uniforme com blusa amarela e calção verde, com muito elástico, mas não parecia muito comprido, não. O outro time usava uniforme invertido, blusa verde e calção amarelo. O Padre Ernesto não gostava nada disso. Mas é esporte, fazer o que?

A minha fase, afinal, chegou! Os craques passaram a treinar e jogar no campo de futebol da cidade e nós tomamos posse do "Campinho do Grupo Escolar". Fazíamos ali as nossas brincadeiras, nossos jogos e até o nosso campeonato rua-contra-rua: Rua da Bica, Largo do Mercado, Rua de Baixo, Rua de Cima e Rua do Rosário. Eram disputas acirradas, com muita rivalidade e muita briga. As brigas faziam parte das práticas esportivas e ficavam esquecidas no mesmo dia.

No último campeonato de ruas realizado no campinho, deu-se um fato curioso. Era a derradeira partida de futebol, um sábado à tarde, decisão de campeonato, "Rua da Bica" contra "Rua de Baixo". Na hora do jogo, bem na horinha de começar a partida, um de nossos jogadores passou mal, teve crise de vômito, dor de barriga, tontura. Era o Abílio Miranda, até hoje o Seu "Bilú"!

Levado pra casa, foi chamado o médico, o Dr. Felipe. Diagnóstico: Apendicite aguda! "Meu Deus, vamos perder o jogo!" era o pensamento de toda a turma... E a Rua da Bica nunca entrava em campeonato pra perder. Depois de muita provocação dos adversários, jogamos, perdemos o jogo e o campeonato. Que raiva! Ficamos furiosos: "A culpa é do Bilú!". Queríamos que ele morresse. "Onde se viu isso? Na hora do jogo ficar doente?"

### **O fim do campinho**

O campinho do grupo estava com seus dias contados, chegando ao fim nossas brincadeiras. Américo Faria, o pai da Nenê do Jaques Ananias, arrendou uma faixa de terreno no fundo do campinho para plantar verduras e fez uma cerca de bambu paralela aos paredões do grupo escolar para evitar invasões. Aquilo, porém, não foi suficiente, pois as bolas chutadas a gol caíam em sua plantação. Nós precisávamos jogar, tínhamos de fazer alguma coisa nas tardes lindas de nossa infância e, a todo o momento, a bola estava na plantação do seu Américo. Corria-

mos para pegá-la antes que ele chegasse, mas tinha hora que não dava tempo, e lá estava o homem malvado cortando nossas bolas de borracha ao meio e devolvendo o casco.

A coisa estava ficando difícil, pois não tínhamos tantas bolas para serem cortadas... Como se isso não bastasse, o governo do estado resolveu mandar verba para a construção de muros em volta do nosso campinho. Aí a coisa piorou, tínhamos de enfrentar mais um inimigo, o Seu Andico, servente do Grupo, homem muito ruim para nós. Ele trabalhava até nas horas de folga, sempre acabando com a nossa maior diversão. O jeito foi se unir à turma do Largo do Mercado – Oziris Camargo, seu irmão Ditinho, Zé Toledo, Guido da Pedra e outros. Passamos a fazer nossos jogos no Largo do Mercado, aquele “dez vira e vinte acaba”. Era difícil. O jogo começava às duas da tarde e terminava lá pelas sete, oito horas da noite, não tinha “bão”, vinte gols e acabava.

Foi um período maravilhoso para a garotada. Tínhamos muitos inimigos que não gostavam de nossas partidas de futebol, como o seu Lancelotti, dono de uma loja de tecidos, onde hoje é a farmácia Nossa Senhora Aparecida. A toda hora a bola estava no seu estabelecimento, perturbando a monotonia de seu comércio da cidade. Vivia em função apenas de dois dias da semana, sábado e domingo. Naque-la época, para comprar um retrós de linha, um comprimido para dor de cabeça ou dor de dente, ou uma pedra de sabão, era preciso adentrar o estabelecimento - loja, empório ou farmácia - bater palma, bater bem forte no balcão e gritar pelo nome do dono e esperar a sua boa vontade para atender.

Os donos das casas comerciais, como seu Souza Biliatardo, que tinha um empório no Largo do Mercado, a farmacêutica dona Jandira Lopes ou o seu Lancelotti, abriam seu comércio às oito horas e sumiam. As casas comerciais ficavam o dia inteiro sem ninguém, sem caixeiros, sem dono, até as seis da tarde, que era a hora de fechar; isso de segunda a sexta-feira.

Tínhamos, porém, alguns amigos, como seu Zeferino Miranda, funcionário da prefeitura, e Seu Moreira, tipógrafo. Naquele tempo, a prefeitura tinha uma tipografia que imprimia folhetos, avisos e impressos em geral para ela e também atendia a população local. Muitas vezes acontecia o previsível, mas nunca desejável. Era um prédio tipo sobrado, com muitas janelas grandes e vidros coloridos, compondo todos os lados do prédio. Nossos chutes certos faziam a bola subir e entrar pela janela, caindo justo na sala de contabilidade, na parte superior do prédio. E seu Zeferino, mais do que depressa, com um sorriso de apoio à garotada, devolvia a bola. A mesma coisa acontecia com seu Moreira, cuja tipografia ficava na parte inferior, a janela com frente para o campo de futebol. E sempre tinha uma bola espatifando seus tipos, letrinhas miúdas de estanho usadas para impressão dos folhetos. E seu Moreira, sempre alegre, nos devolvia a bola com muito carinho.

Todas as partidas de futebol têm de ter dois times, é claro. Então vinha a parte mais importante no início: a escolha dos jogadores. Havia sempre dois líderes, Oziris Camargo de um lado e Antônio Maia de outro. Mais tarde vieram outros, como nosso amigo Genésio Stábil, que morava na Rua de Baixo e depois se mudou para a Rua da Bica. A escolha era no par ou ímpar, quem vencia escolhia o primeiro. A preocupação era com a escolha dos goleiros. O vencedor, bem depressa e em voz alta, logo escolhia o Deia; o outro goleiro não tinha importância, podia ser qualquer um – o Lamparina, Tião Patacha ou Tião Rapiado. A escolha continuava até o último jogador presente: podiam ser cinco, sete, dez ou doze de cada lado, não tinha problema, todos jogavam.

O nosso maior tormento eram os circos de espetáculos ou parques de diversão que, quando armados na cidade, ocupavam metade ou mais do Largo do Mercado, quando não ocupavam até o Largo inteiro. Aí, era ruim, ficávamos deses-perados, procurando um local para nossas partidas de futebol.

Chegamos muitas vezes a treinar no alto Morro do Rocio, no chapadão do morro. O local era muito difícil, bastante longe. Ficávamos a maior parte do tempo sob aquela árvore gigantesca, linda, maravilhosa – centenária já naquela época - a contemplar a natureza, vendo o rio Paraíba manso lá longe, ouvindo o canto das aves, raras pessoas andando pelas ruas da cidade, os quintais cheios de árvores frutíferas, o Largo do Mercado, o campinho do grupo, nossas casas, aqueles momentos fantásticos, dos quais os contemporâneos devem estar morrendo de saudade, assim como eu. Essa mesma saudade que o nosso amigo Zé Toledo agora deve estar matando com muita satisfação, cuidando com muito carinho do nosso Rocio, replantando as árvores nativas, procurando transformar aquela beleza em mais uma área de lazer, das mais importantes de Paraibuna, com caminho de acesso até o paraíso que é o topo do morro, debaixo de “nossa” árvore, com muitas trilhas para caminhadas ecológicas.

Por ironia do destino, foi o Zé Toledo quem tirou do morro aqueles eucaliptos cujo plantio seu pai Zé Feitor administrou. Zé Toledo, para nossa alegria, está transformando o Morro do Rocio numa das áreas mais bonitas e importantes da cidade. Dentro em breve, certamente veremos aquele morro florido o ano inteiro, com o velho e centenário jatobá lá no alto.

### **O circo foi embora.**

Que trabalhão tínhamos para tapar todos os buracos deixados no terreno. Trabalhando em mutirão, em pouco tempo nosso campo de futebol no Largo do Mercado estava novamente pronto para as disputas futebolísticas diárias. Mas o tempo ia passando e nós já estávamos ficando grandinhos. O Largo do Mercado estava pequeno para nós e não comportava todos. Precisávamos de um local mais adequado.

Lá no campão havia um local com boa grama e, apesar de ser morro acima, era bem frequentado pelos garotos do Rosário. Tentamos uma brecha entre uma turma e outra na frente do estádio. O campão do local mais com jeito para a prática do futebol era o campo da “Nhá Graudia”, bem onde hoje está a EEPSPG “Cel, Eduardo Jose de Camargo”. Não deu. Éramos grandes demais para continuar no Largo do Mercado, mas pequenos ainda para fazer parte da turma do campo da “Nhá Graudia”.

Estava mal! Lembrou-nos então de um local onde os pais da maioria de nossos jogadores faziam suas partidas de futebol. Era lá no famoso Areão, do outro lado do rio, o campo do Poça, como era conhecido. Naquele tempo havia um time de futebol pouco conhecido por causa de sua modéstia e por ser formado por gente humilde, todos pedreiros, a maioria residente na Rua Nova. Era o Bandeirantes Futebol Clube, formado em boa parte por pais de grande número de nossos colegas, como o Zé Lúcio no gol, Buridã, José Ribeiro, Jair Gadanha, José Brasileiro, Idazil, Boi Preto, Cuitelo, Dito Diogo e Dito Rocha. Como técnico e árbitro, um pedreiro muito famoso por sua calma, “devagar quase parando”, o Bissalao, muito amigo do meu pai.

Era ali no areão que esses atletas disputavam suas partidas de futebol com os times de bairros da zona rural, como Boa Esperança, São Rafael, Varginha, Campo Redondo, Itapeva e outros. Fomos até lá. Era o local ideal para nós, só que tínhamos de dar uma volta pela ponte e caminhar uns dois quilômetros. Para os pedreiros isso não era problema. Eles atravessavam o rio com as canoas e os barcos, saindo do beco do João Fonseca até o campo do Poça (beco do João Fonseca, hoje travessa Irmã Leconte).

Antes, porém, de deixarmos o Largo do Mercado, temos algumas curiosidades que merecem registro. Em todas as turmas – e isso acontece até hoje, aparecia um líder que levava o grupo a fazer travessuras. O nosso primeiro líder,

ou me-lhor, nosso primeiro chefe da gangue, foi o Antônio Machado, filho de Ana Machado, que fora assinada por dois tiros de garrucha e jogada no barranco da gruta. Engraçado! Mais ou menos na mesma época, uma colega da Ana Machado, conhecida por Dita Garrucha, também fora assassinada, com um machado, na Rua Nova (o primeiro crime até hoje não foi resolvido).

Como já disse antes, a nossa presença no Largo do Mercado nunca fora bem vista. Para atrapalhar nossas brincadeiras, o prefeito, Dr. Jorge Camargo, mandou plantar no meio do campo algumas árvores, não sei o nome delas, mas eram daquelas que dão umas frutinhas redondinhas em cachos, que nós aproveitamos para fazer guerrinha e tiro ao alvo. Todos os garotos tinham na cintura um canudinho de bambu, de uma espécie muito comum no Fundão da Caixa D'água: o bambu tinha uns gomos de trinta e quarenta centímetros de comprimento e da grossura de um dedo de criança, seriam hoje como as varetas das antenas de televisão. Com a boca cheia de bolinhas, bem treinados, nós conseguíamos atirá-las a uma boa distância.

Chefiados pelo líder, Toninho Machado, deveríamos destruir as árvores plantadas. Tinha de ser à noite, ou melhor ainda, de madrugada. Combinada a hora, até parecia que ninguém tinha dormido, todos chegando quase no mesmo horário. Não deu outra! Em pouco tempo não sobrou uma árvore sequer e nenhum mourão de proteção restou fincado no Largo do Mercado. Tudo bem planejado e executado, foram eles arrancados e levados para longe, sendo jogados no matinho, uma capoeira então existente no fundo do campinho do grupo, ao lado da Rua do Dominginho.

A segunda brincadeira foi mais audaciosa, sendo comandada por nosso amigo Hélio Padeiro, irmão do Otacilio Nunes, vivo até hoje, graças a Deus, e residente na Vila de Fátima, na Rua Padre Américo. Antônio Elpídio, na época um motorista novo, tinha comprado um caminhão Ford, 48 ou 49, não tenho certeza. Ele transportava lenha. Todas as tardes, entre seis e sete horas, descia a ladeira do mercado em alta velocidade, fazendo barulho infernal, apavorando os moradores do pedaço. A ladeira era calçada com pedras grandes, gigantescas, de sessenta centímetros a um metro de comprimento, com muita saliência e grandes buracos. Hélio Nunes teve uma ideia: o cine Santo Antônio estava com equipamento moderno e um novo proprietário, o Seu Chafi, dono de uma loja na esquina do Largo do Mercado com a Rua da Bica, hoje casa do Sérgio Daher. Como a rede de energia elétrica não comportava mais o funcionamento do cinema, o engenheiro eletricista responsável pela empresa de força e luz paraibunense, Dr. Jorge Camargo, resolveu colocar um transformador só pra o cinema e que seria instalado no final da ladeira. Como o engenheiro não tinha pressa para nada, o transformador, bastante pesado, ficou por muito tempo junto ao poste, esperando sua colocação. A ideia do Hélio foi a seguinte: colocar o transformador no final da ladeira, bem no meio da rua.

A criançaada topou! Foi difícil, pois o transformador, cheio de óleo grosso e graxa, estava todo lambuzado e liso, sendo quase impossível seu manuseio. Mas com muito esforço, pedaço de madeira ajudando, pedaço de cano pra rolar, lá foi o transformador para o meio da rua.

Missão cumprida, só restava então aguardar o resultado. Lá ficamos todos na calçada da prefeitura velha, esperando para ver o que ia acontecer. Quase sete horas da noite, escutamos o ronco do caminhão. É agora! Poderia ter acontecido um grave acidente, mas o Antônio Elpídio conseguiu parar a tempo. Saiu do caminhão, tentou remover o obstáculo, mas não conseguiu. Que remédio! Teve de voltar de marcha ré, debaixo de xingos e desabaços das mulheres que residiam nas redondezas.

A terceira curiosidade também tinha a ver com o cinema. Nossa turma era muito manjada. Numa quarta-feira, dia do seriado do Tarzan, estava no cinema toda a turma da Rua da Bica e do Largo do Mercado. As sessões tinham intervalo.

O cinema era onde é hoje o Mercadinho Paraibuna, na frente, o bar do seu Joaquim Antunes, no fundo o salão do cinema, e, na lateral direita, um corredor e os banheiros com uma porta de saída bem debaixo de uma escada que dava acesso para os poleiros, as gerais, com preço de ingressos mais baratos. Esse corredor tinha ligação também com o bar do seu Joaquim. Nos intervalos, os espectadores podiam ir aos banheiros usando essa porta de saída. Como os garotos da época não tinham dinheiro, contavam com ajuda dos amigos. A regra era a seguinte: quem tinha dinheiro, entrava, sentava sob a escada. Ao apagar das luzes, abriam a porta com muito cuidado para os amigos entrarem – só os amigos, mais ninguém. Em seguida, fechava a porta, como se nada tivesse acontecido, e iam todos para o poleiro.

Certa vez, aconteceu que uma denúncia chegou aos ouvidos do gerente. O seu Chafi foi logo até a nossa turma e colocou todos na rua, sem choro nem vela. O que fazer depois dessa? Tivemos uma ideia: como alguém já entendia de eletricidade, sabíamos que o transformador do cinema tinha os fusíveis improvisados, isso é, um pedaço de estanho ligando um fio ao outro. Assim, se ele fosse arrebentado, o cinema ficaria sem luz. Não deu outra. A turma toda tinha seus estilingues para caçar passarinhos (nisso o Onofre Barreto era campeão). Fomos até nossas casa, pegamos os estilingues, enchemos o bolso de pedregulhos e lá fomos nós à luta. Deu certo! Todos atirando com o mesmo objetivo, vimos uma faísca no fio e uma gritaria no cinema. Naquela noite, ninguém assistiu ao seriado do Tarzan. Para nós foi uma glória! E ninguém descobriu o que tinha acontecido. Para todos tinha sido apenas um acidente normal.

### Crise

O futebol de nossa terra estava em crise e a turminha do Largo do Mercado também. Já estávamos ficando crescidinhos, quase homens, tínhamos de trabalhar, preparando nosso futuro. A maioria seguiu a profissão dos pais, começando como servente de pedreiro. Parece brincadeira, mas até o Genésio Stábile foi servente de pedreiro e vendedor de frutas, assim como eu, que vendia laranjas na rua. Adeus, Largo do Mercado! A crise do futebol em Paraibuna, na época, foi muito grande, e tudo começou a ficar na saudade, levando grandes nomes como o Jaú, fenômeno da defesa, e Laulau, baixinho mas um grande goleiro. Passou o tempo em que jogavam Amador Celeste e Nico Fonseca, figuras que se immortalizaram na história do nosso futebol como responsáveis e dirigentes por várias décadas.

Foi também o tempo de um esquadrão de projeção em toda a região nordeste do estado - hoje mais conhecida como Vale do Paraíba - que ia de Mogi até as divisas do estado do Rio de Janeiro. Eis as feras: Zeca Gomes (o goleiro), Bobico e Borracha; Wenceslau, Escobar e Adolfinho; Marinho Elói, Juca Eloí, Horta, Célio e Perécio. Dirigentes: Arthur Navajas, José Atanásio de Faria, Amador Celeste – técnico e o grande incentivador do esporte em nossa cidade, o saudoso José Elias Cantinho - o seu Zeca Cantinho. Infelizmente, acabaram com o futebol em Paraibuna. O prefeito da época resolveu por um fim na alegria do povo (como sempre, a política atralalhando...). Desapropriaram a sede do Esporte Clube Paraibuna e fecharam o campo de futebol, uma tristeza que perdurou por anos.

Final de 1951, início de 1952. Estava sendo criada a saudosíssima escola da Irmã Zoé. Ganhamos novamente um campo de futebol, o “Campinho da Irmã”, como era conhecido o antigo parque paroquial da cidade. Era local ideal para nosso racha. Diariamente, de segunda a sexta, das quatro às sete da noite, depois do trabalho, é claro, lá estávamos nós, rachando uma bola, com número ilimitado de jogadores: dez, doze, quinze ou mais de cada lado. A contagem de gols ia até dez, depois, perdia-se a conta. Foi ali que se projetaram bons jogadores, grandes craques como Alemão Lamartine, Otacílio, Joaquim Preto, Antônio Maia, alunos do Ginásio São José - Ademar Navajas, Galvão, Laercio, Luizinho, João Carlos,

Antônio Leite, Bigode, Bilu, Prego, Guido César, Arnaldo Pinto, Adauto e Deia. Já existia a Associação Esportiva Paraibunense, recém-fundada, com sede onde é hoje a Fundação Cultural, mas sem time de futebol.

Queríamos jogar pra valer, precisávamos de união. Foi daí que surgiu o Grêmio Estudantil Paraibunense, do Ginásio São José. Formamos nosso esquadrão só com alunos matriculados no ginásio: Deia; Bilu e Galvão; João Carlos, Bigode e Ademar; Luizinho Santana, Aroldo, Prego, Guido Cesar e Laercio.

Em pouco tempo, ficamos famosos, uma garotada nova, com futebol inteligente. Como ainda não tinha campo de futebol disponível, começamos a disputar partidas na zona rural. Dentre tantas, destacamos um jogo com a equipe do São Rafael - time da fazenda do Dr. Nicanor, hoje do Nicanorzinho. O campo era na fazenda. Saímos da cidade ao meio-dia, a pé, em comitiva. Chegamos ao destino lá pelas três horas da tarde, bem cansados, e mesmo assim fizemos uma boa partida, mostrando um bom futebol.

Os dirigentes do Esporte Clube Varginha, sabendo de nossa fama, resolveram convidar a garotada do grêmio para uma disputa no seu bairro. Aceitamos o convite. No domingo seguinte, fomos de caminhão, com frete pago pelo senhor Antonio Però, proprietário da fazenda da varginha e pai de nossos amigos Zé Però, Paulo Però e outros. O time da Varginha estava invicto até aquela data, com força total, tendo Balmirão - o Belmiro Ribeiro - no ataque e Edéseio Barreto na defesa. Em 20 minutos de jogo, cinco a zero, com o Grêmio jogando um bolão. A barra, porém, ficou pesada. O árbitro tinha de apitar tudo, o maior número de pênaltis possível. E era o que estava acontecendo, mas o goleiro do grêmio pegava tudo.

Era essa a sua especialidade e eles não sabiam. Terminado o primeiro tempo, não podíamos sair do campo, tendo de ficar sob a proteção do dono da fazenda, Antônio Però. Começou o segundo tempo. Em apenas alguns minutos já estava nove a zero. Os jogadores da Varginha não se conformavam com isso, tinham de marcar pelo menos um gol. Desciam o sarrafo, e, numa cobrança de escanteio, dois dos adversários se chocaram no ar, cabeça com cabeça, quase que o pau quebra entre os próprios jogadores da Varginha. Nós do Grêmio éramos jovens e muito espertos. O Luizinho Santana, um verdadeiro malabarista no futebol, não estava com medo e provocava os adversários, dando um show de bola. A coisa estava ficando preta. Antônio Però, preocupado com o que poderia acontecer, mandou parar o jogo e, mais uma vez sob sua proteção, fez com que todos os jogadores do Grêmio subissem no caminhão, pedindo ao motorista que zarpasse o mais rápido possível. Foi uma tarde inesquecível, não vi nada mais divertido até hoje.

## **O Grêmio**

A turma do Grêmio estava em ponto de bala, sonhando em mostrar a todos o seu jogo, seu futebol, seu talento, sua raça, sua força. Finalmente viu uma luz no fim do túnel. Um novo prefeito tinha sido eleito: Jayme Domingues da Silva - um mito que permanece até hoje. Tinha a difícil missão de reconstruir muito coisa. E o fez com muito carinho. Atendendo também ao pedido da juventude, reformou campo de futebol e, para alegria de todos, promoveu um campeonato de futebol com início marcado para o dia 15 de Junho de 1955.

Foi uma inauguração histórica, com seis equipes inscritas, e que vale a pena lembrar. O Grêmio - a equipe do Ginásio São José, pronto para balançar a rede. O União F.C., com os jogadores mais jovens da cidade era a força intermediária do nosso futebol, tendo como destaques, entre outros, o Otacilio Nunes, o Lamartine, o Alemão. O Veterano era o peso-pesado da cidade, com jogadores da velha guarda, os remanescentes do glorioso futebol do passado, entre os quais se sobressaíam os irmãos Elói, Bobico, Adolfinho, Juca e Marinho. Tinha a equipe da Varginha, o Varginha F.Clube, com elementos do tradicional bairro, patrocinado

pelo Sr. Antonio Peró. Havia a equipe da Boa Esperança, fazenda do Sr. Agenor Camargo, tomada pelo Dito Rico. E, finalmente, o time do São Rafael, Fazenda do Dr. Nicanor, comandada pelo Tico Tobias.

A abertura do campeonato foi inesquecível, com todas as equipes desfilando pelo centro da cidade. Formado no lado esquerdo do jardim, o desfile desceu pela Rua Morta, subindo pela Rua do Meio, com destino ao estádio municipal, acompanhado pela banda de música e um grande foguetório. Os times estavam rigorosamente uniformizados, cada goleiro com uma bola ia fazendo alegorias, com a presença das madrinhas, árbitros e autoridades. Foi a coisa mais bonita que já se viu! Já no estádio, no centro do campo, as equipes estavam organizadas.

Depois das palavras dos diversos oradores, houve o início do torneio. As equipes jogaram entre si, com tempo de 15X15 minutos e a decisão 30X30 minutos, tendo se sagrado campeão, e já mostrando sua força, o grêmio estudantil. Foi a maior festa para a garotada, que recebeu beijinhos e mais beijinhos da madrinha do time, a senhora Clélia Siqueira – bonita como ela só, várias vezes Miss Parai-buna.

Essa comemoração deixou marcas no coração da rapaziada, os jovens estudantes de Paraibuna. Os fatos mais curiosos aconteceram com a turma do grêmio, formada pelos seguintes jogadores: Deia, Bilu e Galvão; João Carlos, Bigode e éAdemar; Luizinho, Guido César, Aroldo, Prego e Laércio; na reserva o Antônio Leite, goleiro, e o filho do tintureiro Leopoldo Nunes, não lembro seu nome.

Cada jogador tinha sua história: Deia, um grade goleiro, famoso por derrubar jogador dentro da área e depois defender o pênalti. O Bilu, um verdadeiro “cavalo”, como dizia o seu Amador Celeste, dava um grito bem alto, como “sai da frente”, “lá vou eu”, “eu mato” e outros, assustando os adversários. Ele tinha uma jaqueta muito grande comprada nas lojas Urgano, com filial na esquina da ladeira do mercado, esquina da Rua Cap. Porfirio, gerenciada pelo inesquecível João Reis. Era festa de São Pedro, de 28 para 29 de Junho, lá no Campinho da Irmã, no tempo que os fogos eram imprescindíveis nas festas juninas. Bilu participava de uma guerra de foguetinhos: um grupo de garotos já crescidinhos ficava no fundo do campinho e outra turma, na frente, encurralando os adversários, jogando foguetinhos com bomba um contra o outro. Bilu estava com sua famosa jaqueta, comprida quase até o joelho e por pouco não dava duas voltas no corpo. Era uma jaqueta riscadinha, com um bolso tamanho família onde estava o estoque de bombas e foguetinhos. Numa abertura de seu paletó para retirar a munição, foi atingido pelo adversário. Um foguetinho entrou no seu bolso interno, explodindo e pegando fogo em todo o seu estoque de foguetes, queimando o jaquetão e também seu corpo, na altura do braço esquerdo. Foi um grande susto para seus colegas, mas felizmente nosso amigo conseguiu recuperar-se e jogar todas as partidas do campeonato.

Depois do Bilu, tinha o Galvão Leite na defesa, o jogador mais inteligente da turma, sabia pisar no calcanhar do Ozires Camargo, derrubando-o sem cometer falta. Aí, tinha de correr para não apanhar... João Carlos Calderaro era o meia-direita; muito delicado, mas sabia jogar. Bigode, filho do Chico Bastião, magro, alto, era o meia-esquerda, um corisco mole que sabia dominar com muita facilidade os adversários gigantes como o Perácio e outros. Ademar Navajas, irmão do Rubinho da padaria, era um jogador clássico, com categoria e firmeza: era o capitão do time; foi um grande esportista. Luizinho, o Luiz Santana, ponta direita, um inferno para os goleiros, tinha a mania de provocar o seu Máximo, com 150 kg de peso, grande e muito bom goleiro. Depois marcava o gol com categoria. Guido, o mais velho da turma, lento, mas chutava muito bem, sempre certo, com a bola sempre na rede. Aroldo, irmão do Adatao Cuta, jogava no centro, bom jogador, sempre na espera, mas sabia marcar gols muito bem. Prego, o Antônio Domingues, filho do prefeito, gordinho e baixinho, tinha de ser mantido na equipe, não tinha substituto. Ele também cumpria bem seu papel.



Laércio, o Laércio Pinto, irmão do Zezinho e da Amélia, esse era um diabo no campo, chutava com os dois pés, especialista em gol olímpico. Se conseguisse levar a bola até o fundo, era gol na certa. Foi ele o jogador mais visado da equipe. Num jogo contra o União F.C., foi maldosamente chutado pelo adversário, marcou o gol, mas teve convulsão e foi parar no hospital, com o Grêmio perdendo o jogo. Foi essa, aliás, a única derrota do time. O União foi o campeão e o Grêmio, o vice.

### **O Grêmio em Natividade**

Depois do campeonato municipal de 1959, a única equipe de futebol que continuou unida, organizada e atuante foi do Grêmio, time de Ginásio São José. De início, teve reforços que foram o Zezinho Elói, filho de um grande jogador, o inesquecível Juca Elói, e mais três colaboradores que deram muita força: o Dr. Rui de Melo, o Prof. Ernesto e o Ulisses Cantinho.

O Grêmio fazia diversas disputas na cidade e sua fama chegou às cidades vizinhas, sendo primeiro convidada para um jogo em Natividade da Serra. Era 1º de Novembro o dia do jogo. Num caminhão de propriedade do Sr. Antônio Elpídio, fretado pela prefeitura de Natividade. Lá foi o Grêmio para a histórica disputa. Oito horas da manhã, ansiosa, a garotada já estava de prontidão na Praça da Matriz, esperando a hora da saída. Era o primeiro jogo fora da cidade, para todos uma novidade. Saíram da praça entre nove e dez horas, passando por Redenção da Serra, chegaram a Natividade perto do meio-dia. Recebidos pelo prefeito, seu filho - o Castro, amigo do Deia, colega de caserna em Caçapava, meio pasmo, perguntou: São esses os jogadores? Sim, são esses, é o time do Grêmio, eu também jogo, sou o goleiro, respondeu Deia. São muito novos, franzinos, o time daqui é muito pesado, são na maioria veteranos, mas tudo bem, disse o filho o prefeito. Como convidados de honra, foram almoçar na casa do prefeito. Após o almoço, de barriga cheia, foram pra praça. Uma surpresa. Estava cheia de meninas: a notícia da chegada dos garotos do grêmio correu a cidade, de ponta a ponta.

João Carlos Calderaro, o único conhecido, pois tinha parentes em Natividade, com sua delicadeza, ou melhor, muita educação, foi logo dando as cartas: tinha muita mulher para todos, por sorte todos solteiros, só alguns meio comprometidos. Foi uma tarde memorável. Três e meia era hora do jogo. Antes, foram todos avisados: terminada a partida, retornar a Paraibuna o mais rápido possível, os rapazes de Natividade estão enciumados e não é bom ficar mais tempo na cidade.

Havia uma diferença muito grande de idade e porte físico entre os jogadores do Grêmio e os adversários. O grêmio com média de idade de 16 ou 17, eles, com 28 ou 30 anos. Começou o jogo. Não estava fácil, o Grêmio passava apertado, e, logo nos primeiros quinze minutos, pênalti contra o time de Paraibuna. O Deia defendeu, o moral da turma subiu. Mais trinta e cinco minutos, Luizinho, o Luiz Santana, endiabrado, marca o primeiro gol. De alma nova, ninguém segurava mais. Final do primeiro tempo, um a zero. Início do segundo tempo, mais ou menos aos dez minutos, outro pênalti, outra defesa do goleirão do Grêmio. O moral bateu nas nuvens, o Grêmio estava dando um verdadeiro show de bola. Aos vinte e cinco minutos, mais um gol do grêmio: o Laércio, do fundo do campo, acertou um chute certo, quase impossível. Dois a zero. O campo, totalmente aberto, estava lotado. O Grêmio ganhava também a torcida feminina da cidade. Num belíssimo espetáculo, o jogo terminou no dois a zero, quebrando a invencibilidade dos gigantes de Natividade.

Terminado jogo, perguntaram ao prefeito: onde tomar banho e trocar de roupa? Ele respondeu: Tomar banho é no ribeirão, trocar de roupa é debaixo da ponte. Ao lado do campo passava um ribeirão bem volumoso e na entrada da cidade havia uma ponte. Foi muito divertido. Tomar banho no ribeirão e trocar de roupa debaixo da ponte. Em seguida voltamos pra casa, trazendo lembranças inesquecíveis.

E o tempo foi passando... Existia, é verdade, uma rivalidade muito grande entre Grêmio e os outros grupos esportivos da cidade. O Grêmio, porém, ganhou a

simpatia geral dos torcedores. Em qualquer jogo de que participasse, tinha toda a torcida do seu lado. Chegou, contudo, o dia de um desafio aceito pelo grêmio e feito pela Associação Esportiva Paraibunense – considerado o time oficial da cidade, para uma partida tira-teima. O jogo foi marcado para o dia 9 de junho, uma quinta-feira, dia de Corpus Christi.

O seu Amador Celeste, técnico da A.E.P., preocupado com o que poderia acontecer, propôs ser o árbitro, passando a direção do seu time para o inesquecível Nico Fonseca. Dia do jogo, campo cheio, a tensão era geral. Seu Amador Celeste reuniu os jogadores no centro do gramado e fez as recomendações: pediu muita calma, nada de provocação. Parecia uma guerra, mas foi esse o jogo do ano. Segundo o Seu Amador, o Grêmio não podia ganhar a partida: era um jogo perigoso e tudo poderia acontecer. Primeiro tempo, um jogão, terminando em zero a zero.

Segundo tempo, Deia pegando tudo, Seu Máximo, o goleirão da AEP, com quase 150 kg, preocupado, e o seu Amador rezandopara que o Grêmio não marcasse gol. O Grêmio jogava com raça, Bilu virou um gigante em campo. Ademar Navajas, Galvão, João Carlos Calderaro, Bigode, todos pareciam gente grande jogando futebol. Os atacantes contrários faziam de tudo, e o gol não saía. Num desses lances perigosos, Luizinho Santana ficou cara a cara com o goleiro gigante, o seu Máximo. Poderia até ter marcado um gol, mas seu Máximo armou um tremendo chute, se pegasse no jogador, mandaria o Luiz Santana para o espaço. Por sorte, acertou só a bola, mas sua perna levantou tão alto que ele caiu de costas no chão. Foi uma festa para a torcida. E Luizinho, mais uma vez, provocou o gigante e saiu correndo para não apanhar. Graças a Deus o jogo terminou zero a zero, disse o seu Amador aliviado.

O conceito do Grêmio continuava cada vez mais alto, quando surgiu mais um convite pra jogar fora da cidade, dessa vez em Jambeiro. Com o jogo marcado para o último domingo do mês de Julho, final de férias, convidado pelo prof. Ernesto, lá foi o grêmio para mais um jogo histórico. Foi uma grande partida, mas o grêmio teve sua primeira derrota. O prof. Ernesto, para consolar os jogadores, dizia: Eles venceram, mas não convenceram; o jogo foi bom, vocês jogaram muito bem, mas seria muito difícil e perigoso uma vitória em Jambeiro.

### **O fim do Grêmio**

Os dias do grêmio estavam contados. A maioria dos jogadores estava de saída do Ginásio São José. Era o último ano, quase todos na quarta-série, hoje oitava série do primeiro grau. O futuro futebolístico de cada jogador não era muito promissor. Uma vez fora do grêmio, a chance de cada um continuar seria difícil. Não tinham como concorrer com os grandes atletas da Associação Esportiva Paraibunense que comandavam todos os esportes na cidade. Máximo, os irmãos Elói, Percio, Wenceslau, Zê Leal eram insubstituíveis, não só por suas habilidades de bons jogadores, mas por respeito e gratidão a cada um desses craques. O seu Máximo, por exemplo, era um grande goleiro, jogava muito bem, era um homem de respeito, gerente da usina de leite Vigor e um dos diretores da A.E.P. Os outros também tinham gabarito positivo e mereciam de fato ser mantidos no time. O número de jogadores à espera de um lugarzinho, mesmo no segundo time, era grande, sem contar os meninos do grêmio. O único gremista que teve chance e jogou na A.E.P. foi o Ademar Navajas, por sinal um grande jogador.

Ninguém queria o final do grêmio. Todos queriam colaborar. Foi quando o Nelson Costa, um amigo da turma, incentivado pelo prof. Ernesto, se propôs a ser técnico do grêmio. Tudo parecia dar certo, mas alguns atletas, como João Carlos, Galvão Leite, Bigode, Laercio, Luiz Santana, e outros, estavam de saída da cidade em busca do seu futuro. Deveriam continuar seus estudos e ser alguém na vida. Diante disso, o técnico teria de substituí-los, o que não pegou bem para os demais

jogadores.

Até esse período, quem resolvia com quem e onde jogar eram os próprios jogadores, que usavam de muita cautela para não prejudicar os atletas e o conceito do time. Numa euforia e vontade de mostrar o time, o novo técnico, Nelson Costa, acertou disputar uma partida contra o juvenil da A.E. São José dos Campos. O jogo seria no velho estádio de esporte clube Taubaté (hoje aquela cidade conta com uma belíssima praça de esportes, o “Joaquinzão”), antes da partida do Taubaté contra a Ponte Preta de Campinas, num domingo à tarde.

Anunciado esse jogo, foi uma alegria para todos, mas logo em seguida chegaram informações do potencial dos adversários, que eram todos profissionais disputando o campeonato paulista da 2ª divisão em diversos clubes de São Paulo. Ainda mais: achando que o Grêmio era um grande time, reforçaram o seu elenco para garantir a vitória. Jorge, um jogador extraordinário, que sabia dar um show de bola, estava em Paraibuna, vivendo em Caçapava. Gostou muito da cidade na ocasião em que jogou em nosso estádio por Jambeiro. Conheceu Otacílio Nunes e aceitou o convite que lhe foi feito, aqui ficando e vivendo por muitos anos no nosso meio. Era um grande amigo da cidade e mais ainda do Otacílio. Esse grande jogador mais o Antônio Maia deveriam reforçar o Grêmio. O próprio Jorge, que conhecia os jogadores de São José, alertou o técnico e a turma sobre a inconveniência desse jogo: o nível técnico dos adversários era muito alto e o grêmio poderia dar vexame. O seu conselho não foi ouvido, e lá fomos, todos orgulhosos, jogar pela primeira vez num verdadeiro estádio de futebol, com quase dez mil espectadores. A garotada de Paraibuna foi muito bem recebida em Taubaté, recebendo o incentivo muito grande de um ilustre filho de Paraibuna, o Major Nabor Nogueira Santos, que na época era o comandante do glorioso batalhão da Força Pública (atual polícia militar) do estado de São Paulo.

Antes do jogo, um pequeno problema, faltavam quatro jogadores titulares: Deia, Bilu, Guido César e Antônio Maia. Esses quatro estavam viajando num Ford29, tipo guarda-louça, de propriedade do Sr. Adélio Camargo. A Rodovia Presidente Dutra ainda não estava totalmente concluída e tinha muitos trechos com pista única. Seu Adélio, não acostumado a dirigir na Dutra; perdeu-se na entrada para Taubaté e, quando deu pela falha, já estava em Pinda. Chegaram ao estádio uns dez minutos atrasados. O técnico estava já apavorado e foi logo fazendo as substituições. O jogo foi um verdadeiro massacre, apesar da torcida a favor do grêmio, perdemos de nove a zero. Por azar, Jorge havia desperdiçado um pênalti quando o jogo ainda estava 0x0. Mas valeu a pena. Foi uma experiência muito boa para os garotos, que tiveram a alegria de poder contar que um dia fizeram a preliminar de um jogo do campeonato paulista de futebol, “esquecendo”, é claro, de contar o resultado da partida...

Foi o fim. Os jogadores do grêmio eram muito unidos, não estavam acostumados com técnico e não se conformavam em ver seus colegas substituídos, praticamente, por estranhos, depois de cinco anos sempre jogando juntos. Foi um bom motivo para acabar o Grêmio. O final foi honroso, pois não houve fracasso nem decadência. A alegria e as lembranças saudáveis ficaram até hoje na memória de cada um. Os garotos tomaram rumos diferentes, todos aprenderam a lutar e vencer. Venceram na vida. Todos se tornaram bons profissionais, formaram famílias até numerosas, como o seu Abílio Miranda, pai de dez filhos e que ainda reside em Paraibuna. Foi um privilégio ser gremista! Todos devem estar orgulhosos da trajetória do Grêmio Estudantil de Paraibuna - 1954, com muitas histórias para contar, além daquelas narradas nos últimos capítulos.

### **A bola continua**

O Grêmio já não existia mais. Dos seus integrantes sobraram Deia, Ze-

zinho Elói, Guido César e Ademar Navajas, mas a fama do time ainda continuava. Um grupo de jogadores jovens de São José dos Campos, que conheceu o Grêmio num jogo em Taubaté, gostou da turma e se propôs fazer uma partida amistosa em Paraibuna.

Nelson Costa, muito amigo da garotada, gostou da ideia e promoveu a partida entre o juvenil de Paraibuna e o juvenil de São José dos Campos. Era num mês de julho e todo mundo estava na cidade. Vejam só que time estava disponível: Deia, Nelson Padeiro, Tião Martins, Zezinho Elói, Ademar, Antônio Maia, Luizinho Santana, Alemão, Guido César e Laércio - uma turma nova com muita fibra. Tudo acertado, foi marcado o jogo juvenil de Paraibuna versus juvenil de São José dos Campos.

Foi o jogo do ano, mais uma grande partida de futebol que ficou na história da cidade, revelando novos talentos, que se tornaram grandes jogadores da Associação Esportiva Paraibunense, como Ademar, Alemão, Zezinho Elói e Lamartine. Uma belíssima partida. Com vitória para o juvenil da cidade. Teve como destaque os dois goleiros, de um lado o Deia, do outro, o Claudinei. Logo após o jogo, os goleiros se cumprimentaram. Claudinei ficou encantado com a cidade, dizendo que faria tudo para ficar em Paraibuna.

O time da cidade estava se reorganizando para disputar um campeonato na liga de futebol de São José dos Campos. O famoso goleiro local, Máximo Monteiro, já não podia jogar mais e, além de já se sentir passado, tinha sido transferido da cidade, designado para ser gerente da usina Vigor de Taubaté. Claudinei seria a solução. A A.E. Paraibunense precisava de dois goleiros, um titular e um reserva. Deia sonhava por uma oportunidade, já havia seis anos, ainda que fosse como reserva. Claudinei foi contratado. Era um senhor goleiro, tendo chegado a ser profissional, jogando primeiro pelo Juventus da Rua Javari, em São Paulo, defendendo depois vários times no Nordeste.

A diretoria da A.E.P. queria testar o novo goleiro. Foi marcado um jogo contra o time de Jambeiro, naquela cidade. Seria uma partida muito difícil para Paraibuna, pois Jambeiro tinha um bom time e disputava um campeonato na liga de futebol de Caçapava, com grande sucesso. Era um time que colecionava vitórias, nos bons tempos dos jogadores Freitas, Pelote, Cioffi, Gurgel, Fiora, Sincésio, Atilio, Zezinho, Ado e outros.

Foi um jogo histórico! Antes do embarque para Jambeiro, uma notícia: Claudinei tinha um compromisso em São José e não poderia jogar. A solução foi convidar o Deia para substituir. A diretoria da A.E.P. ficou preocupada, Deia poderia não aceitar o convite, pois não fora convidado para disputar essa partida, nem como reserva... Seu Adélio Camargo, gerente do Banco do Vale e chefe do Deia, ficou encarregado desse convite de última hora. Procurou o jogador e não precisou dar nenhuma explicação, Deia aceitou na hora. Era uma grande oportunidade de jogar fora da cidade. Ainda mais em Jambeiro.

Foi no dia 2 de Setembro de 1957, um pouco antes da festa principal de Jambeiro. A notícia do jogo espalhou-se em Paraibuna como um rastilho de pólvora. A população inteira queria assistir a essa partida. Além do mais, era uma grande oportunidade para dar um passeio na vizinha cidade. Paraibuna tinha a maior frota de Jeeps da região, era difícil um fazendeiro que não tivesse um, o carro era mais popular que o fusca nos bons tempos. Assim, com mais os carros de passeio e caminhões, a vizinha cidade ficou lotada de torcedores de Paraibuna. Até aquele dia, nunca se vira tanto paraibunense em Jambeiro! Foi uma festa! O Dr. João Vilhena foi nosso anfitrião, recebendo os jogadores e visitantes com muito carinho. Os jogadores de Paraibuna ficaram muito descontraindo, pois até parecia que estavam em casa...

Naquele tempo havia uma rixa muito grande entre as duas cidades. Tudo se transformava em guerra. Esse dia, todavia, foi uma exceção. O clima era de festa,

Jambeiro tinha a certeza da vitória e para os paraibunenses era um jogo de futebol, um passeio na cidade vizinha, não importava o resultado. Esse era o espírito de todos.

Hora do jogo, três horas da tarde. Depois do tradicional sorteio do cara ou coroa, Jambeiro ganhou a escolha do campo, preferindo o lado da sombra, ficando o lado do sol de Setembro para Paraibuna, péssimo para o goleiro. Início da partida, Jambeiro dominando e Deia pegando tudo. Mais ou menos aos 30 minutos do primeiro tempo, Bobico comete um pênalti. Era a maior chance de Jambeiro, que tinha um grande cobrador de pênalti, um verdadeiro matador, com chute forte e certo, que nunca havia perdido um pênalti em sua carreira. Amador Celeste, técnico da A.E.P., um dos mais experientes da região, conhecia todos os jogadores de Jambeiro. Orientou o goleiro como o jogador poderia chutar. Não deu outra foi “pá-puf”, o cobrador chutou, um tiro forte e certo, e o goleirão defendeu com segurança. Foi uma festa no campo, com a torcida formada 90% de paraibunenses.

O jogo continuou. Jambeiro sempre dominando, mas, para sua infelicidade, no final do primeiro tempo, Marinho Elói marca o primeiro gol contra o Jambeiro. Outra festa! Daí pra frente, ninguém segurava mais, o moral do time de Paraibuna subiu até as nuvens e tudo dava certo.

No segundo tempo, mais um gol para Paraibuna e um para Jambeiro, com o resultado final de 2 x 1 para A.E. Paraibunense. Foi uma alegria para os paraibunenses, principalmente para o Deia, que fez a melhor partida de toda a sua carreira de goleiro. Foi um jogo inesquecível que ficou na lembrança dos jambeirenses mais antigos até hoje. Uma curiosidade: antes do jogo, seu Adélio Camargo, ao descer do seu guarda-louça, um Ford 29, achou uma ferradura. Olhou para os seus amigos e com um sorriso na face disse: “A vitória está garantida!”. Ao terminar o jogo, deu a ferradura ao goleiro Deia, que a guarda até hoje, nela gravando a data e o resultado do jogo. A diretoria da A.E. Paraibunense estava eufórica! O time estava bom demais, já podia contar com dois bons goleiros. Um elenco impecável, com Ademar, Alemão, Zezinho Elói, Lamartine, Antônio Maia e os demais jogadores em plena forma. Para Deia era um sonho realizado. Mesmo como reserva, já podia se considerar um jogador do time principal da cidade.

O Esporte Clube Taubaté estava se preparando mais uma vez para disputar a primeira divisão do campeonato paulista de futebol. O Coronel Nabor Nogueira Santos, filho de Paraibuna, amigo do E.C. Taubaté, arrumou um jogo-treino em Paraibuna. Mais uma vez Claudinei não apareceu e Deia foi escalado, feliz da vida com mais uma oportunidade de defender as cores da A.E. Paraibunense. Foi um jogo! Paraibuna estava impecável. Começou vencendo a partida, fato que a direção do Taubaté não aceitava. Aconteceu, porém, uma maldade muito grande. Os jogadores do Taubaté desceram o sarrafo no segundo tempo, pois não admitiam perder. A natureza não colaborou. Caiu uma chuva aos 30 minutos do segundo tempo e o campo ficou perigoso. Deia era um goleiro arrojado. Numa de suas defesas malucas, levou uma chuteira na cabeça, que lhe causou um corte de bom tamanho. Não tendo substituto, teve de ficar até o fim do jogo. Estava mal. Já no final do último tempo, o Taubaté conseguiu empatar o jogo. No finzinho da partida, uma bola foi recuada bem lenta e o goleiro não conseguiu se locomover, caindo no terreno, foi o gol da vitória do Taubaté.

A maior tristeza do goleiro Deia não foi a derrota, mas a falta de consideração dos diretores da AEP, os quais, mesmo sabendo da gravidade dos ferimentos que havia recebido, sequer procuraram saber como estava. Foi o fim. Aceitando o conselho de sua esposa (estava casado havia pouco tempo), prometeu não jogar mais futebol e, se possível, nunca mais ir a um campo em Paraibuna. Promessa que cumpriu à risca até esta data. Claudinei jogou sua primeira partida com a camisa da A.E. Paraibunense em São Sebastião, garantindo a vitória de seu time. Ele era realmente um grande goleiro, mas não jogou muito tempo pela cidade, pois seu

futuro era no futebol profissional.

## **Goleiro**

Estamos em 1958, prestes a fechar com chave-de-ouro um período de glórias para o esporte em Paraibuna. Foi um presente de Deus aos imortais esportistas de nossa cidade – aqueles que, com muito carinho e dedicação, foram os responsáveis pelo sucesso do esporte nesta boa terra por mais de duas décadas. Foram eles: Zeca Cantinho, Arthur Navajas Jr., Amador Celeste, Nico Fonseca, Carlos Miranda, Antônio Elpidio e outros. Paraibuna era muito conceituada em toda região do Vale do Paraíba quando se falava em futebol. Fama, aliás, muito merecida. Anos de cinquenta e oito, cinquenta e nove e sessenta. Os imortais responsáveis pelo esporte na cidade mais uma vez reorganizaram o time de futebol da cidade para disputar o tradicional campeonato amador da região do vale.

Amador Celeste era um grande técnico, com experiência de sobra para dirigir o esquadrão paraibunense, mas ele não quis assumir sozinho essa responsabilidade. Contratou para seu auxiliar um técnico, um grande craque e amigo da cidade, o Gaguejo. Nessa época já se podia contar com muito sangue novo, talentos que estavam começando a surgir, como Ademir Navajas, Lamartine, Alemão, Otacílio Nunes, Zezinho Elói, Moacir Lopes e outros. Já estávamos num período de transição, quando os grande e tradicionais craques do nosso futebol, como Perácio, Zé Leal, Wenceslau Celeste e os próprios irmãos Elóis teriam seus substitutos. Era difícil para os jovens competir com os mais antigos, que tinham talento de sobra, eram craques de verdade, enquanto os garotos não tinham experiência, assim diziam os dirigentes.

Moacir Lopes Diniz, por exemplo, era um bom goleiro, tinha futuro, tinha tanto futuro que foi convidado por um senhor, o Armando Camargo Filho, gerente do Banco do Vale, agência de Paraibuna, para fazer um teste no Juventus, tradicional clube da Rua Javari em São Paulo, juntamente com Claudinei, também um grande goleiro que viria a defender a Associação Esportiva Paraibunense nesse campeonato. Moacir por questão familiar, não aceitou o convite, mas Claudinei, com muita vocação e qualidade para ser um profissional, aceitou. Ele fez o teste, foi aprovado e defendeu por um bom tempo a meta do Juventus.

Moacir teve de conformar-se em defender a A.E.P. no segundo quadro, ainda competindo com o veterano Colinho, Paulo Viera e João Maia, o “Paquêia”. Para jogar no time principal, foi contratado um goleiro de São Sebastião, o Gringo, que chegou a jogar nas primeiras partidas do campeonato. Num dos jogos fora da cidade, na hora de embarcar, o goleiro Gringão não chegava, os dirigentes estavam preocupados, até que chegou uma notícia desagradável. Um acidente na estrada, o goleiro fora ferido, quebrando uma das pernas. Moacir era funcionário da fábrica de fogos Caramuru e jogava também no time da indústria. Pronto para jogar no seu time, recebeu um recado do seu Amador: “o goleiro não poderá jogar, você vai substituí-lo”.

Moacir, um tanto surpreso e nervoso, não teve alternativa: teria de qualquer maneira de aceitar a incumbência de ser o goleiro titular do timão de Paraibuna. Foi bem sucedido e tornou-se, chegando a ser vice-campeão amador do vale, tendo o João Maia como seu reserva. Não poderiam passar despercebidos os nomes de outras pessoas de grande importância nos bastidores do esporte paraibunense, como Castorino, Monteiro e Antônio Elpidio, torcedores fantásticos, mais fanáticos do que pode ser o mais fervoroso corintiano. Eles acompanhavam os atletas a todos os jogos da AEP, em Paraibuna e fora. Eram eles que incentivavam o time, gritando o tempo todo, e com isso empurrando os jogadores para o sucesso.

Antônio Elpidio, sem dúvida uma figura mais do que importante para Paraibuna, sempre acompanhando e colaborando em todos os eventos locais de que se teve conhecimento, seja nas festas da cidade ou no esporte. Foi ele ainda o

grande lutador para a restauração e sobrevivência de nossa banda de música. Pena que tivesse ficado doente, pois ele fazia muita falta na vida da nossa cidade.

Alcides Souza Neves, o Cidão. O insubstituível! Era figura muito importante entre os responsáveis pelo esporte na cidade. Foi o roupeiro do time por muitos e muitos anos. Dizem que “ninguém é insubstituível”, mas o Cidão fugiu a essa regra. Com igual dedicação e seu jeito exclusivo de ser, não apareceu nem vai aparecer outro igual. Ele sempre foi muito benquisto. Faleceu sendo amigo e muito querido por toda a população, tendo tido como privilégio a proteção e o carinho das mais importantes autoridades locais, entre elas, aquele que depois chegou a desembargador do Tribunal de Justiça do estado de São Paulo, o grande Dr. Odyr José Porto Pinto. A comissão técnica da AEP contava ainda com um competente massagista, o Juventino Davi- o querido Tino.

1958 - Paraibuna já estava disputando o primeiro campeonato amador de futebol, dentro do ciclo de ouro do esporte de nossa terra. Ainda contávamos com os veteranos irmãos Elói – Bobico, Adolfinho, Marinho e Juca (este, porém, já estava sendo substituído pelo Zezinho Elói) – e mais o Zé Leal. Alguns veteranos foram sucedidos pelos calouros Ademar Navajas, Lamartine, Alemão, Luizinho Fonseca e mais o Otacilo Nunes.

De vitória em vitória, chegou a vez de disputar o título com a representação de Piquete, naquela cidade. Paraibuna tinha muita chance, se perdesse lá, ainda poderia disputar mais uma partida em um campo neutro. Paraibuna, de fato, perdeu a primeira, como era esperado, mas sua esperança estava no campo neutro, e o local determinado para o jogo foi o velho estádio do Esporte Clube Taubaté, onde hoje é o supermercado Pão de Açúcar. O jogo seria noturno e nossos atletas jamais haviam feito uma partida de futebol à noite. Talvez por ter sido essa a primeira vez, todo o time fez essa partida finalíssima com os nervos à flor da pele. Resultado: outra derrota e a pernada do campeonato. Mas, ser vice-campeão em 1958, até que pode ser considerado um feito extraordinário, diante da importância desse campeonato.

### **Em busca de ser campeão**

1959 - Paraibuna campeã. O ano de 1958 valeu como experiência. Faltou pouco, ou, melhor, não faltou nada, pois houve duas chance de ser campeão de futebol amador da região do Vale do Paraíba, mas foi vice, o que pode ser comemorado como uma grande vitória. A comissão técnica sentiu que com um pouco mais de esforço o campeonato estaria garantido. Zeca Cantinho foi o maior entusiasta do futebol na história de Paraibuna. Era ele quem dava ordem e sua opinião era sempre rigorosamente respeitada. Paraibuna tinha vários craques, filhos da terra residindo fora, como Luizinho Fonseca, Rui Ladeira e Estéfano, que moravam em Taubaté.

Ordem do seu Zeca: busquem os meninos e os tragam a Paraibuna, custe o que custar. E a ordem foi cumprida. O conceito da Associação Esportiva Paraibunense estava altíssimo. Era ponto de honra pelo menos repetir o feito de 1958, com as três feras, garotos ainda jovem, com muita saúde, em plena forma, o campeonato já estaria garantido. Isso ainda não foi tudo, já tinha disponível um bom jogador, o Cocada, funcionário da segurança pública, residindo na cidade. Que timão! Ainda não foi só. Convidado, veio a Paraibuna o Maringá, um craque de Jambeiro. O vento soprava a favor da A.E.P., pois com ele vieram seu irmão Pelote e, de Taubaté, o Ademazinho. Eram dois matadores, dois verdadeiros homens-gol, que jogavam demais!

Seu Zeca Cantinho estava eufórico com esse time, já poderiam ser recomendadas as faixas de campeão. Para completar sua alegria, vieram mais dois grandes atletas, Espigão e Canuto. Que timão! Só quem conheceu esse jogadores

pode avaliar isso. Paraibuna contava com um plantel sem precedentes na história esportiva, não só da cidade, como de toda a região, com Moacir do Zê feitor, Cocada, Maringá, Marinho Elói, Rui Ladeira, Alemão, Ademar Navajas, Estéfano, Canuto, Joaquim Preto, Ademarzinho, Otacílio, Guido César, Leal, Zezinho Elói e João Maia, goleiro reserva. De veterano, somente o Marinho Elói. Cocada poderia ser considerado veterano, mas para Paraibuna era sangue novo. O campeonato de 1959 foi uma barbada, com apenas uma derrota, para o E.C. São José, de São José dos Campos, por quatro a um.

Foi uma consagração Paraibuna ser campeã pela primeira vez na história e, fato inédito, campeã do futebol amador do estado, região do Vale do Paraíba! Já estava pago, com muita justiça, o trabalho, o esforço, a dedicação dos valorosos homens cultos, inteligentes e vitoriosos na vida e no futebol, principalmente o seu Zeca Cantinho.

1960 - Paraibuna bicampeã! O time da A.E.P.- o Paraibuna, como era conhecido - partiu com muita força e garra rumo ao bi. Colecionando vitórias, o Paraibuna, como um rolo compressor, chegava invicto até a última partida, já campeão por antecipação. O último jogo foi contra o E.C. São José, lá em São José dos Campos, no campo do adversário. Para todos era uma disputa sem responsabilidade, já consagrado campeão, mas seu Zeca não queria saber disso, não queria perder de maneira nenhuma. Não dando muito valor para o resultado, a comissão técnica resolveu dispensar os jogadores de Jambeiro, deixando de contar com Maringá e Pelote. Seu Zeca, sabendo disso, não gostou nada, seu feitio era o de vitórias, não importando se seria campeão com qualquer resultado. Não admitia derrota sem luta. Ele não foi ao campo, resolveu ir à casa do filho, Ulisses Cantinho (que residia em São José), ali poderia receber o resultado mais calmo.

O jogo estava sendo transmitido pela rádio Difusora de São José. O radialista era o Antônio Leite. Parecia um jogo de copa do mundo: Antônio Leite gritava com entusiasmo fora do comum, gol, gol, gol, uma, duas, três e quatro vezes, cada vez mais alto, GOOOOOOOOOOOL, é do Paraibuna!

O resultado poderia ser considerado um troco da derrota no campeonato de 1959, quatro para o Paraibuna e um para o São José. Seu Zeca não aguentava mais de tanta alegria. Saiu da casa do filho e foi de encontro aos jogadores para comemorar a vitória dessa campanha histórica, com uma goleada contra o E.C. São José. Estava assim fechado com chave-de-ouro o período de glórias do futebol paraibunense. Os homens do esporte na cidade recebiam com júbilo mais essa dívida de Deus, todo poderoso!

O Paraibuna demonstrou em sua campanha, nos três campeonatos, que era realmente uma grande equipe, com quase cem por cento de aproveitamento, batendo um recorde de gols. Marcando cento e cinco gols e tendo como artilheiro dos campeonatos, Ademarzinho, com cinquenta e cinco gols.

A euforia pelo campeonato contaminou muitos torcedores, entre eles o Alemão, seu Carlos Zimmer, que resolveu premiar todos os jogadores com medalhas e relógios. Para a entrega das faixas, foi marcado um jogo amistoso com o E.C. Elvira, de Jacareí. Foi uma bela festa: com muita alegria os jogadores recebiam de suas madrinhas a faixa de BICAMPEÃO. A madrinha do goleiro Moacir do Zê Feitor foi a então senhorita Edna, hoje sua esposa. Foi um final felicíssimo de duas décadas históricas do futebol paraibunense, com homens que se tornaram inesquecíveis até hoje, não só no futebol como em toda a história de Paraibuna.

Entre uma partida amistosa e outra, num jogo contra o Vila Maria Zélia F.C., de São Paulo, quando Paraibuna venceu por dez a um, o sexto gol foi marcado pelo grande atleta Otacilio Nunes. Depois de uma tabelinha com Pelote, teve a bola no pé, para marcar o seu único gol em toda sua carreira futebolística. O único gol marcado em toda sua vida. Depois da comemoração, foi verificar a súmula e viu que nas anotações do secretário Nico Fonseca, o gol estava registrado em nome de



outro. Que tristeza! Naquela época os times tinham apenas onze camisas, numeradas de um a onze. Quando os jogadores eram substituídos, tiravam a camisa e a entregavam a seus substitutos. Os gols eram marcados pelo número da camisa, e o jogador que Otaciliosubstituiu, Guido César, foi quem recebeu honra do seu gol.

### **Lembranças do futebol**

Do lazer em Paraibuna, além das festas tradicionais, o que ficou mesmo na memória do povo foi o futebol. Nas décadas de quarenta e cinquenta e no início dos anos sessenta, domingo sem futebol era como a tarde do último dia de um feriado prolongado, cidade vazia, um silêncio cansativo. O estádio sempre cheio, na época, fazia do futebol a maior fonte de renda para as atividades sociais da cidade, assim como é o bingo hoje. Em qualquer partida de futebol, ainda que de pouca importância, a venda dos ingressos dava para as despesas de manutenção do estádio e ainda sobrava dinheiro para as reservas do clube.

A renda do futebol era tão importante e certa, que não existia alternativa de renda beneficente que não fosse a promoção de partida de futebol, principalmente as mais curiosas e sem despesas, como entre casados e solteiros, veteranos e calouros, alunos e professores e a mais importante, gordos e magros, com as equipes sempre composta por gente de boa vontade, pessoas importantes, idosos com espírito esportivo, todos sempre sabendo fazer o espetáculo. As autoridades, como o juiz de direito, o promotor de justiça e o delegado, colaboravam muito nas atividades sociais da cidade, trocando o terno, gravata e sapatos de bico fino por calções, camisetas e chuteiras, fazendo sua parte.

Na turma dos gordos, além do Zeferino (escrivão da coletoria federal), podia ser destacado o Carlos Miranda, sítiante, subgerente da Caixa Rural de Paraibuna, que jogava a maior parte do tempo sentado, mas que sabia chutar muito bem. Natural de Jambeiro, filho do Prof. Júlio de Moraes e irmão do saudoso setembrino do antigo grupo escolar “Cerqueira Cesar”, o Ditão Moraes, grande músico, a exemplo da maioria de seus irmãos.

Ditão era o pistonista da antiga banda de Paraibuna. Gordo e de boa estatura, nas horas de folga como funcionário da Caixa Rural, fabricava bombinhas (seu pai além de grande músico, jornalista e professor, tinha sido hábil pirotécnico na vizinha cidade de Jambeiro). Ele jogava no gol do time dos gordos. Seu uniforme era uma calça sem as pernas, camisa social, de mangas compridas. Ele sempre levava no bolso um canivete, um pedaço de fumo de rolo, mais a palha de milho pra fazer o cigarro de palha. Sua mania era picar o fumo, esfregá-lo na mão até ficar em condições de fazer o cigarro. Era bom boleiro: quando pegava a bola, primeiro acendia o cigarro, dava uma tragada, apagava o cigarro que guardava atrás da orelha, e só depois devolvia a bola ao campo, o que era uma festa pra torcida.

Do time dos magros, além do seu Zeca Cantinho, escrivão do cartório, o maior colaborador da cidade no cenário esportivo, participavam também seus amigos, que eram as autoridades mais importantes, como o juiz de direito, Dr. Erix de Castro, e o promotor público. Um dos mais engraçados era o Ulisses do seu Zeca Cantinho. Esse gostava de discutir com o árbitro, com os jogadores – adversários e companheiros – e, quando possível, sentava-se na bola para irritar a todos. Zeca Peca era um jogador de classe, sabia jogar, foi sempre titular do time principal da cidade, pegava a bola, levava de encontro ao seu adversário, primeiro brincando com ele e chamado a atenção da torcida, para depois passar a bola, fazendo tudo isso com muita graça.

No final dos anos sessenta, entre 1968 e 69, parece que aconteceu a última partida beneficente de solteiros, promovida por um grupo de jovens que devia distribuir presentes para as crianças pobres de Paraibuna. Participavam dessa comissão o Roberto Celeste, Joaquim Rico, Zé Deia, Leca do Djalma, Esmeralda do

João Reis, Denis Faria Moura e Altair do Pitanga, irmão do vereador Nenê Pitanga. Altair, a figura principal da turma, era o encarregado de divulgar a promoção. Era o locutor de um serviço de alto-falante adquirido do Mauro Campos, sem falar com o dono e sem pagar até hoje: foi uma jogada de mestre! Contou para isso com a colaboração de Denis Faria Moura, que tinha as chaves do estúdio, facilitando a retirada e o transporte do equipamento até a Sociedade Amigos de Paraibuna. Mauro Campos, que estava em São Paulo na época, quando teve conhecimento do fato, nada pode fazer. A campanha ia de vento em popa, na mais perfeita ordem, dando tudo certo.

Um dia, Altair Pitanga, ao ler a “Gazeta Esportiva”, viu uma notícia com fotografia e informações: Roberto Carlos faria um show beneficente no estádio municipal de Paraibuna (só que se tratava de Paraibuna no estado de Minas Gerais). O show estava sendo patrocinado por uma usina siderúrgica que existe até hoje lá. Altair teve então a ideia de promover o jogo beneficente, tradicional disputa entre casados e solteiros (que já estava marcada), utilizando a notícia da “Gazeta Esportiva” para anunciar a presença do cantor Roberto Carlos em Paraibuna. A coisa pegou, percebendo que o povo estava acreditando.

Altair Pitanga anunciava o evento com muita segurança: ele era mesmo um locutor e tanto, tinha futuro no rádio. Vendeu ingresso com antecedência pra valer. O dia chegou. Domingo à tarde. Estádio lotado. Início do jogo às três horas e, em seguida, o show. Altair anunciava o espetáculo com a maior cara-de-pau: Dentro de alguns minutos deverá estar neste estádio o famoso cantor Roberto Carlos! E a comissão ainda não sabia como dar, depois, uma desculpa ao povo, como desfazer essa brincadeira. Estavam todos com os nervos à flor da pele. Deus, porém, estava do lado da comissão. O céu começou a escurecer, o tempo fechou, desabou um temporal que dava tanto medo que todo mundo abandonou o estádio, ficando vazio, sem ninguém. Que alívio para a comissão!!! E o Altair não perdeu tempo. À noite, com uma categoria fenomenal, pediu desculpas a todos, prometendo ainda devolver o dinheiro. Pela graça de Deus, porém, tendo a notícia vazado, a cidade inteira ficou sabendo da brincadeira, mas até achou a ideia muito criativa e corajosa. Assim, ninguém exigiu dinheiro de volta. E aquele Natal foi de muita fartura de presentes, tendo sido distribuídos brinquedos e roupas para todas as crianças de Paraibuna, carentes ou não. Quanto ao equipamento de som, Mauro Campos só conseguiu recuperar a discoteca quase vazia, que achou abandonada no casarão dos Calazans.

### **Um estilo diferente**

Depois de trinta anos de glórias, alegrias e muito sucesso, não faltaram esportistas com esforço e coragem para manter vivo o futebol em Paraibuna: Hélio Lages, Hélio Barbeiro, Moacir Lopes Diniz (Moacir do Zê Feitor), João Pessoa Naves, o Naves e a turma da Vila de Fátima, um grupo de jovens, esforçados, inteligentes e criativos, que trabalham pelo esporte até hoje. Foram estes que criaram, com muito sucesso, a famosa “São Silvila”, prova pedestre que já é uma tradição na cidade. Todos esses senhores lutaram com persistência e conseguiram dar muita alegria aos esportistas da cidade. Os Neves e a turma da Vila de Fátima, ainda na ativa, conseguiram manter viva essa chama. No grupo de esportistas que nasceram nesse período e ficaram na história, conseguindo sobreviver nestes dez anos, estão os “Stilosos”, que no início seriam um antitime, um time só “de sarro”.

Primeiro seriam inscritos para disputar um campeonato de futebol de salão que a A.E.P. promovia regularmente, chegando até a elaborar uma lista de peças raras (só quem os conhece pode imaginar!). Dentre outros, foram arrolados o Zê Batata, Mãe, Toninho Tippiti, Cidão, Tião Moreira, Frango do Rock, Pedro Abel, Pedro Penacho, Boscão, Rui Brucutu, Betão, Nelson Currutu e Loly – este, a peça mais rara da cidade. Loly foi o primeiro contratado, sendo que a maioria dos esco-

lhidos não passaria num psicotécnico, por motivo desconhecido, forças ocultas ou incompatibilidade de “stilo”. Desse modo, o time original acabou contando com os seguintes “craques”: Helio Caçapava, Paulinho, Mingo, Joãozinho, o popular João Bolha, Noeio, Zê Luizinho, e o principal, o Loly.

O “stilo” se renovou sempre, entrando até no campo do patrocínio esportivo, já em nível empresarial. Em 1977 – início de suas atividades, comprou no bazar do Deia todo o material necessário para disputar um campeonato de futebol de salão mediante um sinal imaginário, deixando o saldo pendurado. O tempo foi passando, e como a grana não pintava, os “Stilosos”, ou melhor, o Loly – que já era presidente do STILOSOS FUTSHOW CLUBE, resolveu negociar com o paciente credor uma outra forma de pagamento da dívida, chegando à seguinte composição: o Deia perdoaria o saldo e Loly cobraria pra ele débitos pendentes de outros clientes. Ambas as partes cumpriram o acordo. Loly recebeu as contas e o bazar do Deia perdeu a dívida. Só que o “stilo” se comprometeu a cobrar os débitos, mas não a repassar os valores ao bazar, enquanto o bazar se comprometeu a perdoar a dívida se o “stilo” recebesse as contas, o que aconteceu. Bastaria receber as contas e a dívida estaria perdoada. Depois de um comunicado do “stilo” que recebeu todas as “penduras”, o contrato tinha de ser cumprido, ficando a dívida perdoada. Resultado: o bazar do Deia só ficou livre das contas em atraso, incluindo as do “stilo”, sem receber nenhuma grana. Foi na realidade um golpe em grande “estilo”.

Depois de conseguir um patrocinador nato, que era o Bazar do Deia, o “Stilo” ganhou cores: vermelho, azul e branco, tendo no distintivo uma chuteirinha. Criou a expressão “CAMPEÃO MORAL” e o princípio “SE NÃO PODEMOS VENCER OS ADVERSÁRIOS, JUNTAMOS-NOS A ELÊS.” Em 1979, o “stilo” iniciou também atividades no futebol de campo, revelando inúmeros talentos, como Zê Gran, Zê Batata, Paulo Prancha, Tião d’Hotel, Bonilha, Lino Soldado, Tonhão do Edésio, Loly, o principal, e muitos outros.

Em agosto e setembro de 1979, fazia o “stilo” um balanço da primeira incursão pelos campos e pastos da cidade:

1º jogo: Vila de Fátima 4 x 1 “Stilosos” – placar moral: 1 a 0 para “stilo”

2º jogo: Bragança 4 x 3 “Stilosos” – placar moral: 3 a 0 para “stilo”

3º jogo: Itapeva 5 x 2 “Stilosos” – placar moral: 2 a 1 para “stilo” (obs.: dessa vez o árbitro não foi culpado... e , por motivo de ressaca geral, o “stilo” só brilhou no primeiro tempo e só o início do jogo foi que valeu)

4º jogo: Itapeva 1 x 1 “Stilosos” – placar “quase” justo. (obs.: o detalhe desse empate foi que o “stilo” não contou com a ajuda dos céus, pois o Ita só empatou a dois minutos do final do segundo tempo e o juiz teve uma atuação “perfeita”: roubou para os dois lados.)

5º jogo: “Stilosos” 5 x 3 Areião – placar justíssimo (finalmente o “stilo” interrompeu sua série “invicta”...), o placar só não foi maior porque, prevendo o vexame, o adversário fugiu de campo. Segredo da vitória: o “stilo” emprestou alguns atletas ao rival...

O “stilo” tornou-se um time de nível “internacional”, tendo sido a primeira incursão ao Mato Grosso do Sul, quando os “atletas” Ivan Ravorda, Noeio, João Carlos, Pipoca e Mário Eugênio – todos grandes pescadores – fizeram um teste de pescaria no Operário F.C., de Campo Grande, por indicação do jogador e conterrâneo Marião. Embora aprovados no teste, resolveram voltar às origens, para alegria da torcida. O time dos “Stilosos” só registrou glórias e vitórias no seus dez anos de história. Sem nenhuma derrota (considerados, é claro, os “resultados morais”), chegou a vice-campeão e depois a campeão em 1985, na disputa do título com Santa Rita no dia 18/12/1985. Como tudo na vida tem de acabar pra poder “entrar na história”, com os “Stilosos” não podia ser diferente: teve como presidente durante os dez anos de vida – sempre reeleito sem adversário – o Luiz Benedito Santos Alvarenga, o “Loly”, única figura local que preenchia todos os quesitos para ser um

presidente “Stiloso”.

Para se despedir da presidência, Loly deu uma entrevista ao Jornal “O jameirense”, sem cobrar cachê. Essa entrevista foi publicada na edição de 31/12/1987 do jornal da vizinha cidade de Jambeiro. Loly entrou para a história como presidente de honra do STILOSO FUTSHOW CLUBE, sem deixar herdeiros.

### **Em busca do passado**

Depois da década de quarenta e cinquenta, época de ouro do futebol em Paraibuna, mantido com força e garra dos inesquecíveis homens do esporte da cidade, como os senhores Amador Celeste, Zeca Cantinho, Nico Fonseca, Artur Navajas e outros, o futebol paraibunense quase não pegava mais nem no tranco. Um dos grandes motivos dessa fase negativa deve-se à síndrome das reformas do estádio local, o campo de futebol da cidade. Todos os prefeitos de Paraibuna, com uma ou duas exceções, reformaram o estádio, ficando em alguns casos interditado por um mandato inteiro.

Muitos prefeitos deixaram marcas no estádio municipal. Jayme Domingues, por exemplo, foi um prefeito que construiu as arquibancadas, alambrado, vestiário, banheiros, mudando radicalmente o visual. Joaquim Rico fez uma reforma total, mudando quase tudo, ampliando o estádio, construindo uma quadra de basquete, tentando transformá-lo em uma autêntica praça de esporte. Pretendia incluir na cultura da cidade também o atletismo. A previsão era abrigar jogos abertos regionais, concluindo a reforma com iluminação do campo, mas os esportistas ficaram longe disso por muito tempo. Surgiram alguns líderes que lutaram, e muito, para a sobrevivência do futebol. As dificuldades foram maiores que a boa vontade, e quem sobreviveu, graças ao heroísmo dos seus dirigentes, foi o grupo da Vila de Fátima.

O principal motivo que levou à publicação desta série começa neste capítulo. No final da década de sessenta, início da década de setenta, estava já em pleno funcionamento o ginásio estadual de Paraibuna, tornando-se Ginásio Estadual “Cel. Eduardo José de Camargo” e, finalmente, E.E.P.S.G. “Cel. Eduardo José de Camargo”. Era o princípio de uma vida, de um período novo na história de Paraibuna. Além da cultura, um ensino fundamental completo, uma garotada nova, com professores e uma direção ativa, alguns deles ainda presentes, como prof. Evânio, D. Maria Antônia, Numa Pompilho. Contava-se com um belíssimo futuro pela frente. Não foi fácil, a escola não estava preparada para nenhuma atividade esportiva ou recreativa. Sem praça de esporte na cidade, sem campo de futebol, quadra de basquete ou vôlei, mas com um grande privilégio, tinha o rio Paraibuna, mais conhecido como Paraíba.

A sede do ginásio era o prédio do Instituto Santo Antônio, ao lado tinha um campinho, o antigo Campinho da Irmã, onde eram ministradas as aulas de educação física, as mais divertidas e gostosas de todos os tempos. Para conciliar os interesses de todos, aluno, escola, professores e ainda os alunos residentes no município de Jambeiro, as aulas tinham que ser muito cedo, entre seis e oito horas da manhã. Para os estudantes, o que tinha de melhor na ginástica era o banho no rio. Mesmo no inverno, todos queriam enfrentar o desafio, mergulhar nas águas frias do Paraíba. Era sagrado. Depois da ginástica, um racha muito louco, um banho no Paraíba. O mais importante, todos aprenderam a nadar. Um fato curioso: Antonino Maia, filho de Bernadete Maia, mais conhecido por Chepevê, cuja tradução é “Cheire pra você vê”, tinha bronquite, pela lógica não poderia tomar friagem, muito menos banho gelado, mas a brincadeira era tão gostosa, tão divertida, quase impossível não participar dela. Chepevê não aguentou, esqueceu seus problemas de saúde e entrou nessa, mergulhou no Paraíba, em pouco tempo esqueceu a bronquite, por certo estava curado.

Fazia parte do currículo das aulas de educação física, além dos jogos co-

letivos, também o atletismo, com corridas, saltos, arremessos de peso etc. Mas como atender a esse programa se a escola não tinha o mínimo para satisfazer essas necessidades? Para praticar qualquer esporte não tinha nem bola de futebol, não recebia auxílio de ninguém, muito menos do Estado, tudo era por conta do professor. Recorrendo ao Delegado Regional de Esporte, na época o prof. Marson, a resposta foi a seguinte: Para receber qualquer material de esporte da delegacia era preciso participar de jogos regionais. O único esporte conhecido era o futebol, mas futebol? Cadê o campo? O campo de futebol da cidade estava fechado para reforma, o campinho da irmã era um campinho, a única praça de esporte disponível era a quadra de bola ao cesto da A.E.P - que remédio!? O professor de educação física na época era o Sr. José Deia. Pensou um pouco e “seja o que Deus quiser!”, optou pelo basquete. Treinou um grupo de garotos por três anos e “vamos nessa”. Inscreveu a escola para disputar um campeonato regional de bola ao cesto, categoria catorze anos, região de São José dos Campos. Imaginem o que os garotos aprontaram! Vejam na próxima edição.

A sorte estava lançada. O ginásio estadual de Paraibuna, “Coronel Eduardo José de Camargo”, tinha que disputar, pela primeira vez na história, um campeonato regional de bola ao cesto. E daí? Sem um mínimo de recurso para a prática de esporte na cidade, sem quadra, sem material esportivo... Não tem problema, dizia o professor, a gente dá um jeito. O que não faltava era coragem, a natureza de pioneirismo, otimismo e a vontade de um realizador; todas as pessoas precisam de uma história para contar, qualquer que fosse o resultado, essa seria uma grande história na vida de todos, alunos e professor. Vejam que atletas: Chico do Amador, Walderson Pinto, Maurício Camargo, Betão Calderaro, Márcio do Deia, Paulo Prancha, João Bolha, João Vicente, Dedê da Dinda e Pedro Fotógrafo.

Foi feito um firme propósito, lutar para não fazer feio. O professor sabia da responsabilidade, mas tinha um pensamento consigo, nada seria anormal, o impossível seria Paraibuna disputar esse campeonato. Todos foram à luta, a turma tinha que treinar vinte e quatro horas por dia para aprender a jogar basquete. A Associação Esportiva Paraibunense cedeu a quadra para os treinos. Por sorte, tiveram uma ajuda importantíssima de um grande amigo, Sr. Gilberto da padaria, o Borracha, que sabia jogar bola ao cesto, era um bom jogador. O responsável pela turma, o professor de educação física na época, José Deia, não admitia fracasso, transmitia com muita firmeza a ideia de vitória por mais de trinta dias, com bolas de futebol, bola de borracha tipo “bexigão” e, finalmente, com bola parecida com bola de basquete.

A hora estava chegando. Dia de oficializar a inscrição. Todos tiraram sua fotografia e as dez “carinhas de anjo” foram inscritas para disputar pela primeira vez na história um campeonato colegial, um regional de bola ao cesto. Na hora de oficializar a inscrição de turma, um drama. O encarregado de receber as inscrições para os jogos perguntou: O senhor tem certeza que vai disputar o campeonato? Sim, respondeu o professor. O colégio tem quadra de esporte? Não. Tem material esportivo para apresentar? Não. Tem uniforme oficial? Não. Estão preparados para o campeonato? Com muita firmeza a resposta foi: SIM, estamos! O secretário de esporte parou um pouco, fez um minuto de silêncio, e disse: Tudo bem, o sorteio para os jogos será na próxima semana.

Chegando o dia, na sede da Delegacia de Esportes, estavam presentes os responsáveis das diversas escolas, entre eles, o professor Tirso, que foi jogador da seleção brasileira na época, membro da comissão técnica responsável pelo Colégio João Cursino. O professor Jamil, que também foi jogador de basquete da seleção brasileira emembro da comissão técnica da confederação brasileira, era o responsável pelo Colégio Silva Prado, de Jacareí. Ainda estavam lá os responsáveis pelos colégios Sinésio Martins, Olavo Bilac e outros.

A Delegacia Regional de Esporte tinha sua sede na praça de esporte do

CTA. No auditório, todos os professores aguardavam o momento do sorteio para saber quais seriam seus adversários. Para surpresa de todos, o representante do ginásio estadual de Paraibuna também estava lá, sendo observado pelos concorrentes com o canto dos olhos. Depois das formalidades, tudo pronto. Começou o sorteio. Primeiro sorteado: Colégio Silva Prado de Jacareí. Sorteio do adversário, retirado o papelzinho, lá estava o nome do ginásio estadual de Paraibuna. Foi uma vibração do professor Jamil, do Silva Prado, um favorito disputando com Paraibuna, poderia ser uma barbada. Logo em seguida, o professor caiu na real e pediu desculpas. Para Paraibuna tudo bem, não tinha nada a perder. O jogo seria na próxima quinta-feira em Jacareí. O Silva Prado tinha o mando do jogo, foi sorteado primeiro.

A turma de Paraibuna estava preparada. Maurício Camargo, Betão Calde-raro, Márcio do Deia, Paulo Prancha, João Bolha, João Vicente, Dedê da Dinda e Pedro Fotógrafo. O caçula da turma, Márcio do Deia, o mais gordinho, Joãozinho Reis ou João Bolha, o mais alto de todos, Pedro Gimenes, filho do fotógrafo da cidade, mais parecia um frango de granja. A saída seria na Praça da Matriz, em frente ao Hotel Central, às treze horas.

As dez, já tinha jogador esperando. Na hora da partida, uma Rural novinha em folha, do professor José Deia, encostava para a grande missão. Pela primeira vez na história, uma disputa de bola ao cesto, num campeonato regional. Pela primeira vez na vida, alguns meninos estavam saindo de Paraibuna, com a oportunidade de conhecer uma nova cidade, Jacareí. Tudo era novidade. Antes da partida, um papo estranho, muita conversa de pé da orelha entre Joãozinho Reis e o Pedrinho Gimenes, que dava para desconfiar, mas tudo bem. Vamos criança, a hora chegou! Sempre otimista, o professor José Deia afirmava: Vamos ganhar esse jogo.

Na perua cabiam seis passageiros sentados, quatro foram no bagageiro. O problema era passar no posto do guarda. Ordem para os do bagageiro, deitar no assoalho, bem escondido, sem fazer barulho. Lá estavam sempre juntos Pedrinho Fotógrafo e Joãozinho Reis. Deu certo, passaram pelo guarda.

Chegaram a Jacareí no horário previsto, pronto para o grande jogo. Ao descer do veículo, Pedrinho não estava bem, parecia estar com uma pequena dor de barriga. Hora do jogo, Pedrinho estava mal, era uma disenteria violenta. O professor falou com Pedrinho e disse: Vá ao banheiro e fique lá, porque o jogo vai começar. Já na quadra de esporte, lotação completa, todos os alunos locais foram dispensados para o grande jogo. Jogadores do Silva Prado faziam sua exibição, não sobrava nem um cantinho para os atletas de Paraibuna, nem para reconhecimento de quadra. Também, para que? Não tinham nem uma bola decente para ser apresentada. Chegaram os representantes do esporte e os árbitros. O jogo vai começar. A ordem do professor de Paraibuna era observar os jogadores de Jacareí, que estavam se exibindo, e cada um escolher o seu. Marcação homem a homem, como carrapato.

Começou o jogo, os jovens calouros de Paraibuna estavam bem, muito bem, confiantes – o professor muito mais. Os adversários de Jacareí eram corpulentos e muito altos, os de Paraibuna, baixinhos e franzinos, mas com muita agilidade. As instruções do técnico paraibunense eram: pegar a bola, avançar o mais rápido possível e arriscar ao cesto em qualquer circunstância. Deu certo. Os baixinhos passavam por baixo dos grandalhões, bola ao cesto, ponto para Paraibuna. A sorte estava favorável. Era um pra lá, outro pra cá, sempre um ou dois pontos na frente. No intervalo, o técnico de Paraibuna observou uma conseira nos atletas de Jacareí, eles se exibiram demais e entraram cansados em campo. O esquema era o mesmo: marcação cerrada, jogo rápido e arremesso ao cesto de qualquer lugar. Todos os jogadores do time estavam queimados com quatro faltas. No final todos os reservas estavam na quadra, e, no lugar do Pedrinho, entrou o Joãozinho Reis.

Foi difícil. No final do jogo, faltando um segundo, Paraibuna estava per-

dendo por um ponto. Márcio do Deia tinha muita visão do cesto. Quando jogava futebol, também tinha muita visão do gol. Márcio pegou a bola e, pouco além do meio da quadra, ouviu uma voz em coro dos seus colegas, joga, joga, joga ao cesto! Ele jogou. Não bateu nem no aro. Cesta para Paraibuna. A primeira vitória, no primeiro jogo da turma, no primeiro campeonato que uma escola de Paraibuna estava participando.

Para Paraibuna, só alegria. Para Jacareí, muito choro. Professor Jamil não se conformava com a derrota. Fazer o que? Era Paraibuna que continuava no páreo. A moral dos atletas de Paraibuna subiu.

Daí pra frente, só foram vitórias. Depois de vencer o colégio Sinésio Martins, estavam nas finais o azarão, Ginásio Estadual de Paraibuna, e o favorito, Colégio João Cursino, do professor Tirso. Vamos nessa, garotada, dizia o professor, moralmente já somos mais que campeões. Antes de iniciar o jogo, um pequeno problema, os atletas de Paraibuna ocuparam o banheiro feminino e não tinha como pegar seus apetrechos e roupas. Depois de tudo resolvido, o jogo. Foi o melhor jogo que Paraibuna fez. Jogou como um grande time, virou o tempo praticamente empatado. Foi uma grande preocupação para o técnico do João Cursino. Eles não podiam perder o jogo e nem o campeonato. Paraibuna começou, então, a perder jogador por excesso de faltas e, sem banco à altura, acabou perdendo o jogo com pequena diferença. Foi um jogo e um campeonato que ficou na história. Ao terminar a partida, no vestiário, o professor Tirso, técnico do João Cursino disse: Vocês são uns heróis, principalmente o seu professor, é mais fácil levantar sozinho uma pedra de uma tonelada que conseguir um fato inédito como esse, de ser vice-campeão.

Passados muitos anos, teve-se conhecimento de um fato curioso desse memorável campeonato. Joãozinho Reis queria de qualquer maneira jogar, poderia ser uma única oportunidade na vida de jogar uma partida de bola ao cesto, disputando um campeonato regional, ainda mais fora da cidade. Teve uma ideia, comprou um purgante bem forte, induziu Pedrinho Fotógrafo a tomar como se fosse um calmante de ordem do professor. Deu certo, Pedrinho passou o jogo inteiro no banheiro e Joãozinho teve sua chance, jogou em Jacareí, se tornou quase um titular do time, jogando em todas as partidas.

Terminado o campeonato colegial de bola ao cesto, o resultado não poderia ser melhor. Vice-campeão. O professor já estava pronto para se despedir da turma. Os garotos estavam umas “feras”, qualquer um deles já estava jogando muito bem, além dos seus próprios limites, superando a capacidade do professor. Férias de julho, um pequeno período de repouso, bom para refletir o futuro. O tempo foi curto, a alegria dessa conquista e a amizade com os alunos não poderiam ser jogadas fora. Agosto, volta às aulas. Os primeiros encontros foram só para comentários, cada aluno tinha uma história para contar.

Na segunda semana, logo numa segunda-feira, na hora de assistir o ponto, lá estavam o senhor Silvio Camargo, secretário da escola, e o professor Evânio Leal de Lima, diretor. O secretário Silvio Camargo, muito amigo, alegre e gozador, foi logo dizendo: tenho novidades, vai haver um campeonato de atletismo colegial na região e eu já fiz a inscrição do colégio em todas as modalidades.

E agora, o que vamos fazer? pensou o professor lá no pátio, o famoso Campinho da Irmã, como era conhecido. Meio preocupado, deu a notícia aos alunos: Vamos disputar o campeonato de atletismo em São José dos Campos. Não temos muito tempo. Não sei como fazer para não dar vexame.

Qual foi o espanto! Os alunos receberam a notícia com alegria, vibraram, cada um já pensava como treinar, querendo começar na mesma hora. Além da turma “A”, menores de catorze anos, tínhamos a turma “B”, com mais de catorze, que também fizera bonito nos jogo colegiais. São eles: Mario Eugênio e seu irmão Magrelo, o José Luiz Santos, Quintão, o Luiz Francisco Neves, Paulão, o Paulo José

Alves Gonçalves, João Gordo, o João Batista Santos, Baca, o Antônio Carlos Alves, Zé Luizinho, o José Luiz Calderaro Júnior, Pitigrilo, o Rubens Nogueira de Souza. Nessa turma, o time “B” tinha como reforço o Chico Celeste, da turma “A”, e o Bidito, Benedito Felipe de Oliveira Costa, irmão do Dedé da Dinda. Tudo combinado, vamos ao treino.

Os próprios alunos trabalhavam na adaptação do Campinho da Irmã para uma praça de atletismo. Fizeram a caixa de salto, um buraco no chão de dois metros de largura por quatro de comprimento, com algumas latas de areia do próprio terreno. Na lateral da caixa de salto, seis postes de eucalipto que serviriam para treino de salto de altura. No fundo da praça de esporte, no meio da relva, mais mato que qualquer outra coisa, um círculo para arremesso de peso, disco, vara. Sai de baixo! O peso era um tijolo com mais de um quilo.

Tudo muito animado. Para correr cinquenta metros, tinha que correr duzentos, pelo menos. No revezamento, corriam até cansar. Eram dezessete elementos preparando-se para tudo. Parecia mais uma comédia que um treinamento de atletismo. Os atletas ficaram muito bem preparados fisicamente, pois treinaram vinte e quatro horas por dias. Até no sono eles estavam treinando.

O dia da competição chegou. Os atletas não dormiram, tal era a ansiedade. Antes das seis horas da manhã já estavam todos prontos. A saída estava marcada para as sete horas. Chegaram a São José dos Campos antes das oito, na Praça de Esporte do CTA.

A recomendação principal era: observem os outros competidores, façam igual a eles. Os jovens de Paraibuna nunca tinham sequer visto uma competição de atletismo. Paraibuna tinha a menor equipe do campeonato, mas participaria de todas as modalidades.

Um problema logo no início: várias disputas na mesma hora. Foi chamado o candidato para o salto de altura. Só havia disponível um atleta. Sobrou para o mais baixinho da equipe, o Mário Eugênio. Lá foi ele. Era muito leve, o vento ajudou, conseguiu se classificar e marcar ponto para Paraibuna. Nos cem metros, não deu para copiar. O Bidito da Dinda, numa corrida espetacular, chegou na frente e passou por baixo da fita. Que vergonha! Mas os pontos foram válidos. Depois de uma nova tentativa, Bidito repetiu a façanha, chegou em primeiro lugar, e aprendeu: não passou por baixo da fita. Nos quatrocentos metros, lá estava Maurício Camargo, competindo como um profissional, calçado com uma sapatilha cheia de grampos. Que estranho! Tudo bem. Conseguiu o segundo lugar, mas para a torcida foi o primeiro. Mais um sucesso da turma. Pudera! Maurício corria o dia inteiro.

Paraibuna estava muito bem, subindo ao pódio em todas as modalidades em que participou. Ainda havia mais uma, arremesso de peso. Betão Calderaro, muito forte, muito reforçado, foi bem nessa competição. Antes do arremesso, observou atentamente os outros competidores, como era a instrução do professor. Tentou imitá-los. Não deu certo. Enrolou-se e o peso caiu no dedão do pé. Não foi nada, tentou novamente, à sua maneira, e conseguiu ultrapassar todas as medidas previstas. O tijolo, ou melhor, o peso, foi além da modalidade. Betão Calderaro tinha como parceiro Dedé da Dinda. Ambos marcaram pontos, tanto no arremesso de peso como no arremesso de disco.

Paraibuna, mais uma vez foi sucesso. A menor equipe da competição se classificou entre as quatro melhores. Foi a quarta colocada. Não houve comemoração. O resultado demorou muito pra chegar à escola, mas as peripécias dos atletas ficaram em suas lembranças até os dias de hoje.

Meio século de história do esporte em Paraibuna. No início desta série, foi dito que os paraibunenses tinham vocação para o pódio, nasceram para ser campeões. Depois de tantas glórias, alegrias e muitas vitórias, nem bem tinha se passado meio século de pontos positivos, projetou-se ao longo de nossas fronteiras, já em 1982, uma nova fase. Nossos altares passaram a ser comandados por uma jovem pro-



fessora, com sangue de perseverante, com olhar sempre pra frente. Clara Márcia estava conseguindo representar Paraibuna, levando os jovens a disputar e ganhar, transformando seu trabalho em belíssimas vitórias em toda a região do Vale do Paraíba.

Até 1989, os campeonatos terminavam na região, ou melhor, no Vale do Paraíba. Em 1990, as competições passaram para o nível estadual. Foi bom para Paraibuna. Com a vocação de campeões, a garotada paraibunense foi longe. Clara Márcia tinha muita raça, coragem e certeza de sucesso. Ela não media sacrifícios. No primeiro ano de competição estadual, ela já tinha um grupo de meninas muito bem preparadas, que em toda década de oitenta só colecionavam vitórias. Não tinha ninguém para elas em todo o Vale. A professora titular nesse ano era a Silvana, que teve o privilégio de levar as meninas para representar, pela primeira vez, Paraibuna e o Vale do Paraíba em Guarujá, cidade do litoral paulista, conseguindo o terceiro lugar. Isso foi só o começo.

Era início de um novo ciclo de glórias para todos. Depois de meio século de histórias com muito humor e alegria, para maior satisfação e orgulho do narrador José Deia, surgiu a oportunidade de poder continuar registrando os fatos históricos, vitórias e muita glória de nossa gente, pelo menos por mais uma década. O que é mais importante no povo dessas histórias, sua filha Clara Márcia e o Prof. Tito que foi seu aluno.

Em 1990, Paraibuna representou o Vale do Paraíba em Guarujá; 1991, em Batatais. Daí em diante foi Guaratinguetá, Divinópolis, Penápolis, Lençóis Paulista, Avaré, Presidente Venceslau, Batatais e Americana no ano de 2000. Nessa trajetória somente foram somadas vitórias. Paraibuna nunca pôde ser considerada derrotada. Sua presença nessas cidades, uma mais longe que a outra, com mais de mil quilômetros de distância, tinha a responsabilidade de representar não só sua cidade como também todo o Vale do Paraíba. Já era mais que uma campeã, uma campeã do esforço, da raça e da coragem. Em todas essas cidades ficou uma marca. Em algumas delas, no ponto mais alto, por exemplo: campeão do arremesso de peso, campeão no jogo de damas, basquete feminino, terceiro lugar no jogo de xadrez masculino e feminino e muito mais.

### **A história continua.**

Agora é pra valer. O ano de 1990 marcou o reinício das competições esportivas colegiais no nível estadual. Paraibuna, bem preparada, estava lá. O professor Tito e a professora Silvana acompanharam a nossa equipe de basquete, uma equipe formada pelas alunas do “E.E.P.S.G. Cel. Eduardo”: Perla, Elaine, Melina, Casinha, Daniela, Caroline, Paula, Ana Cláudia. É bom sempre lembrar que cada equipe classificada para a disputa final de qualquer competição estaria representando não só sua cidade, mas sua delegacia regional sede e também sua região, no caso, o Vale do Paraíba. Isso foi em Guarujá, a cidade onde seriam realizadas as finais das competições regionais de todo o estado de São Paulo.

Deus é paraibunense, Santo Antônio também. Tudo estaria perdido, nossa equipe praticamente desclassificada, mas por sorte a estrela do professor Tito brilhou. Ele descobriu um erro nas folhas da súmula que desclassificou uma equipe e classificou as poderosas de Paraibuna.

Com isso, nossa turma foi apelidada de time do tapetão. Apesar de ameaçarem desprezo, represálias e humilhações, Paraibuna foi longe. As meninas não se intimidaram, jogaram com força, garra e despreendimento, com vitórias e mais vitórias, ainda mais com uma cestinha do campeonato, a Daniela, filha do senhor Bill. Paraibuna foi a terceira colocada no campeonato colegial de basquete do estado de São Paulo.

Ano seguinte, o colégio Cel. Eduardo ganhava um reforço: a professora

Clara Márcia, levando consigo muita coragem, esforço e otimismo de sobra. A equipe de basquete, categoria infantil, quinze e dezesseis anos, já liderada por ela, numa campanha fantástica, se classificara para as finais, dessa vez em Batatais, a quinhentos quilômetros de distância. A classificação foi monumental, nossa cestinha, a aluna Magda, marcava de vinte a trinta pontos por partida, um fenômeno. Ela só poderia ser igualada por Paula ou Hortência. Acreditem. É verdade. Ninguém esquece essa proeza.

A vida esportiva, ou mesmo a cultura dos paraibunenses, sempre foi traçada com muito amor e alegria. Os fatos vão acontecendo e marcando cada vez mais a cabeça e a alma dos nossos jovens. Em Batatais, a equipe de Paraibuna foi considerada a melhor do campeonato. Nessa campanha, chegou-se a marcar mais de cem pontos em uma só partida.

Paraibuna poderia ser a campeã do estado nessa competição. Era uma equipe superunida, todas falavam a mesma língua, muito amigas. Na última partida, já com dez pontos de vantagem no final do segundo tempo, a vedete do time, a Cassinha, filha do Sr. Abílio Miranda, foi maldosamente acidentada, com corte na testa, que, sangrando muito, levou vários pontos. A equipe ficou nervosa e assustada, perdendo a partida. Mesmo assim, o resultado ainda foi muito bom. Paraibuna conseguiu se classificar em segundo lugar entre as Escolas e, mais uma vez, em terceiro lugar em todo estado de São Paulo.

### **1991 ainda não terminou...**

O ano de 1991 foi longo para a turma de Paraibuna. Com as atletas Liana, Magda, Daniela, Fernandinha, Ana Karina, Gisele, Roberta, Perla, Melina, Cassinha, Ana Cláudia e Paula, o sucesso não foi só dentro das quadras. Foram as campeãs das comilanças, cada uma comia na lanchonete dois ou três x-saladas antes das refeições. Namoravam por telefone, com linha direta para Paraibuna, uma, duas, três, quatro, cinco ou mais vezes por dia, sob a guarda da professora, bastava um pequeno descuido para aprontarem. Tinha de tudo no grupo, até uma artista, a filha do Caetano.

Sucesso mesmo fazia a Cassinha. Com uma unha do pé inflamada, foi atendida dentro da quadra por um gato, aluno de fisioterapia, causando inveja a todas. A dor era tanta que nem com gelinho do gato ficou curada. Será? Foi levada ao pronto-socorro, atendida por um médico baiano, que perguntou: – De onde é o grupo? – De Paraibuna, responderam. Disse o médico baiano: – “Nós que aqui estamos por vós esperamos”. O danado conhecia Paraibuna! Num bar, um cantor apaixonado dedicava suas músicas a uma atleta de Paraibuna. – Para quem? Pra Cassinha, a poderosa!

O grupo fez muito sucesso e, como prêmio, de volta para casa, teve à sua disposição um ônibus, um pau velho fretado para transporte de carga, deveria trazer de volta colchões e outros apetrechos usado pelos atletas. Foi a viagem mais divertida em toda a vida do grupo. Um veículo bem ventilado tanto pelo teto, como pelas laterais, todo furado, com chuva, nem guarda-chuva vedava a água dentro do ônibus. Tinha de ser... Depois de tanto sucesso, voltar para casa numa condução bem confortável, quietinhas, dormindo, sem nem uma história pra contar?

No mesmo ano, outra equipe foi classificada, mais uma turma feminina, só que na categoria mirim, com pouca experiência. A disputa foi realizada na cidade de Osvaldo Cruz. Uma longa viagem, a oitocentos quilômetros de distância. Para alegria de todos, o ônibus se perdeu e foi parar em frente a uma porteira com os dizeres “Sítio da Vovó Dinda”. O grupo perdeu a abertura dos jogos. Para completar, um pneu furado. Sobrou como alojamento um estábulo cheio de baratas, com milhares no banheiro. Que tragédia! O Prof. Tito, como era o único homem, só tinha uma opção para dormir: o corredor do galpão, apelidado de alojamento.

Foi difícil fechar os olhos. Além das baratas, as mariposas faziam a festa. Acalmado os ânimos, depois da meia-noite, tudo aparentemente sossegado, um galo começou a cantar. Não deu outra. Alguém gritou bem alto: “Até aqui, Galo Velho”?! Jayme Domingues era candidato a prefeito na época e esse era o símbolo.

Oswaldo Cruz é uma cidade muito quente, com um calor insuportável. As meninas conseguiram dormir, um pouco, fora do famoso alojamento. O time era muito novo, as atletas tinham somente doze anos de idade para disputar com corpos muito fortes. Não conseguiram se classificar.

Ao filmar o jogo, a professora Márcia viu e ouviu uma professora falando: - Vou mostrar para esse professorzinho que é na quadra que se ganha jogo e não no tapetão! Era a professora técnica do time desclassificado na cidade de Guarujá. A professora Márcia desligou a filmadora, deu-lhe uma lição de moral e a técnica ficou uma fera, se galhardeando porque foi cinco vezes consecutiva campeã do estadual. Essa professora se retratou depois. Inesperadamente, pediu desculpas ao professor Tito, ficando amiga da professora Márcia até hoje.

1992 – Ano seguinte. Este ano poderia também ser marcado de sucessos, de glória para nossa escola, para nossa cidade.

Terminadas as férias de julho, no início dos trabalhos preparatórios para disputas de classificação das equipes, uma surpresa: as alunas, as melhores atletas do colégio, foram federadas pela Comissão de Esporte da Prefeitura para disputar os jogos abertos em nome da cidade. Uma pena. Foi lamentável. O tempo ou período que cada aluno-atleta pode ficar ou representar as escolas é pequeno. Eles são preparados, desenvolvem seus talentos, quando vão ficando no auge, já estão fora da escola. Nesse caso, as maiores prejudicadas foram as alunas, sem condenar quem quer que seja, elas teriam mais oportunidade de sucesso e mais histórias em suas vidas. Como alunas na escola, suas vitórias seriam no nível estadual e não regional, onde seus adversários estão muito mais fortes, mais preparados, e alguns são semi profissionais e até profissionais.

Vamos à luta. Sobrou para representar a Escola Coronel Eduardo uma equipe considerada reserva, fraca, inexperiente, mas muito corajosa, alegre e muito divertida, com destaque para Priscila, a filha da Dona Tica. A turma foi até muito bem. Disputou a classificação contra a equipe de Caraguatatuba lá no litoral. O entusiasmo, o otimismo, a confiança das meninas era muito boa, mas o motorista que dirigia a perua que conduzia as atletas até o litoral exagerou na velocidade, desceu a serra muito rápido, deixando as alunas igual a frango tonto, passando mal. Não deu para derrotar a equipe de Caraguatatuba. A equipe não se classificaria. Mas o problema de alunas confederadas não foi só de Paraibuna, foi de Caraguatatuba também, com uma diferença, a professora Márcia não usou as atletas confederadas, mas o professor de Caraguatatuba, sim, maliciosamente usou e perdeu os pontos.

A professora Márcia marcou sua presença em Guaratinguetá sozinha, levando como companhia o seu otimismo, sua força de vontade e muita coragem. O que foi bom para todos os alunos e, muito mais, para ela, pois era o início de um período de glórias e sucessos, conquistando muitos amigos e amigas em todo o Estado. São esses sacrifícios que valorizam e prolongam a vida das pessoas.

O ano de 1992 ainda não terminou. Com uma equipe melhor preparada, Paraibuna garantiu um grande sucesso em Penápolis. Foi considerada a melhor equipe do campeonato, com um jogo contra a cidade de Presidente Venceslau que ficou na história. Para a professora Márcia, foi a melhor turma, a mais bem preparada em toda sua carreira. Uma equipe de nova geração que, após a competição na cidade de Oswaldo Cruz, não parou mais. Foi a equipe que mais participou nas finais de campeonatos colegiais do estado de São Paulo, sempre muito bem classificada. Foi uma equipe muito geniosa, com destaque para as atletas: Cíntia, filha da Maria Mão Santa, Gisele, filha do falecido Donizete, uma das melhores atletas de

Paraibuna, Elaine, filha do Dedé, uma raça fora do normal, mais Elaine e Viviane.

A partir daí, Paraibuna cresceu no esporte, passou a se classificar também em atletismo, jogo de dama, xadrez, chegando ao pódio em todas as modalidades que participou. Os destaques foram em dama no masculino em Batatais, xadrez feminino em Avaré e Lençóis Paulista, xadrez masculino em Americana já no ano 2000. Além desses sucessos, arremesso de peso em Presidente Venceslau, sendo campeã em Batatais, com o atleta Edinho, e Daniela Cintra Rios se destacando nos oitocentos metros em Penápolis.

O basquete masculino também teve sua vez, competindo no terceiro regional em Cruzeiro e no primeiro regional de Pindamonhangaba, sendo sua melhor colocação o segundo lugar. Foi um time exemplar e brilhante, só faltando um pouquinho mais de sorte para garantir melhores resultados. Não foi só no basquete, não. Depois de dois anos de competição, Paraibuna se fez presente no futsal feminino, classificando-se para as finais em Caraguatatuba, com destaque para a atleta Suelen, a artilheira do time.

Em 1996, foi surgindo uma nova geração no basquete feminino e masculino, com destaque no feminino para um pedacinho de gente, um toquinho, com apenas doze anos e afilhada da professora Márcia, Marília é seu nome, que fazia duas ou três cestas de três pontos por partida. No masculino, quem deu show foi Ramiro Camargo. O time feminino terminou sua participação no ano de 2001, depois de disputar duas regionais, uma em Cruzeiro e outra em Pinda, e uma final do estado em Fernandópolis.

A professora Márcia teve sorte com suas afilhadas, uma saía e outra começava. Teve a oportunidade de levar para as finais do estado na cidade de Americana sua sobrinha Clarinha, a Clara, filha do Márcio José e da Bete do Abílio. A turma masculina não teve oportunidade nos anos 2000 e 2001, mas os atletas Rui Celeste, Antônio Carlos, Kleber, Carlinhos, Miguel e Danilo estão fazendo diversas cestas nas quadras da região.

Terminaria aqui mais um capítulo da história do esporte em nossa cidade, mas muitos atletas e competidores continuam fazendo sucesso, conquistando medalhas, competindo e eliminando figuras de destaque no nível nacional nos jogos de damas, tudo levando a crer que as estrelas de Paraibuna continuam brilhando. Ano de 2001 terminou, com ele também este capítulo, coberto de êxito, sucesso e alegria. Paraibuna mais uma vez se fez representada nas finais dos esportes colegiais do estado. Depois de uma vitória espetacular na região do vale, as alunas de Paraibuna: Ana Paula Moreira, Ana Paula Sintra, Ana Paula Bania, Luana, mostraram que são boas no jogo de dama. Conseguiram ser classificadas. Com categoria, foram disputar as finais em Araraquara, só sendo derrotadas pelo cansaço. O terceiro lugar veio com muita honra.

Foram vinte e um anos de trabalho. Muitas glórias, sucesso e mais sucesso, vitórias e mais vitórias, muita alegria, um esforço sem precedente, que somente com muita determinação e garra pode ser conseguido. Clara Márcia é a professora. Durante toda a sua carreira soube dividir seu tempo, lar e trabalho, cuidando e preparando com muito carinho os seus alunos, sem esquecer o seu calor de mãe, esposa. Ela não mediu sacrifício. Soube levar a seus alunos o otimismo necessário para somente vencer. Conseguiu. Foi uma das únicas professoras a estar presente como finalista em todas as competições, durante os 21 anos de sua carreira. Valeu a pena, tem em sua cabeça uma bagagem que não se apaga. Tem consigo uma receita para tudo isso. A vontade de vencer. Olhar para frente. Ter fé e acreditar em “Deus”. Com essa receita tudo se consegue.

Paraibuna pode se orgulhar e muito dos seus filhos, principalmente quando se fala de esporte, pois teve uma representante na Comissão Estadual de Esporte, podendo ser considerada uma dama do esporte. É a professora Márcia.

Um delegado regional de esporte também é membro da justiça deste estado.

Foi também presidente da liga regional de basquete, Vale do Paraíba. Foi conquistada com muito mérito, por um jovem simpático, importante e muito trabalhador. Seu nome, Dr. Lauro Eduardo Prado Gonçalves. Para os amigos? “Laurinho”.

A histórica partida entre Parahybuna Football Club e Sport Club Jambuirense. Vamos ao túnel do tempo. Chegando ao ano de 1914. Precisamente, no dia 7 de Junho de 1914. Um domingo. Nesse dia foi realizada a primeira partida de futebol entre as cidades de Jambuí e Paraíba. O jogo estava marcado para as quinze horas. Às treze horas e trinta minutos a comitiva chegava a Jambuí. Na chegada, aquela festa. Era um jogo de campeões. Foi uma recepção calorosa.

Na entrada da cidade, à espera do time Parahybunense, estava toda a diretoria do jambuirense. Foram recebidos por um “comitê” de distintas senhoritas daquela sociedade. O Parahybuna Football Club estava representado pelos seguintes craques:

FERDINANDO

Ramos e Camargo

Duduca- Perilo - Martinho

Domingos – Pedro- Alves – Marcelo - Plínio

O Sport Club Jambuirense, representado pelos craques:

PADIMA

Franco - Aristides

João - Orestes - Reynaldo

Almeida – Arlindo - Odilon – Dario- Nestor

Às quinze horas, com uma ansiedade sem precedente, com o estádio lotado, iniciou-se a histórica partida de futebol, que terminou com a vitória de Jambuí por quatro a zero. Gols marcados por Arlindo, de pênalti, Nestor, Reynaldo e Nestor novamente.

Dia 05 de julho de 1914, domingo. Paraíba recebe os heróis do Sport Club Jambuirense para mais um jogo amistoso contra o time local, o Parahybuna Sport Club. A praça estava lotada. A população inteira, com todas as suas autoridades, mais duas bandas de música.

Às dezesseis horas, as duas equipes, já uniformizadas, seguiram em desfile até o estádio local, acompanhadas pelas duas bandas de música mais toda a torcida, com representantes de diversas cidades como Caçapava, Redenção, Jacareí e São José dos Campos. Foi uma das mais importantes partidas de futebol realizadas na época, com um resultado bem amigo. Apesar do ótimo desempenho das equipes, o jogo terminou com um empate de zero a zero.

Ainda no túnel do tempo. Uma homenagem aos nossos heróis do passado, aqueles que honraram o nosso esporte e souberam levar bem alto o nome de Paraíba, começando pelos craques de 1934, os grandes jogadores como Maneco, Vitu, Pedrinho, Orlando, Wenceslau Celeste, que trabalhava até pouco tempo na Casa da Agricultura, Santinho Lanzelote, muito conhecido em Taubaté, Ernesto, Vicente Barreto, pai do Ivan Barreto, Neco, Amador Celeste, pai do Renato Celeste, Zezão. Eles defenderam a Associação Atlética Paraíba.

Ano de 1936. Nessa época, Paraíba se destacava no cenário esportivo da região com os seguintes atletas: Laulau, baixinho, mas um grande goleiro, casado com uma irmã do Didi Barreiro, a Dona Clarice Nogueiras, Pedrinho, Wenceslau Celeste, Santinho Lanzelote, Mário, Tenho, Néco, professor Cândido, o popular Zé Leal, famoso por colocar ferraduras nas patas de animais, Amador Celeste e Vicente Barreto, defensores da associação atlética Paraíba.

Ano de 1948 - um timão, já com o nome de Sport Club Paraíba. Tinha como atletas os mais famosos jogadores, como os quatro irmãos Eloi, uma família de mineiros, proprietários da Fazenda das Laranjeiras, hoje residência do prefeito Luiz Gonzaga. Com Chavez no gol, Bobico Eloi, Nelson Nunes, Walter, Adolfo Eloi, Quinze, que reside ainda com muita saudade em Minas Gerais, Marinho Eloi, Zé

Paca, o paca do cartório do seu Zeca Cantinho, Juca Eloi, Pedro Maranhão e Peracio. Dessa turma Todos foram nossos conterrâneos. O esporte clube Paraibuna acabou logo depois.

Ficou para o final. Escolhemos a história do juvenil da Associação Esportiva Paraibunense de 1976. Vale a pena registrar. Tendo como técnico um abnegado esportista, o Zezé do seu Tito, um grupo de jovens jogadores representou a Associação Esportiva Paraibunense num campeonato organizado pela Liga Municipal de Esporte de São José dos Campos.

Faziam parte desse grupo da A.E.P., que tinha como presidente Wilfredo Finck, Renato Celeste como secretário, o técnico Zezé do seu Tito, o massagista Linho e o roupeiro Marinho. Como jogadores: Dedê, Minhão, Alemão, Bidito, Arnaldo, Marcinho do Deia, Valdir, Barata, Zé Rubens Chiquinho, Pedrinho, Paulo B, Eilson, Pico, Quim e Rudney. Foi uma participação histórica. Tudo seria normal se não fossem as vitórias espetaculares dos jovens Paraibunenses.

Participavam desse campeonato, os times mais representativos de São José dos Campos, como os da Johnson, Ericson, General Motors e outros. Paraibuna vencia por goleadas. Venceu Manchester por 11 a 1, Vila São Bento por 8 a 0, Vila Industrial por 5 a 0, Bom Sucesso por 4 a 0. Ninguém segurava esse time, somente uma armação poderia tirar o brilho desse grupo de raça e vontade de vencer.

Aí o bicho pegou! Acontecia cada lance que até parecia brincadeira. Coisas inacreditáveis. Histórias que só o Zé Borracha pode explicar.

Numa preliminar de um jogo oficial, partida válida pelo campeonato paulista de 1976, Paraibuna jogava contra time da Rodhia e não podia vencer. Parecia brincadeira. Pasmem! Paraibuna teve nove gols anulados para que a Rodhia vencesse por “2 a 1”. Numa outra partida de decisão, realizada no campo do C.T.A., a Ericson tinha que vencer para não disputar o título em Paraibuna. Mais uma vergonhosa armação. O árbitro, com o nome de Maranhão, por sinal uma boa pessoa, até parente do jogador Maurício Camargo, aprontou nesse jogo. Depois de muitas, expulsando três jogadores, Marcinho do Deia, Maurício Camargo e o Messias, no final do jogo, já na prorrogação, apitou um pênalti inexistente. Um jogador distante do goleiro, fora da área, se jogou dentro da área e o pênalti foi marcado. Foi gol, vitória da Ericson por “1 a 0”. O árbitro deu o jogo como terminado e saiu correndo do campo com os jogadores de Paraibuna correndo atrás. Apesar da derrota, foi uma festa.

Essas armações fazem lembrar um quadrangular com apenas três times organizado pelo Zé Borracha em 1975, no bairro Ribeirão Branco, numa festa de São Vicente. O Bazar do Deia patrocinava um deles, e, de uma maneira muito estranha, foi proclamado pelo organizador Zé Borracha o campeão invicto, sem vencer uma partida sequer.

Final da história. No campeonato da Liga Municipal de São José dos Campos, o time da Ericson foi campeão e Paraibuna vice. Mas, pelo resultado moral, Paraibuna foi campeã em tudo, deixando sua marca registrada, ganhando dois troféus de melhor do Vale, um da Vila Suíça e outro da Vila São Bento, mais o artilheiro do campeonato para Marcinho do Deia.

Ao terminar nossa história do esporte de Paraibuna, prestamos nossas homenagens ao técnico do juvenil, Zezé do Seu Tito, pelo seu esforço, dedicação e coragem, e ao seu Hélio Barbeiro, Hélio Lages, que também trabalhou muito pelo esporte da cidade, e todos eles sem nenhum apoio oficial.

### Os últimos

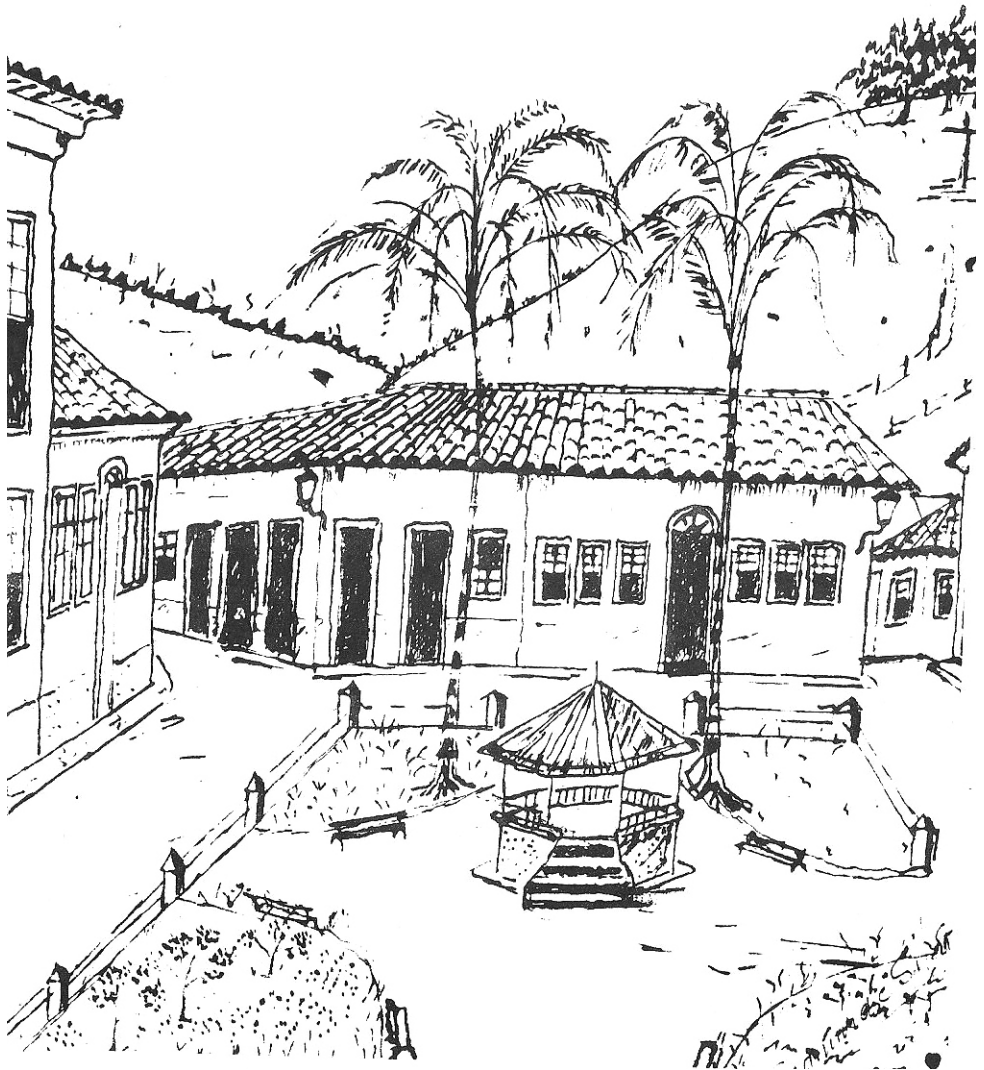
Graças a Deus chegamos ao final da série “Memórias – O esporte em Paraibuna”. Em cada capítulo, uma graça, uma bênção de Deus, uma luz do divino Espírito Santo. Escrevi esta história com um único objetivo, registrar as proezas da professora Clara Márcia, levando o nome de Paraibuna além dos nossos limites, du-

rante mais de vinte anos, chegando a todos os cantos do Estado de São Paulo. Isso não podia ficar esquecido. A história não poderia ser concentrada só nela. Fomos, então, fundo. Lembramos e registramos nomes importantes, esportistas que deram o seu sangue para o esporte de nossa cidade, Amador Celeste, Nico Fonseca, José Elias Cantinho, Carolos Miranda, Artur Navajas, Armando Nunes, Cidão, Naves, Hélio Lages, Moacir Lopes, Zezé do Seu Tito, Loly. Todos deixaram suas marcas no esporte em Paraibuna.

Fomos longe, chegamos ao início do século, ano de 1914, e recomeçamos na década de quarenta. Do campinho do Grupo Escolar “Dr. Cerqueira César”, quando eu tinha seis anos em 1940, para o campinho do Largo do Mercado. Do campinho do Morro do Rocio, por pouco tempo, mas que marcou a vida de alguns jovens da cidade, para o campinho da Irmã. Lembramos o Esporte Club Paraibuna, a fundação da Associação Esportiva Paraibunense, que brilhou no final da década de cinquenta, conquistando dois campeonatos da Liga de Futebol de São José dos Campos, portanto, bicampeã. Do Ginásio Estudantil de Paraibuna, do Ginásio São José. As proezas da garotada em 1970, no tempo em que José Deia foi professor de educação física. Do Ginásio Estadual de Paraibuna, para os Stilosos do Loly, o juvenil da Associação Esportiva Paraibunense em 1976 e a turma da professora Márcia, que começou na década de oitenta do século vinte e continua no século vinte e um. Em cada capítulo terminado, uma graça, muita alegria por ter participado plenamente da vida de nossos jovens, a garotada, e mais, com muito orgulho.

Agora só resta agradecer. São tantas pessoas que fica difícil relatar. Foi uma história sem pesquisa, mas com colaboração espontânea que chegava às minhas mãos, enriquecendo cada vez mais o trabalho. A principal colaboração foi a do professor Benedito Ernesto, que nos levou ao túnel do tempo, em 1914, com duas partidas inesquecíveis entre Paraibuna e Jambeiro. Não posso esquecer o nosso amigo Guaraci Abrant, o qual, como leitor incondicional desta história, confiou-me a guarda definitiva de um álbum da Federação Paulista de Futebol, muito raro, segundo ele, uma edição muito limitada, contando a história do futebol no estado de São Paulo, incluindo Paraibuna, com as fotografias de 1934, 1938 e 1948.

Foi demais. Imagine contar uma história sobre esporte que durou quase um século, dos quais a maior parte você também participou. Foi muita graça. Não posso deixar de homenagear a professora Teresa Benedita Aparecida Mayo Alvez, que colaborou corrigindo quase todos os capítulos, sempre dando um sinal positivo, como incentivo para continuar escrevendo. Tenho que homenagear a todos os meus filhos e netos, todos colaboraram, incentivando e até mesmo participando da história. Foi muito bom, obrigado meu Deus por tudo.



## A CIDADE E SUA GENTE



## **Carnaval em Paraibuna**

Nosso carnaval era o que tinha de mais belo, rico e curioso que se podia imaginar. Até a década de 40 a participação nas brincadeiras carnavalescas era quase uma obrigação. O clube era para elite, que se apresentava com suas belas fantasias. Mas, nas ruas, uma verdadeira folia espontânea, alegre, criativa e divertida. Viamos bonecos folclóricos, cavalo sem cabeça, saci-pererê, boitatá, além de bonecos representando pessoas curiosas da cidade: Nhá Rosa de Sete Saia, Nha Gertrude, Izabel Correia, sempre acompanhado de conjuntos que tocavam de tudo, desde marchinhas carnavalescas, sambinhas até os chorinhos.

O ponto alto, e interessante, eram as brincadeiras na Rua de Cima, a “Cel. Marcelino”. Naquela época, muito estreita, as casas tinham janelões altos, como podemos notar ainda hoje. Aí de quem transitasse por debaixo delas, recebia de tudo na cabeça, água suja, limpa, colorida, perfumes de bom e mau cheiro, lança-perfume e muitas outras traquinagens, como batidas na cabeça, sustos, sem direito a broncas. Isso começava no sábado e terminava na terça-feira. Bons tempos aqueles.

Essa brincadeira só desapareceu depois que a rua foi alargada e com a proibição do Padre Vigário, muito respeitado, dizia que, quem brincar no carnaval não pode receber cinza na quarta-feira. E era pra valer!

## **Festas de junho**

O que ficou de mais tradicional em nossa cidade foram as festas. Dentre elas, é claro, está a Festa de Santo Antônio de Pádua, padroeiro de Paraibuna. A tradição é o café com biscoito, distribuído à noite, em todas as festas da cidade, sempre ao redor de uma fogueira ou ao lado de um caloroso forró.

Antigamente, a vinda do povão pra festa não era fácil. O município é muito grande e as caminhadas eram longas. E um só dia não seria suficiente para participar das alegrias das festas. Daí, então, é que surgiu a necessidade da distribuição de alimentos ao povo e um lugarzinho para seu pernoite. O que se tinha como costumeira era a Casa da Festa. Geralmente uma casa muito grande ou um barracão improvisado, onde as pessoas poderiam comer, beber e tirar um cochilo encostadas nos cantos. Foi aí a origem do fogado, hoje tradicional, só que naquela época a comida distribuída era carne cozida com batata, abóbora, cenoura, batata doce e outros, com muito arroz. As últimas festas dentro dessa tradição, que eu me lembro, tinham como festeiros, a penúltima, o Sr. Antônio Cantinho, a última, o Sr. Antônio Però. Ainda hoje, embora falecido, Sr. Però é muito conhecido. Asua casa da festa foi num casarão de propriedade da família Feliciano, onde hoje está localizado o Banco Santander, isso já na década de quarenta. No final dessa década, a decadência das festas fora total, prolongando-se até a década de setenta, mesmo considerando as festividades do terceiro centenário da cidade em 1966.

No início da década de setenta, mais precisamente em 1971, foi realizada a primeira grande festa de Santo Antônio da cidade e a Festa do Paraibunense, a festa do século, a primeira de nível regional, com a presença de pessoas de todas as cidades do Vale e do Litoral, quando foram implantadas uma série de inovações, tanto civil como religiosa. Criou-se o bolo de aniversário da cidade, a bandeira e a relíquia de Santo Antônio começaram a visitar as casas, as ruas e bairros mais próximos. Eram treze dias de festas. Uma festa em cada rua ou bairro, onde a relíquia permanecia por vinte e quatro horas, proporcionando um boa arrecadação financeira para cobrir as despesas do evento. A bandeira e a relíquia passavam pela igreja no horário de costume, as sete horas da noite, para a bênção de Santo Antônio, pregação bem programada e entrega da bandeira para os novos padrinhos. O que se tornava mais solene nas visitas da bandeira nas ruas e bairros era a permanência dos padrinhos e pessoas de outras ruas, que tinham por obrigação

prestigiando os novos padrinhos. Foi o que se viu pela primeira vez de maisbelo em matéria de fé e participação do povo nos atos religiosos da festa, que terminou com uma belíssima procissão, com o primeiro andor móvel da cidade. Foi em carro aberto, com Santo Antônio, anjinhos e fradinhos ao vivo, enriquecendo ainda mais o primeiro andor artístico confeccionado pelo Carlinhos da Igreja, que até hoje ele lembra com saudade.

Na parte cívica o que se viu foi a mais arrojada atividade de festa de todos os tempos, com a apresentação do táxi maluco e uma moto subindo na torre da igreja. As inovações implantadas nessa festa continuaram por mais alguns anos, sendo revividas em parte na festa realizada por nossos amigos Genésio Stábile e Ruben Navajas em 1977, que teve o primeiro bingo de carro e se criou o costume de distribuir a comida ao povo, só que dessa vez foi implantado o primeiro fogado de Santo Antônio em Paraibuna, permanecendo até hoje.

As festas atuais são muito bonitas, são boas e continuam com participação do povo, mas exigem um sacrifício muito grande dos festeiros, que não são muito unidos, embora com uma comissão numerosa. São pessoas de naturezas diferentes e nem todas colaboram, ao contrário de antigamente quando os festeiros eram famílias, família Camargo, Calazans, Fonseca, Gonçalves, Però, Cantinho e, por último, a família Barbosa, que realizou com muito brilhantismo a festa do ano de 1972. Nas famílias, todos os seus membros, pai, mãe, filhos, filhas, genros, noras, cunhados e parentes, todos têm obrigação de colaborar, com orgulho, para o maior brilhantismo das festas, levando bem alto o bom nome e a tradição de sua família. O passado, a cultura de nossos antepassados, é o melhor exemplo para seguir os nossos caminhos.

## **Esporte**

Ano das Olimpíadas. Uma boa oportunidade para nos lembrarmos de nossos esportistas do passado. O mês de julho em nossa cidade sempre marcou o início das atividades esportivas do ano. Era sempre em julho que começavam os campeonatos municipais e, com isso, lembramos, nesta edição, de um dos primeiros campeonatos municipais em Paraibuna, em 1955.

O futebol foi muito importante para nós, e, para nosso orgulho, tivemos sempre um dos melhores times de futebol da região. Isso na década de quarenta, na época do Seu Amador, Nico Fonseca, como jogador, Borracha, Zé Leal, Wenceslau Celeste e outros. A semana só terminava com uma bela tarde esportiva no campo da Nhá Gláudia, estádio lotado, sem cerca, nem arquibancada, somente com uma casinha de sapê ao lado do campo, que servia de vestiário.

Com a mudança política no final da década de quarenta, a cidade ficou totalmente abandonada e o que mais sofreu foi o nosso futebol, por falta de amparo do poder público e também por falta de ambiente para confraternização das pessoas, tudo por radicalismo político. Isso durou mais de cinco anos.

Com a criação do ginásio São José, da saudosa Irmã Zoé, surgiu um grupinho de garotos idealistas, capazes de tudo, e fundou-se o Grêmio Recreativo e Literário de Paraibuna. O primeiro ato do grêmio foi montar um time de futebol, formado somente por garotos do ginásio. Como não tinha campo de futebol, treinavam vinte e quatro horas por dia no famoso campinho da Irmã, ao lado do ginásio, com um treino rotativo, dez gols vira, vinte acaba, entrando no time quem queria, um de cada lado, e saindo quem precisasse.

Um dia, em uma reunião do grêmio, ficou decidido: “Vamos tomar conta do campo”, hoje, Praça de Esporte Amador Celeste, “vamos limpar, restaurar as traves e fazer ali as nossas partidas de futebol”. Mexeu com a cidade, o prefeito queria impedir, com alegação de que iria arruinar o campo e de que já ia fazer ali alguns melhoramentos. O grêmio não concordou, com uma comissão chefiada pelo garoto

Roberto Celeste, com mais de trinta alunos, fomos até a prefeitura falar com o prefeito e a solução tinha que ser urgente. O prefeito Jaime Domingues da Silva, muito inteligente e habilidoso, resolveu o problema no ato: “Vou patrocinar um campeonato na cidade, preciso de dois meses para limpar o campo, fazer a cerca e dar condições para realiza-lo, e a data já fica marcada, 15 de julho de 1955”. Topamos, tudo bem, nosso time já estava montado, foi um tempo áureo da vida esportiva de nossa juventude.

O grêmio tinha um simpático time de futebol, formado por garotos com idade média de dezesseis anos, como Deia, Bilu, Galvão(João Carlos, irmão do Zé Luiz Calderaro), Bigode (filho do Chico Sebastião) e Ademar (irmão do Rubens Navajas), Luizinho (Luiz Santana), Guido César, Prego (Antônio Domingues), Araldo (irmão do Adauto Cuta) e Laércio, técnico. Todos os jogadores tinham como madrinha Clélia Siqueira e como paraninfo Dr. Rui de Mello.

Era um time infernal e quase imbatível, fizemos alguns jogos preparativos e bastante pitorescos, o principal deles foi no Bairro da Varginha, fazenda do Seu Antônio Peró, contra o time do bairro, invicto há muito tempo. Tinha como centro avante o perigoso Belmirão (Belmiro Ribeiro, pai do Vanderlei). Vitória do Grêmio por oito a zero. Apesar das botinadas, o time do grêmio saiu ileso, mas o Seu Antônio Peró, temendo pela integridade física dos garotos, pediu ao árbitro que terminasse o jogo antes da hora e mandou os garotos de volta para cidade sob sua proteção.

Dia 15 de julho, início do campeonato. Eram cinco times competindo: Grêmio; Ginásio São José; União F. Clube, um time intermediário da cidade, com Otácilio, Domingues, Nêlson Padeiro, Lamartine Siqueira, Alemão (Rost) e outros; o Veterano F. C., o time da tradição, com Máximo, Monteiro, os irmãos Elois, Perácio, Zé Leal, Wenceslau Celeste e Cilinho no gol; o time da Boa Esperança e o time da Varginha, fazenda do Seu Antônio Peró. Foram três meses de festa e alegria para a cidade, marcando a retomada da vida esportiva em Paraibuna, que permanece até hoje.

Fica a nossa homenagem aos grandes esportistas paraibunenses do passado. Ao Grêmio, pelo pioneirismo nesta nossa fase. Aos grandes jogadores como os quatro Elóis, Bobico, Adolfinho, Juca e Marinho, considerados os homens do futebol inteligente. Ao Seu Máximo Monteiro, Wenceslau Celeste, Zé Leal e Perácio, tido como jogadores de futebol pesado. Ao Santinho Lazenlote, jogador e técnico por mais de trinta anos. Nico Fonseca, jogador e colaborador em toda a sua vida. Zeca Cantinho e Artur Navajas, pai do Rubinho da Padaria, os eternos patrocinadores do esporte em Paraibuna. E, de um modo especial, ao nosso amigo Wladimir Crispim, o “Light”, como dizia Zé Cantinho, que, ao terminar os serviços da barragem de Santa Branca, trocou sua terra natal por Paraibuna, permanecendo aqui até hoje como um grande jogador, proporcionando muita alegria aos torcedores de futebol de nossa terra, construindo família, deixando raízes, filhos e netos, falecido há poucos dias. A nossa homenagem é extensiva a todos os demais esportistas da época, embora omitidos, como Lauro Vieira, Antônio Maia e outros, todos mereceram o nosso carinho.

### **Rua da Bica e Largo do Mercado**

Centro comercial, festas, lazer e eventos, tudo era no Largo do Mercado. A Rua da Bica e o Largo do Mercado sempre tiveram o privilégio de contar com moradores unidos, quase todos, senão todos, proprietários de pequenos comércios. Tinham por natureza um espírito competitivo, faziam de suas atividades, mesmo que não houvesse motivos, um meio de competição.

Tudo, na Rua da Bica tinha que ser o maior, o melhor, o mais bonito, o mais rico e o mais poderoso. No dia de Corpus Christi, a rua ficava totalmente en-

feitada. No chão não podia aparecer um centímetro de terra, só folhagem e arranjos dos mais originais possíveis. Quem olhasse para o céu só poderia enxergar bandeirinhas. Depois de tudo terminado, uma corridinha pela cidade para ter certeza de que a Rua da Bica estava mais bonita.

Festa era com o pessoal da Rua da Bica. As juninas começavam no final do mês de maio, no dia de Corpus Christi, e terminavam no dia 29 de junho, com a festa de São Pedro. Como a festa de Santo Antônio era a festa da cidade, dia do Padroeiro, as festas de São João e São Pedro eram por conta dos moradores da Rua da Bica. Para o dia de São João, como até hoje é comemorado, tinha por certo, em todo canto da cidade, uma fogueira, uma festa. Na Rua de Baixo, uma fogueira no Largo da Bomba, no Rosário, outra no Largo do Cemitério, na Rua Morta, uma em frente à casa do João Santos. Na Rua Nova, a famosa fogueira do “Seu Euzébio”, uma tradição que parou há pouco tempo. E uma fogueira de arrebentar no Largo do Mercado, que tinha que ser a maior de todas.

A partir das seis horas da tarde começava a ser ouvido o pipocar dos foguetes, bombinhas, a maioria de fabricação caseira, e as crianças com seus fósforos coloridos também animavam a festa, até altas horas da madrugada. Comer e beber era em abundância. Todos os moradores da rua ofereciam suas especialidades: quentão, café, batata doce, pinhão, doces dos mais variados, salgados, predominando o bolinho de farinha. Tudo servido nas portas de suas próprias casas, era pra cidade inteira comer. O ponto alto da festa era a fogueira no Largo do Mercado, acesa às oito horas da noite, já cheio de gente. Animava um grupo de jongueiros, quase todos moradores da rua, tendo como sua figura principal o velho Joao Candido, o qual lançava seus desafios que tinham de ser respondidos. Varavam a noite atando e desatando pontos de jongo, e aqueles que não eram respondidos, ou melhor, desatados, ficavam para ser desatados na festa de São Pedro, sempre como motivo para a festa continuar.

No Largo do Mercado, além das torradas, tinham os circos, missa campal, comício, até futebol. O principal evento era uma feira livre, todos os domingos, a maior da região, frequentadíssima, com gente vindo de todo canto do município e cidades vizinhas. O seu barulho, o burburinho do povo, era ouvido a quilômetros de distância. Os sítiantes, quando vinham chegando às entradas da cidade, na Vargem, hoje Av. São José; do outro lado da ponte, hoje São Benedito; do cemitério e do Lava-pés, hoje Vila de Fátima, já ouviam o barulho da feira, sendo possível avaliar o movimento. Tinha de tudo na feira, até um mascate vendendo roupas feitas, botas, botinas e chapéus. Uma dupla animava a feira. A dupla Gino e Zé da Cruz, o nosso amigo Higinio Faria Nogueira, patrocinada pelo mascate Benjamim Turco, muito conhecido e um grande amigo da cidade.

No final da tarde de domingo, principalmente no dia de grandes festas, como as de São Sebastião, Semana Santa e Santo Antônio, tinha uma divertida feira de animais. Valia tudo: compra, venda e barganha dos mais variados tipos de animais, desde garrotes, vacas, boi de carro, cavalo xucro e até galo de briga. Foi esse evento pitoresco, até certo ponto muito divertido, que deu origem à FAPAP. A ideia de criar uma feira agropecuária em Paraibuna surgiu em 1976. A primeira feira foi realizada no dia 20 de janeiro de 1977, tendo como fundadores os senhores José Alves Pereira, João Evangelista de Faria (João Rural), Gilberto Raimundo e o prefeito da época, Sr. Dr. Joaquim Rico, além de outros colaboradores incansáveis como Zé Vilhena e Nicanorzinho, mais os festeiros de São Sebastião, Sr. Adauto Cuta e Jão Reis.

A Rua da Bica e o Largo do Mercado eram o centro comercial da cidade naquela época, década de quarenta, muito mais do que hoje. No mercado, mais de um terço do espaço era reservado para o comércio de produtos suínos, outro terço para farinhas de mandioca, de milho, de polvilho, tapioca e fubá. No restante do espaço, havia três bancas de cereais e cinco pontos que serviam comidas típicas,

como do Manezinho Stábile, vendendo fogado; a Da. Pedra (mãe do Guido Guelem), que servia almoço simples; a Da. Maia Servino, com cuscuz; o Bento Maia, famoso pelos seus chouriços; e o Chico Neves, com broas e bolos de todos os tipos.

Na Rua da Bica e Largo do Mercado, todas as casas eram ponto de comércio, começando pela pousada de animais e cavaleiros do Chico Belarmino, tendo como proprietário o Sr. Joaquim Mariano. A pousada era de três categorias: a classe “A”, onde se podia dormir em um colchão de palha de milho no chão; a classe “B”, dormia-se nas esteiras de taboa esticadas no chão; e a classe “C”, em que o freguês dormia sentado no banco com capacidade para dez pessoas, com direito a um banho e lavar o rosto na bica, que ficava ao lado.

Havia na Rua da Bica três barbeiros, o João Grandim, o Seu Antenor e o Sr. Elpídio. Tinha ainda quatro grandes lojas: as do Seu Chafi, Zé Daher, Nicolau Estevão e Seu Serafim, na esquina em frente a Joaquim Mariano, no Largo do Mercado; e mais uma loja, a do Seu Lanzelote, onde é hoje a farmácia do Dulcídio. Cinco armazéns, dos maiores, do Augusto Rico, Zé Pinto, Seu Miguel, Bento Maia e Seu Ivo, onde é hoje a casa de tinta do Cecílio Rocha, mais dois armazéns no Largo do Mercado, o do Seu Leal, avô do Evânio e do Tito, e do Souza Bilitardo, pai do Bernardo e avô do Bituia. Tinha uma alfaiataria, a do Seu Arouca, pai do ex-prefeito de Jacareí, mais uma no largo, a do João Pão Doce, onde hoje fica a loja Destak, a loja do Santo.

Havia também uma funilaria, a do Seu Arlindo, famoso como maestro da banda de São Benedito, considerada a mais pobre, com seu uniforme escuro bem sovado, todos os instrumentos de latão amarelo, mas com os melhores músicos. Os melhores de todos os tempos. Na cidade havia uma banda grã-fina, a banda de Santo Antônio, a banda do centro, com uniforme impecável e instrumentos niquelados de ótima aparência.

O que não faltava na rua era botequim de café, como o do Bento Maia, do Berto Vitu, do Chico Neves e do Pedro Aurindo, mas o mais famoso ponto comercial da rua era o boteco do Lobato, um senhor barrigudo, muito engraçado, que só vendia pinga. Ficava em frente a Joaquim Mariano. Vendia pinga de todas as marcas, com os mais variados rótulos e tinha um só barril. A maior alegria do Seu Lobato era judiar dos bêbados. Ele não bebia.

Havia ainda na Rua da Bica duas pessoas famosas, compradoras de grão e que financiavam os plantios de arroz e feijão no município. Eram os senhores Miguel Alves e Santinho Vitu, este famoso pelos seus cachorros. Era um grande caçador de veados e pacas. No Largo do Mercado, havia ainda mais dois açougues, o do Seu Plínio Faria Campos, que ficava onde é o hoje o bazar da Dona Tica e o do Seu Joaquim Corodiano, que ficava onde é hoje o bar do Tonho da Conceição.

Ainda lá ficava uma farmácia da Dona Jandira, na esquina da Rua Capitão Porfirio. Tinham várias garagens entre a farmácia do Dulcídio e a casa do Genésio. Ali se guardava a frota de veículos da cidade, pertencentes aos senhores João Martins, João Barreto, os carros de aluguel do Seu Marcelo e do Idasil Peixoto. Tudo isso acabou no final da segunda guerra.

A tradicional festa de São João poderia ter continuado. Jaime Domingues, inteligentemente, assumiu a festa, patrocinada pela prefeitura. Foram festas belíssimas, durante todo o seu mandato, mas não tiveram continuidade.

Fica aqui uma homenagem muito especial à única família remanescente desse importantíssimo e esquecido período áureo de fartura e riqueza de nossa cidade. Essa família ainda se lembra nos mínimos detalhes, com saudade, como foi esse passado. É o casal Joaquim Mariano de Miranda e Dona Luziana.

### **A família Domingues**

Isidro Domingues nasceu em São Paulo no dia 21 de agosto de 1891 e viveu

a maior parte de sua vida em Paraibuna. Era filho de JoaquimTeixeiraDomingues e dona JúliaLopesDomingues. Dona Evarista, sua esposa, deu-lhe três filhos: Jaime Domingues, Otacília Domingues e Yara Domingues. Construtor, administrador e empresário. A única pessoa que acreditava e continuou acreditando em nossa cidade. Investindo em Paraibuna até os últimos dias de sua vida.

Entre o final da década de vinte até os meados da década de cinquenta, famílias ilustres e capitalistas de nossa terra, talvez devido à queda do café, deixaram Paraibuna, procurando cidades maiores como São José dos Campos, Jacareí, Taubaté, Mogi das Cruzes, Santos e São Paulo, a capital, para garantir o futuro de seus filhos, mais conforto e maior proteção ao seu capital. Uma família levava outra. Contando as vantagens e as maravilhas de sua nova cidade, convenciam as poucas que aqui estavam a seguir o mesmo caminho.

Quem ficou aqui não tinha motivo para acreditar ou investir na cidade, mas IzidroDomingues continuou firme, construindo, investindo, gerando empregos e riquezas nesta abençoada terra. Como construtor, fez a Caixa Rural de Paraibuna, a padaria do Rubinho, a casa do ZecaCantinho, a casa onde hoje é o escritório do Tião do Eurico eo Instituto Santo Antônio, primeiro a parte térrea, depois, como cabo eleitoral de Souza Noschese, candidato a deputado, conseguiu uma verba de duzentos mil contos de réis e construiu também o segundo andar do prédio.

Como administrador, foi, entre outras, gerente da Caixa Rural de Paraibuna por muitos anos, quando o cargo de gerente era gratuito e eleito pelos associados. O seu substituto na gerência foi o senhor AdélioCamargo. Como político, foi vereador e vice-presidente da câmara municipal.

Como empresário, “a coisa vai longe”: montou a primeira torrefação da cidade, do café São José. Foi pioneiro no comércio de combustível na cidade, construindo um moderníssimo posto de gasolina na Rua de Baixo, Beco da Bomba, junto do prédio da torrefação e moagem de café São José. Tinha uma frota de veículos, destacando-se um caminhão, com a chapa nº 17, e uma jardineira, com a chapa nº 30. A jardineira era o ônibus de hoje, com bancos de madeira, laterais abertas e uma trave de madeira de cada lado, para segurança dos passageiros. Seus principais motoristas foram: JoséAmâncioDiniz, o ZêFeitor, JoãoAmâncioDiniz e ZêMachado, tio de Dona LourdesMachado, nossa amiga, atualmente funcionária da prefeitura municipal. O seu serviço de transporte, principalmente o de passageiros, ficou na história. Fazia lotação para Aparecida do Norte e Caraguatatuba, ou melhor, até o alto da serra, de lá pra frente, o transporte era feito por burros, os adultos no lombo do burro, as crianças no jacá, dois a dois em cada um. As lotações ou caravanas eram feitas por grupos, por regiões, ou famílias. Reuniam um grupo de pessoas ou famílias, fretavam a jardineira, marcavam a data. O período preferido era o mês de maio, quando não havia mosquito.

As viagens ao litoral eram mais medicinais do que de lazer. Diziam que o banho de mar era um santo remédio. Saíam muito cedo, antes do sol raiar, sempre às terças-feiras. Chegavam cedo ao alto da serra. Mudavam de condução da jardineiras para os burros. Desciam a serra pela trilha dos Tamoios, já era formato parecido com uma escada. Todos os burros pisavam no mesmo lugar, formando covinhas que davam segurança aos animais, sem perigo de escorregar ou cair. Chegando a Caraguá, já com o virado pronto, por volta das 13h, almoçavam e descansavam em hospedaria acostuada a servir os visitantes. Quarta-feira era o dia do banho de mar. Os mais jovens e as crianças ficavam no centrão, nas praias da cidade; os mais idosos e casados não gostavam de ficar muito expostos, não podiam ser vistos pelos jovens, daí o lugar preferido eram as praias próximas ao rio Santo Antônio. Quinta-feira, o retorno. Descansavam um pouco antes do almoço, almoçavam para subir a serra de barriga cheia e, antes do anoitecer, já estavam todos no alto da serra, com a jardineira preparada para o retorno.

Dos grupos mais conhecidos que faziam essas viagens, lembramos o da

Rua do Meio. Destacamos como pessoas conhecidas, que lembram bem essa aventura, a Dona Bernadete Maia e Abigail Santos, filha de Dito Santo, inesquecível pelas suas traquinagens. Na Rua da Bica, todos os garotos daquela época fizeram a viagem: Dito do Berto, Agenor do Santinho, Terezinha do Santinho, Lucinda do Bento Maia, Antônio Maia, Bentinho Maia, Deia, Abílio Miranda, “Bilu”, Onofre Barreto, Guida da Pedra e muitos outros.

Segundo o Seu Miguel Alves, faziam esta viagem pitoresca, pelo menos duas vezes por ano. Do mesmo modo, faziam uma vez por ano uma visita à capela Nossa Senhora Aparecida. Naquele tempo, quando perguntavam onde foi o Seu Bento Maia, diziam, “foi pra Capela”. O mês preferido era o mês de setembro. Os donos de armazéns da Rua da Bica estocavam cereais em grão, como milho, feijão e arroz, que seriam vendidos em agosto, com semente para o plantio em setembro. Apurando um dinheiro extra, faziam um loteação, fretavam a jardineira do Seu Izidro Domingues, e “vamos à Aparecida do Norte”. Saindo na terça-feira de manhã, chegavam a Pinda mais ou menos às 11h, com o virado de frango para o almoço. O lugar de parada era apropriado, com mesas e bancos de madeira, bem arborizado, com água em abundância e dois matinhos, um masculino e outro feminino. Chegavam à capela de Aparecida entre meio-dia e uma hora, ocupavam um hotel ou hospedaria. Nas hospedarias, cobertor, roupa de cama, café e almoço, era tudo por conta dos romeiros. Tudo tinha de ser levado de casa, até as esteiras. Era muito divertido, valia a pena. A tarde e a noite de terça-feira eram para confissões e beijamento da santa. Só depois de confessado, o romeiro podia sair a passeio. A regra era geral, quem não cumprisse seria denunciado aos pais. Quarta-feira, primeiro ato: assistir à missa e comungar. Só depois, o café. Daí pra frente, valia tudo: passear, comprar e se divertir. A parte da tarde era pra experimentar a viola comprada lá. À noite, para ir ao cinema, parque, e ver a mulher-aranha etc. Quinta-feira, volta pra casa. Esperavam o almoço para completar duas diárias e pé na estrada, já com saudade, pensando na próxima viagem. O mais interessante é que, dependendo do grupo, Seu Izidro fazia companhia para relaxar, descansar e jogar conversa fora com seus amigos.

Outro fato importante que precisa ser lembrado é a história do cinema em Paraibuna na vida do Seu Izidro. O cinema era no mercadão, tocado a manivela, animado por um conjunto de grandes músicos, como Seu Moreira, Chico Genro, Siqueira, Poca e outros, sua tela tinha que ser molhada com esguicho para refletir melhor a imagem. Seu Izidro queria um cinema mais moderno. Comprou-o do Seu Aurélio Santos e mudou para o grêmio de Paraibuna. A sede do grêmio era no prédio do senhor Marcelino Amâncio de Moura, hoje ao lado da câmara municipal, justamente onde é a ladeira do Beco do Coqueiro. Era um grande salão de teatro. Foi reformado, e Seu Izidro mandou construir alguns camarotes e um somente para sua esposa Dona Evarista. Com o sucesso do cinema, quis melhorar mais ainda. Construiu um novo prédio, onde é hoje o Mercadinho Paraibuna, ao lado do Banessa, inaugurando-o em 1927. Foi o cinema do Dito Santo, do Seu Chafi, e por último, do Celso Ladeira.

Seu Izidro era um símbolo de trabalho e honestidade. “Trabalhar e ser honesto” era o seu slogan. O exemplo começava de casa. Certa vez, quando seu filho era garoto, comprou um tabuleiro para que ele vendesse quitanda na Rua do Meio. Todos os domingos, estava lá Seu Jaime Domingues vendendo doces e salgados que sua própria mãe fazia.

Se dependesse do Seu Izidro, não haveria desemprego. Montou uma torrefação para dar serviço aos desocupados. Gostava de contratar todos que pediam serviço, principalmente jovens de qualquer idade. Era só querer trabalhar que ele dava um jeito. Foi aí que nosso amigo Agenor da bomba, o Agenor da Dia Martins, com apenas doze anos de idade, foi contratado para trabalhar na torrefação São José e tornou-se seu sucessor na bomba de gasolina, o Posto Atlantic, onde

é o dono até hoje. O primeiro conselho que dava aos seus empregados: seja trabalhador e honesto para ser feliz e dormir tranquilamente a vida toda.

Izidro Domingues faleceu no dia 9 de novembro de 1951, com 60 anos de idade, deixando sua segunda esposa, Dona Edvirgem, com quatro filhos: Maria, Tereza, Dioneia e Aderramam Domingues.

Essa é a nossa homenagem ao Sr. Izidro Domingues, no mês de aniversário de seu filho, o grande amigo de Paraibuna, Jaime Domingues da Silva.

### **Paraibuna sempre foi rica**

Não soubemos dar o devido valor a essa dádiva da natureza, onde brincávamos, passeávamos, fazíamos nossos piqueniques e encontrávamos com amigos, lugares como o encontro dos rios Paraibuna e Paraitinga, as pequenas cascatas do chororão, águas consideradas, na época, riquíssimas em ferro, como diziam nossos pais; o parque paroquial, para nós o Parquinho da Irmã, as pequenas lagoas do Lava-Pés, onde tomávamos os nosso primeiros banhos de rio e começávamos a aprender a nadar; as pequenas ilhas e pedreiras do caracol, hoje desaparecidas; o fundão da caixa d'água; e, o mais importante de todas, o Morro do Rocio, que significa morro do sereno e do orvalho.

O Morro do Rocio foi, no passado, antes da torre da Igreja Matriz, o símbolo de Paraibuna, com sua árvore de jatobá, uma espécie em extinção, uma madeira-de-lei, raríssima nesta região. Vista de todos os cantos da cidade, era como um Cristo Redentor, um cruzeiro, era como a imagem de Deus protegendo a cidade. Era uma área de lazer muito frequentada, isso até a década de quarenta. Totalmente coberto de capim gordura, que nos meses de maio e junho se moviam com os ventos, parecendo um oceano com ondas roxas, tendo como contraste ilhas de flores amarelas, flor de São João. Ficou até hoje em nossa memória.

Era um morro gigante, um eterno protetor de Paraibuna, como dizia o Sr. Antônio Tavares de Almeida em uma das suas mensagens. As crianças menores não podiam subir sozinhas lá, mas a garotada de meia-idade, principalmente as moças, tinham ali o seu ponto de encontro preferido. Era só pintar um feriado, ou mesmo aos domingos, lá estava a galera Paraibunense, subindo o morro para os tradicionais piqueniques, brincadeiras, balanços e bate-papos, mirando sua silenciosa cidade. Era o lugar preferido para soltar pipas, ou, melhor, empinar papagaios.

Bernadete Mi lembra com saudade de suas colegas de subida ao morro, como Zilda Lanzelote, Derlina Maia, Lucinda Maia, Tereza Alves e a inesquecível Norma do Rego, Norma do Perácio, mãe da Dona Sônia Barbosa, filha de Coralino do Rego, a quem cabe um pequeno comentário.

Coralino era um chapeleiro, uma profissão extinta, consertava e reformava todos os tipos e modelos de chapéus. Quando passávamos em frente à sua oficina na Rua de Baixo, víamos nas prateleiras dezenas de cabeças esperando por um chapéu, mas o mais importante do Seu Coralino não era isso. Ele gostava de pescar, sua pescaria era diferente, depois das quatro horas da tarde, ficava no meio do rio em uma pequena canoa, até altas horas da noite ou da madrugada. Quem passava pela ponte à noite e não soubesse do Seu Coralino, podia se assustar. De tempo em tempo aparecia no meio do rio uma pequena luz que acendia por alguns minutos e depois apagava. Era a troca de isca ou a retirada de um peixe, isso por muitos anos.

Foi ele que desvendou o mistério do fantasma de pé-de-tábua. Era uma figura que atravessa a ponte, todas as sextas-feiras a meia-noite, com um barulho estranho que parecia um pé de tábua. Era a primeira ponte sobre o rio Paraíba, uma ponte em frente à bomba do Seu Izidro, hoje fonte luminosa, construída de madeira coberta para proteger os pedestres e animais contra os ventos e tempestades. Preocupado com essa lenda, Seu Coralino resolveu descobrir o que acontecia.



Numa sexta-feira, ficou de plantão até a meia-noite, quando um morador da cabeceira da ponte, intermediário no comércio clandestino de aguardente, a famosa pinga, vindo de Redenção da Serra, rodava o barril, fazendo um barulho diferente, entre os vãos de madeira da ponte, até o boteco do Seu Lobato, campeão em venda de pinga pura na cidade.

Eu também tenho lembrança do Morro do Rocio. Ele fica acima da Rua Nova. Quando garoto, nas oportunidades que tinha de subir ao morro, ficava horas sentado debaixo daquele jatobá, que ainda está lá. Ficava ouvindo as mais interessantes histórias contadas pelos velhos. Escutava e via lá do alto, no outro lado do rio, o som das rodas, ou melhor, o canto dos carros-de-boi, vindos da fazenda do Seu Armando Camargo, hoje fazenda do Seu Clóvis Barbosa, trazendo sacos de café em coco para entregar ao Seu Severino Teles, avô do Cecílio Rocha. Severino era um grande distribuidor de café em coco na região. Eu ainda não consegui esquecer aquele som, aquele cantar saudoso que era a alegria do carreiro. Temos aí um fato interessante: ao entrar na cidade, o carreiro parava e engraxava os eixos do carro-de-boi com óleo de mamona para entrar na cidade em silêncio.

Lembro-me também da presença de automóveis que subiam no alto do Morro do Rocio, por uma estradinha precária que, saindo da entrada do Fundão da Caixa d'Água, subia à direita da gruta até o alto do morro. Era um caminho usado pelas carroças da prefeitura no transporte de lenhas e madeiras do alto do Morro da Caixa d'Água. Uma dessas máquinas, era um fordinho 29 dirigido pelo famoso Zê Arigó, ferreiro do Senhor Antônio Servino, pai do nosso amigo Osmar Moraes (maestro do Banda), muito inteligente e criativo. Trabalhava como artesão, reparava e fazia pequenas peças de metal. Aposentou como mecânico e faleceu em Taubaté. Outro automóvel era uma caminhonete montada com sucata de carros velhos pelo gênio da arte, o Senhor Antônio Ferreira, famoso por suas habilidades, bom músico, bom tocador de violão, bom dançarino, motorista do ônibus paraibunense, ainda eletricitista e mecânico. Parece incrível, mas no início dos anos 40, durante a Segunda Guerra, Antônio Ferreira, como era conhecido, montou um motor movido a álcool, colocou em sua caminhonete e andou pela cidade por vários dias, não tinha ele recursos para desenvolver seu invento. O famoso gasogênio. Faleceu em Santos, sempre criando e inventado alguma coisa.

Tenho ainda outra lembrança do Morro do Rocio, a do José Roberto Miranda, dono da Casa Rural na Rua da Bica. Ele fazia os treinos do seu time de futebol no alto do morro. Existiam, naquela época, sonetos e poesias fazendo alusão ao morro, mas sem nenhum registro que pudesse mostrar o valor daquele paraíso na vida do povo, com exceção de um poema escrito por Antônio Tavares de Almeida, como segue:

Morro do Rocio

Morro gigante, eterno protetor de Paraibuna

De ventos fortes e tempestades. Morro do sereno e do orvalho.

Por isso é chamado Morro do Rocio.

Nas suas encostas, nenhuma casa seja construída e sim vegetações rasteiras e retas

Ao contemplá-lo aos pés de Paraibuna, o povo se sente seguro

Entre outros morros em redor ele é a força maior, é o rei.

Seu corpo emana o ar puro e água para nosso povo

Essa mensagem não foi ouvida na época, mas ainda é tempo para as autoridades de turismo de nossa cidade fazerem do Rocio mais um símbolo de Paraibuna, trocando os eucaliptos por árvores ornamentais, como o ipê, manacá, aleluia, quaresmeira e outros. Fazer do seu ponto mais alto como foi no passado um mirante, mais um local de atração e visitas para os nossos futuros paraibunenses e visitantes turistas.

## Fundão

Fundão da Caixa D'Água é um complemento do morro do Rocio, assim como o Morro do Rocio é o complemento do Fundão da Caixa D'Água. Ambos serão no futuro os principais pontos de atração turísticas de nossa cidade. Depende de nós.

Ofereço este artigo aos meus netos, principalmente a Clarinha, mas também com muito amor a Marina, Gabriela, Bianca, Miguel, Luis Paulo e Vedrana. Ficou ali um pedaço de minha infância, minhas brincadeiras, aventuras e uma parte dos meus sonhos. É o Fundão de minhas memórias, isso foi há 50 anos. Conhecido desde 1895, quando foi inaugurado o serviço de abastecimento de água de Paraibuna, tornou-se até a década de 40 um verdadeiro paraíso para nossos antepassados. Foi construído com muito carinho, criatividade e bom gosto. Era o objetivo dos administradores da época fazer de Paraibuna uma cidade do futuro, temendo o êxodo da população produtiva da cidade, que, segundo o registro do Almanaque de Paraibuna, de 1909, depois de dois séculos de abandono, o município tinha apenas 17 mil almas e 728 eleitores.

As autoridades e políticos se uniram para melhorar e dar mais conforto à população e fazer de Paraibuna o orgulho de seus habitantes. Construíram então a Igreja da Matriz, a Santa Casa, o Grupo Escolar Dr. Cerqueira César, o Mercado Municipal, uma nova ponte de madeira, com cobertura e tudo, num local escolhido pela população, que era em frente ao beco da bomba, praça de esporte, parque paroquial, o parquinho da irmã, ao lado do Instituto Santo Antônio, duas fábricas para dar serviço para nossos jovens, uma fábrica de meia, onde é hoje a Fundação Cultural, e uma fábrica de seda, onde é hoje a residência do S.r Genésio Stábile e mais: água, esgoto, luz e telefone. Acreditem, o prefeito Pedro Augusto Calazans, para embelezar o novo centro da cidade, mandou rebaixar o terreno que começa no final da Rua de Cima, retirando com picaretas, pás, enxadão, transportando em carroça de burro, toda a terra, nivelando a Rua do Meio até a casa dos Neves.

O Fundão da Caixa D'água fica ali. A rua que sobe ao lado do Joaquim Mariano leva até lá. Logo na entrada do Fundão, tinha um muro de arrimo, construído com pedra de amolar, cor cinza, quase totalmente coberto com orquídeas aquáticas, que quando florida parecia a porta do paraíso. O caminho que leva até a última caixa d'água, com pouco menos de um quilômetro e dois metros de largura mais ou menos, tinha guias e sarjetas construídas com tijolos gigantes, fabricados pelo Major Eduardo José de Camargo, e um leito bem compactado, coberto com pedrisco, margeado pelas mais novas ricas variedades de flores cultivadas, florindo o ano inteiro. Não me lembro do nome de nenhuma delas, nunca mais pude ver coisas tão lindas. As árvores próximas ao caminho, certamente foram plantadas, era uma variedade muito grande de madeira-de-lei, que poderia ser hoje um riquíssimo horto florestal.

O primeiro reservatório ficava no meio do caminho, uns trezentos metros de distância mais ou menos. Era uma belíssima arquitetura, com escada de pedra, que serviria para fiscalização, limpeza do reservatório e visitação pública, para que os visitantes pudessem ver a pureza a beleza cristalina do líquido que serviria as suas casas. Logo após o primeiro reservatório já podíamos descansar um pouco. Tinha vários bancos de madeira e pé-de-ferro e muita água pura para renovar as energias e continuar a caminhada até o final do paraíso, a última caixa d'água. Era um reservatório coberto por uma abóboda e muita água da nascente direto para a caixa. Era ali o centro do paraíso, uma verdadeira área de repouso, com banco de madeira, uma vegetação fechada, nem ao meio-dia dava pra ver o sol. Era na abóboda do reservatório que os visitantes deixavam suas marcas, totalmente coberto de limo seco de cor esverdeada, um coração, uma flecha, as iniciais do amado ou amada, data e as palavras mágicas: te amo. Dizia a lenda que todos que tivessem

seus nomes ali marcados ficariam juntos para sempre. Era um local indicado para tudo, descanso, lazer, esporte, trabalho, e, no passado, muitas festas para recepção de figuras importantes do cenário estadual e federal.

Numa certa semana, naqueles bons tempos, estava marcado um mutirão de pamonha na Rua da Bica. Nossos pais, Santinho Vitù, pai do Zé Roberto, Bento Maia, Miguel Alves e outros, logo de manhãzinha, foram ao Fundão colher folhas de caeté para cozinhar as pamonhas. Com eles, lá foram seus filhos, todos na faixa de cinco a dez anos. Lembro-me muito bem de seus relatórios. Cada um contava e falava sobre determinado assunto, de acordo com suas especialidades: Santinho Vitù, sobre pássaros e caçadas; Miguel Alves, sobre plantas e madeiras; Bento Maia, sobre religião. Os demais não tiveram tempo de falar.

Logo no início da caminhada, antes da entrada para o Fundão, começou o espetáculo. Um bando de rolinhas entre as relvas e, no meio, sempre só, escondido, parecendo se proteger do sol, uma espécie diferente; dizia Seu Santinho: tá vendo aquela?; é uma Juriti. Logo na entrada do Fundão, no lado esquerdo, tinha uma capoeira. Contou logo Santinho Vitù: “Ali canta sempre o nhambu, chororô e o guaçu. Eu os escuto sempre lá do quintal da minha casa na Rua da Bica. Lá no chapação do Rocio tem jacu, eu já cacei lá, no raiar da aurora, eles estão sempre aprendendo a voar. Curió tem muito na beira do riacho, vamos em silêncio que podemos ouvir seu lindo cantar”. Parece que ouvimos alguma coisa, ele já foi logo dizendo: “Não falei? No matão serrado tem jacutinga, eu já vi algumas de pescoço marchetado de branco e barbela azul descorada”. Em seguida, ele já foi logo justificando: eu caço muito, gosto desse esporte, mas trato dos pássaros e pode ver que tem muitas cevas que eu faço e muito milho para eles comerem. Sanhaço, sabiá, saíras eram incontáveis.

Depois chegou a vez do Seu Miguel Alves, meu pai. Já foi logo falando e batizando as árvores de madeira-de-lei. Logo aos cem metros da entrada tinha uma gigantesca árvore, com pelo menos cinquenta centímetros de diâmetro. Ele disse: é peroba. Tinha inúmeras espécies de árvores no Fundão, mas Seu Miguel explicava que elas foram plantadas, são novas, devem ter uns 40 anos no máximo, senão já estariam igual a peroba, com mais de meio metro de diâmetro.

Depois, o Bento Maia, avô do Zé Maia e Dito do Berto, contou logo sua história. Aurélio Santo e João Vitorino, amigos inseparáveis, costumavam fazer suas lições espíritas no Fundão. Como era prática proibida pelos padres, tinha que ser feita às escondidas e não tinha melhor lugar.

Bento Maia, muito católico e fogueteiro, queria dar um basta nisso, contou ele: não sei se eles sabem, mas, numa tarde, antes que eles passassem pela bica, fui à frente e fiquei esperando num local marcado, foi fácil reconhecer, porque tinha no restos de velas e fósforos no chão. Já escuro, eu tinha rezado pelo menos dez terços, chegava em silêncio a dupla, quando começaram as suas bobagens, dizia Bento Maia, soltei um foguete, sem vara e sem bomba, foi uma beleza, os dois correram tanto, que se perderam na mata e só conseguiram sair de lá quando o dia estava claro. Nunca mais eles foram vistos naquelas bandas, contava Bento Maia em prantos e gargalhadas.

Contou Bernadete Maia, que ela tem duas lembranças do Fundão. Uma, de medo. As mães, para impedirem que frequentassem o local, diziam que era um lugar assombrado, com cavalo sem cabeça, saci-pererê, bruxas e outros, mas quando precisava de lenha ela tinha que, com suas colegas, buscar no Fundão. Aí, Bernadete Maia tem uma passagem. Um dia quando ela estava catando lenha, Zé Feitor, que não gostava muito de visitantes no local, principalmente crianças, que podiam sujar a água da cidade, deu-lhes um susto tão grande, que elas correram tanto por uma certa trilha, que foram parar lá na Vila Camargo.

Dito do Berto e Benedito Miranda Maia também contam suas histórias. Não é bem do fundão, mas deve ser narrada, porque o assunto os fez se lembrar des-

tas brincadeiras. Agenor do Santinho, irmão do Zé Roberto Miranda, tinha alguns potrinhos e cavalos do seu pai no pastinho do Joaquim Mariano, logo na entrada do Fundão. Era ali que eles praticavam seus hipismos, cavalgando, galopando, e todos tinham que pular num córrego de pouco mais de meio metro de largura e de pouca profundidade. Numa única tentativa, Dito do Berto, para alegria da garotada, se esborrachou dentro do córrego, ficando todo molhado e sujo de barro preto.

Dos fatos que tomei conhecimento, considero que foi mais importante o que foi contado por nosso grande homem público, Jaime Domingues. No seu primeiro mandato, com a prefeitura sem renda, sem dinheiro e sem verba para realizar seus programas de governo, quando a barra ficava pesada, para não desagradar seus amigos, fugia da cidade, indo relaxar no Fundão, entre as milhares de borboletas de todas as cores e tipos, dançando entre as mais variadas flores desse paraíso. Ele pedia a Deus que o iluminasse para conseguir pelo menos luz e água com abundância para seus munícipes. Ele foi atendido, conseguiu tudo que queria, colocou na cidade mais água, luz esgoto e muito mais.

Pelo que pudemos pesquisar o Fundão foi construído para ser o cartão de visita da cidade. Como não existia um local ideal e nem um salão nobre para os visitantes ilustres, lá se faziam as grandes recepções. O último evento que eu vi e participei, ainda como garoto de nove a dez anos, foi a inauguração da Rua Capitão Porfírio, quando toda a família do ilustre foi homenageada lá no Fundão, na presença de importantes autoridades municipais e estaduais, havendo até um representante do governador do estado. Lembro que, nesse dia, tomei a liberdade de sugerir ao meu amigo Jaime Domingues, a restauração do Fundão, transformando-o num parque florestal que seria hoje um parque ecológico. Ele topou.

A inauguração estava marcada para fazer parte de uma das maiores e mais lindas festa de Santo Antônio que Paraibuna já viu. Foi em 1972. Quando tudo estava pronto, limpo, pintado, reflorestado, com churrasqueira pública, área de repouso e mais três lagos com peixe caiu lá no fundão, em pleno mês de junho, nas vésperas da festa, num sábado dia 12, uma tromba d'água e muita chuva. Rodou tudo água abaixo, não ficou nada. Para mim, eu estava sonhando, e acordei no dia 13 de junho, esperando mais vinte e cinco anos para sonhar de novo.

### **Rua do Meio e Praça da Matriz**

Pedro Augusto Calazans, prefeito de Paraibuna, no início do século, depois de um belíssimo trabalho de terraplanagem no centro da cidade, mandou colocar um chafariz bem no meio da praça, já com água da nova caixa d'água do Bairro Laranjeiras. Seu irmão, Antônio Ezequias Calazans, foi adiante, mandou construir um jardim, o primeiro da cidade.

O jardim da Praça da Matriz, era o jardim da nossa infância, das brincadeiras, como pega-pega, soldadinho-a-salvar, dá-um-canto, bolinha de gude, brincadeiras de rodas, tarzan e outros. O jardim do coreto, com a bandinha tocando todos os domingos, sempre à noite, depois da reza, com os namorados circulando em volta. Era um jardim de festas, principalmente a festa de Santo Antônio, com riquíssimas barracas de prendas artesanais, os mais variados jogos e brincadeiras. Naquele tempo, não tinha bingo, as prendas eram vendidas durante o período da festa e, no final, um animado leilão, com uma das nossas bandas de música, a de Santo Antônio ou a de São Benedito.

O que mais marcou na minha mente, foram os personagens que residiam na praça. Pedro Augusto Calazans era engenheiro e ele construiu a casa do João Barreto, a casa do Ubatubano, inclusive o salão do grêmio de Paraibuna, onde é hoje a câmara municipal, a casa dos Calazans, o sobrado do Coronel Eduardo, onde é hoje a casa do Quinzinho do Hotel, e o casarão do Chico Tobias, onde é hoje a casa do Seu Genésio, tudo isso antes de ser prefeito. Nessas casas residiam as

personagensas quais estou me referindo.

No prédio do AdautoCuta, morava o senhor PedroVilela Marcondes, correitor federal, de cabelos grisalhos, terno e gravata, era visto diariamente cedo, à tarde e à noite, fiscalizando a praça de pé, em frente à janela do lado direito.

Na casa do ZéPinto Rangel, morava o seu Xixi, Ciro Alves era o seu nome. Ali ficava na primeira janela do lado esquerdo do prédio, a sua esposa, Da.Olinda, 24 horas no ar, tomando conta dos namorados, observando preferencialmente os namoros proibidos.

No prédio da câmara, o Prof.Mimi e suas irmãs, uma em cada janela.Aí cabe um fato curioso, os prédios antigos tinham só um banheiro, as primeiras necessidades eram feitas em vasilhas de ágata, os famosos penicos de urinol, depois jogados no banheiro. Acontece que o banheiro do prédio era longe dos quartos, então ficava mais fácil jogar pelas janelas. Seus quartos ficavam no fundo de frente para o pontilha, de frente à praça da rodoviária. Era preciso muito cuidado para passar naquela rua, não foram poucas as pessoas que receberam ali uma lavagem cerebral perfumada.

No fundo da praça, onde era a locadora e a casa vizinha, ocupando quase o quarteirão, estava o prédio do Hotel Central, do Seu Esteves. O seu ponto preferido também era a janela. Ele ficava sempre à janela, perto da porta principal,atendendo os clientes.

Já no lado direito da praça, na casa do seu TarcisioCalazans, Seu Toninho, tio dele, era infalível.Todos os fins de semana, lá estava ele na janela, observando, ou melhor, curtindo sua obra-prima, nosso jardim que ele construiu. O sobrado do Quinzinho do Hotel pertencia ao seu Cel.EduardoJosé de Camargo, que também tinha sua janela, era um cidadão respeitado, como uma autoridade máxima da cidade, por sua integridade moral e benfeitorias realizadas.

No local do prédio do seu Genésio, uma belíssima casa, já com estilo mais contemporâneo, com “eira e beira” mais uma platibanda, residência do Sr.FranciscoTobias das Neves, o seu Chico Tobias, pai do Agenor e NicanorCamargo. Tinha uma estampa de fazendeiro autêntico, um símbolo de autoridade, político respeitado.Todos os fins de semana, lá estava ele de terno, lenço no pescoço e chapéu grande na cabeça.

Para finalizar as personagens, o Padre Ernesto, de manhã, ao lado da igreja, andava pra lá e pra cá, com a bíblia na mão, certamente lendo o evangelho do dia. À tarde, ele mais Seu Siqueira ficavam na frente da igreja fumando e vendo a hora passar, esperando chegar o momento da reza das sete horas da noite. Isso todos os dias.

Para completar a Praça da Matriz, a Rua do Meio, Rua Coronel Camargo, a rua das paqueras, das lojas mais luxuosas da cidade, a loja do seu NicolauAntônio, do Daher, pai do seu Zé Daher, e a finíssima loja do Seu Antônio Barba. Este último tinha os melhores e mais caros tecidos nacionais e importados, só encontrados lá.

Diferentemente de hoje, em lugar de lanchonetes, os pontos de lanches eram os bares, pensões e botequins. Bar de porte grande era bar mesmo, os pequenos eram botequins. A pensão seria hoje como as lanchonetes e restaurantes, que vendiam lanches de mortadelas e queijos, salgadinhos dos mais variados tipos, com café e refeição diariamente. Principal bebida era o leite batido com muita espuma. De bar mesmo, na Rua do Meio, só tinha o do JoaquimNorato, onde é hoje o bar do Rominho. Nos bares só vendiam bebidas pesadas. Pensão, servindo almoço, café e lanches, tínhamos a do NenêAlvarenga, pai do Ilo Alvarenga. Botequim, que seria hoje a lanchonete, onde a gente fazia o reforço da noite para ir dormir, nós tínhamos, onde é hoje sorveteria, o barzinho do Dito Sobrinho. Onde é hoje o academi-atínhamos o bar do cinema, o bar do Toninho Poticuira, com Dona Amélia, sua esposa, fazendo os melhores doces do mundo, colocando em uma vitrine giratória.E, ao lado do grupo, o bar do AtanásioFaria, para quem morava nas bandas de baixo.

Do comércio popular do centro, o mais importante era a padaria do Artur, pai do Rubinho Navajas, que fazia o famoso sorvete espumante, o sorvete batido com ou sem cobertura de chocolate, protegido com papel chumbo bem colorido. Não havia quem tomasse um só. O João Reis tomava pelo menos cinco por noite, era uma delícia que eu não encontrei mais até hoje.

A rua se completava como Caixa Rural de Paraibuna, carta patente número um, e única no país no gênero de cooperativa financeira. A barbeira do Zé Barbeiro, onde hoje é a barbearia do seu Hélio, e a do Chico Genro, onde é hoje a Loja do Santo, a lotérica do Laurentino Peixoto, onde hoje é o Bazar do Deia, a farmácia do Dito Santo, hoje a loja de roupa ao lado da sorveteria, e por último a casa de ferragem do Seu Daniel Pereira.

A Rua do Meio era o local das paqueras, onde nasceu a formação de quase todas as famílias paraibunenses, começando os primeiros namoros. Para isso tinha um ritual todo especial. Era a rua dos passeios no final de semana, meninos, meninas, moço e moças, casais já formados, todos fazendo seu “footing” todos os sábados e domingos, das 19 às 22h da noite. Para conquistar uma garota, os jovens bem vestidos, de terninho e gravata, ficavam de pé na calçada, observando as donzelas subindo e descendo a rua. O primeiro presente que a namorada dava ao namorado, era um conjunto de cinto e carteira, uma gravata e um lencinho de bolso, eram um enxoval para os trajes de baile e passeio. As garotas, para conseguir um namorado, desfilavam na rua jogando seus sorrisos e olhares dominadores aos gatinhos na calçada. Quando o coração do jovem apontava a preferida, bastava um sinal e as colegas entendiam logo, facilitando as coisas. Sem que as candidatas percebessem, ou de livre e espontânea vontade, as demais colegas paravam, e, quando menos esperavam, o garoto se aproximava e o casal ficava só. A ética não permitia que a moça abandonasse o moço, tinha que terminar o percurso até em frente ao jardim ou em frente ao cinema, para dar um sim ou não. Uma vez combinado, o caminho era o jardim. Caso contrário, tinham que começar tudo de novo. Eu passei por esse ritual, era uma fantástica aventura, tinha que ter coragem e muita vontade de conquistar uma garota.

De curiosidade, na Rua do Meio, além dos vendedores de empadas, do Maneco Pijão, tão famosa quanto o pastelzinho da Mané Stábile, os vendedores de pastéis da dona Sofia, tudo de bandeja de madeira com alça de couro, coberto com toalhas brancas muito bem bordadas. Tinha também as brincadeiras dos garotos menores, os mais levados, os safadinhos, que ficavam em frente à pensão do Nenê, local mais escurinho, e colocavam tijolos no meio da rua para ver os transeuntes tropeçarem e cair, não tinha nada mais divertido do que isso para eles. Eram insistentes, apesar dos pegos da polícia, Seu Tercílio, Seu Abdias, com habilidades, conseguiam sempre colocar um tijolo no meio da rua.

Vicente Maia, Vicente Barreto, Jorge Daher, Dondoca e outros morreriam de saudade se estivessem lendo esse artigo hoje. Bernadete Maia que o diga.

### **Ao Dr. Rui Calazans**

Dr. Rui Calazans de Araújo, nascido em Paraibuna-SP, no dia 28 de outubro de 1910, filho de Benedito Mario Calazans e Dona Judith Moura Calazans, advogado formado pela USP em 1934. Ele foi presidente da Vemag, a primeira fábrica de automóveis genuinamente nacional, presidente da Cofibras, uma financeira do grupo Novo Mundo, presidente do Automóvel Club do Brasil, presidente da Associação Comercial de São Paulo, ainda Diretor Presidente da Chocolate Lacta e Cristais Prado e, o mais importante, apaixonado por sua terra natal.

De quando em quando, por casualidade, eu tinha a felicidade de encontrarme com Dr. Rui, sempre na parte da tarde, na livraria Francisco Alves, na Rua Libero Badaró, em São Paulo. Fazíamos trocas de informações, ele queria saber

como estava Paraibuna na época e eu queria saber do passado. Dr. Rui aproveitava as oportunidades para contar aos seus amigos, o gerente da loja e mais alguns empresários e mesmo banqueiros que estavam em sua companhia, belíssimas histórias de sua terra, e eu de carona enriquecia meus conhecimentos. O que mais me empolgava na época era o fato de ser apresentado aos seus companheiros como grande amigo seu, mas um amigo com letras maiúsculas. Já imaginaram ser apresentado a gerentes comerciais, empresários e banqueiros como grande amigo do Dr. Rui Calazans de Araújo? O nosso relacionamento era constante e foi por muito tempo.

Tive a felicidade de estar em sua chácara na curva do rio Paraibuna. Fiquei encantado com sua casa e alguns detalhes do local. Precisava de outra oportunidade para conhecer melhor o seu paraíso. Certo dia, estando de visita a nossa cidade, Maria Vanuth, a Da. Negrinha, vindo de Goiânia, querendo mostrar algo de importante e belo para ela, lembrei-me logo: Dr. Rui está na cidade. É a oportunidade para conhecer melhor seu recanto, depois de uma ligação telefônica, marcamos a visita e fomos nós.

Logo ao chegarmos à entrada da chácara, lá estava ele, muito elegante, de colete, lenço no pescoço, um lenço finíssimo de seda com nó muito especial e um pingente de ouro, um chapéu tipo tirolês, usado em varias regiões da Suíça. Sonhei muito em usar um lenço e chapéu iguais, procurei a fundo e não encontrei. Era um chapéu pequeno, de abas curtas e com uma peninha do lado, mas coisa muito fina. Primeiro ato: conhecer sua bodega. Eu não sabia o que era bodega, é um ambiente onde se toma vinho direto no tonel à vontade, e depois se dorme numa rede até rachar o sino. Sua bodega era muito bonita e bem original. Havia uma sala com uma mesa enorme e várias cadeiras do mesmo estilo, e rede esticada para os deliciosos cochilos. Depois, outra sala, onde fica o tonel, uma peça belíssima de cor avermelhada, com torneira de madeira, suporte com cálice e canecões de louça, para que se possa tomar vinho à vontade com alguns bancos individuais. Foi um sonho.

Em seguida, fomos para a casa principal, uma casa bem colonial, estilo casa de fazenda. O que me chamou mais atenção, e fez com que eu fizesse essa referência neste artigo, foram quatro quadros que estavam na parede, num corredor comprido em forma de (L), que era a evolução dos escudos de Paraibuna. O primeiro, Paraibuna do Brasil Colonial; o segundo, Paraibuna no Brasil Império; o terceiro, Paraibuna no Brasil República; e o último, Paraibuna atual. Eram quatro quadros de madeira comum, medindo mais ou menos vinte por trinta centímetros, desenhados com guache em papel cartolina. Dr. Rui contava toda a sua história nos mínimos detalhes, um por um. Da história lembro-me de algumas coisas, mas do quadro não. Querendo rever os quadros, procurei por sua família. Surpresa para mim. Os quadros sumiram e a família não tem lembranças deles. É uma pena. Trezentos anos de história de Paraibuna que sumiram, e parece que só eu conheci os quadros.

Dr. Rui se preocupava muito com nossa história, estudava a fundo as trilhas dos Tamoios, levando sempre consigo relatórios de Nice Muller. Uma pesquisadora de caminhos do Vale do Paraíba. Ele publicou no Estadão, suplemento de turismo nº515, folha "2", sua sugestão e uma pesquisa que justificava o nome de Estrada dos Tamoios. Foi feliz em sua intenção. Mostrou em seu artigo uma carta planimétrica organizada pelo Coronel F. Jaguaribe de Mattos, que indicava os caminhos antigos para o litoral, as trilhas dos Tamoios, justamente no local onde está hoje a rodovia que liga São Jose dos Campos à Caraguatatuba.

A história do caminho de Paraibuna ao Vale do Paraíba, naquele tempo chamado Região Norte do Estado, é muito importante para nós, mostra a ousadia dos Paraibunenses e interesse pelo progresso e bem estar de seus habitantes. O primeiro caminho para a região norte, como era chamado, era feito via Guararema, mas o interesse da população de Paraibuna era o vale por um todo. As escolas

principais da região ficavam em Taubaté, Pinda e Guará. O prefeito da época, Pedro Augusto Calazans, achava muito longe, muito distante e difícil para que nossos jovens estudassem. Foi aí que ele mandou construir um caminho via Jambeiro e Caçapava, depois da primeira ponte do Rio Paraibuna. Foi construída uma ponte de madeira sobre o Rio Paraitinga, bem em frente à Fazenda da Barra, de propriedade de seus pais. Ia até Jambeiro, depois para Caçapava e todo o Vale. A Fazenda da Barra se transformou num grande centro de distribuição de produtos agrícolas e outras mercadorias para a região. Era o local de pousada para quem vinha de todas as cidades vizinhas.

Pedro Augusto Calazans viajava muito para São Paulo, era um político de prestígio nacional, conta a história. Cada vez que passava em São José dos Campos, ele pensava: o futuro está aqui. São José dos Campos pode se tornar um centro importantíssimo da região, um centro de ligação obrigatória do sul de Minas para o Litoral, e Paraibuna vai se beneficiar com isso. Pedro Augusto Calazans era um idealista arrojado e fazia sempre de seus ideais uma realidade a qualquer preço. Eleito prefeito de Paraibuna pela segunda vez, já era proprietário de um sítio que ocupava grande parte onde é hoje a entrada de São José dos Campos. Logo ao ser empossado, procurou o prefeito de São José, Dr. Candelária, e propôs a construção de um caminho que ligasse Paraibuna a São José dos Campos e que facilitasse no futuro o acesso ao Litoral Norte. Candelária, que tinha alguns interesses nesse caminho, aceitou a proposta, seu irmão era herdeiro natural da Fazenda Santa Bárbara, pois era casado com a filha do dono da fazenda, Sr. José Bento de Moura. Assim sendo, contribuiu com um conto de reis!, propondo um acordo: O prefeito de São José colocaria o nome da rua que dava entrada à sua cidade de Rua Paraibuna, e o prefeito de Paraibuna, de rua São José, hoje avenida São José. Combinado, mesmo contrariando os interesses da família, do seu pai, pois perderia, como perderam, o fabuloso negócio, que era o Empório da Fazenda da Barra. Construiu um caminho que, saindo pela Vila Camargo, ia em direção ao Rio Paraíba, atravessando por uma balsa na altura da Fazenda Brasil, de lá alcançava o planalto do Capivari, com poucas montanhas, chegando até São José. Mais tarde, com sua própria administração, construiu uma ponte na altura da Fazenda do Dr. Nicanor, que, margeando ao rio, chegava novamente às proximidades da Fazenda Brasil.

Conta-nos Dr. Tarcísio Calazans que, numa viagem de São Paulo a Paraibuna, ele jovem, estudante, só tinha no bolso dois mil reis, o suficiente para pagar a passagem da carruagem. O que fez? Gastou seus últimos dois mil reis, alugou uma charrete e foi para a casa do seu tio, Pedro Augusto Calazans. Lá chegando, disse seu tio: Dorme aqui, amanhã você vai de carona com Dr. João Fonseca, engenheiro que construiu a estrada que liga Paraibuna a Caraguá. Na manhã seguinte, estava na sala da casa em reunião, seu tio Pedro Augusto Calazans, Dr. João Fonseca, Rubem Calazans, Mario Calazans e mais autoridades de São José dos Campos. Era uma discussão para construir uma estrada moderna de São José dos Campos ao Litoral. Dr. João queria convencer as autoridades sobre a importância dessa estrada. Afirmava ele: São José e Caraguá serão no futuro as cidades mais importantes da região, e Paraibuna, uma passagem obrigatória para o Litoral, e um belíssimo ponto de repouso alternativo, possivelmente com bons hotéis, lindos pontos pitorescos, belas fazendas e um clima privilegiado, o melhor da região. Dr. Pedro Augusto, um homem de prestígio, conseguiu, em 1924, que Dr. Washington Luiz mandasse construir a estrada de São José para Paraibuna. Em 1934, com a insistência do Dr. João Fonseca, que foi também, como diria hoje, Secretário de Transporte do Estado, Armando Sales de Oliveira, mandou construir a estrada de Paraibuna a Caraguatatuba. Conta-nos nosso amigo Antônio Tavares: Dr. João Fonseca, competente, inteligente como ninguém, não teve alternativa, usou a trilha dos Tamoios como mapa, como planta planimétrica, e construiu a decida da serra.



Conta-nos a história que Paraibuna sempre foi uma cidade atraente e hospitaleira, tanto que Pedro Abel Barbosa disse a sua mãe: Vou a Paraibuna e volto para o almoço. E lá ficou sua mãe esperando até hoje, dez anos depois ela telefonou ao Pedro: Já que você não vai voltar mais, venha buscar suas coisas. Respondeu nosso amigo: Assim que tiver um tempinho eu vou...

Durante o governo do prefeito Joaquim Rico, uns estudantes da universidade de Campinas, contaram-nos um fato curioso. Paraibuna foi palco da pirataria do sal. Em suas pesquisas em Mogi das Cruzes, deram com uma ocorrência denunciando a pirataria do sal em Paraibuna. O sal era um alimento muito difícil na época e de grande valor. Descarregado em São Sebastião, vinha no lombo de burros até o seu destino, passando por Paraibuna em direção a Guararema e depois para o Vale e São Paulo. Tratando-se de um alimento escasso, difícil e valioso no País, tornou-se alvo de pirataria. Era aí que os ladrões de sal ficavam de tocaia, cavando trincheiras nos terrenos, hoje fazenda São Pedro, próximo às trilhas. Eles assaltavam as tropas, desviando e carregando para Mogi das Cruzes. As trincheiras foram identificadas, os mais antigos diziam que eram dos piratas, mas os mais novos diziam que foram feitas pelos alemães, que descobriram uma mina de mica, ou melhor malacacheta, um produto transparente usado como isolante em peças elétricas, é muito comum encontrar em ferro elétrico. Não podendo explorar devido à Segunda Guerra Mundial, foram perseguidos, e, para disfarçar, fizeram vários buracos no terreno, confundindo quem fosse procurar.

Os primeiros administradores, no início do século, tiveram uma visão extraordinária do futuro de nossa terra. Não houve continuidade. Paraibuna poderia ser hoje, muito antes de Campos do Jordão, o maior centro de turismo da região. Pedimos a Deus que nosso empresários não desanimem e sigam a direção que Pedro Augusto e Dr. João Fonseca apontaram. Um turismo alternativo que atenda a qualquer período do ano, outono, inverno, primavera e verão. Dr. João Fonseca, ao terminar o trecho da serra, em local denominado "Belvedere" disse: Este foi o traçado mais perfeito que a natureza fez.

### **Da Fapap à Feituris**

Foi no início da década de 40 que um circo de rodeios estava montado nos terrenos praticamente baldios na Rua do Dominginho, hoje rua Dr. Oscar Thompson, mais ou menos onde está a vidraçaria do Molina. Lembro-me ainda dos toureiros desfilar pelas ruas da cidade a caráter. Era o Corisco, o mais famoso toureiro da região. Atraía espectadores do município inteiro e até mesmo das cidades vizinhas. Toureiro na frente, a banda de música e a garotada logo atrás. Era uma festa, todos queriam pelo menos ver o famoso toureiro, o Corisco. Nesse período aconteceu um acidente com o nosso amigo Emídio Silva, que caiu entre as madeiras do circo. Parecia de consequência grave, mas tudo acabou bem.

O que leva a contar esta história é o seguinte: estava acontecendo uma festa em Redenção da Serra, algo parecido com exposição de gado, uma feira agropecuária, não conhecíamos ainda a palavra eventos, mas este causou uma certa ciúmeira entre a garotada da época, entre eles Toninho Maia, Bentinho, Tião Maia, Antônio Moisés e toda garotada da Rua da Bica. Paraibuna era uma cidade maior, de mais progresso que Redenção, e por que não acontecia aqui também aqui? Aqui era a terra do gado. Aqui era onde se produzia mais leite. O sucesso de Redenção da Serra chocou os verdadeiros filhos de Paraibuna. Isso ficou na minha cabeça. Outros eventos aconteceram anos depois, lá pelos anos 60 e 70, mas aqui, nada.

Chegou o ano de 1977, prefeito Joaquim Rico, da mesma maneira que colaborei com todos os prefeitos desta cidade, menos o Julião, Benedito Antunes David Primo e Felipe Melo, estava colaborando com ele. Era mês de outubro, sentado na calçada da Rua do Meio, em frente ao bazar do Deia, conversando com João Evange-

lista, o o João Rural. Conte pra ele a história das feiras de Redenção, e que só sairia de minha cabeça se pudesse realizar em Paraibuna uma feira agropecuária. Vocaçãõ para isso, tínhamos de sobra, comentamos a feira da barganha de animais no Largo do Mercado, e lembramo-nos do nosso inesquecível amigo Humberto Ebram, que trocava e trocava seus cavalos e levava para casa os mesmos animais. Dependia do prefeito, ele topou. Precisávamos de colaboradores, Gilberto Raimundo, o Borracha, inimigo pessoal do prefeito também topou, esquecendo as rivalidades do passado. Contamos na época com a ajuda do incansável amigo José Vilhena. O Valter “Capim-Gordura”, como era conhecido, deu a maior força, expondo todas as aves e bichos da chácara do nosso amigo Wilfredo Finck. Joaquim Camargo dou toda amadeira que precisávamos. Com a colaboração dos festeiros de São Sebastião e com o consentimento do padre, hoje monsenhor Antônio, foi realizado a primeira FAPAP, a de número zero, a primeira festa do milho, única, autêntica até hoje.

Ainda nos anos 40, tempos depois daquele tal circo de rodeio, mês de maio e junho, período da festa de Santo Antônio, estava na cidade o circo do Carequinha, também o mais famoso do estado de São Paulo, por onde passava deixava saudades. Carequinha era na época o melhor palhaço do país, só dava espetáculo com casa lotada. Numa das suas apresentações, veio a nossa cidade, o garoto Carlinhos Mazoli, um gênio do acordeão, seus programas no rádio eram líderes de audiência. Um menino famoso mas humilde, fez amizade com vários garotos da cidade, quem deve se lembrar disso é o Sebastião Barbosa, o padeiro do Rubem Navajas. Era um domingo, depois da missa das oito, fomos até o hotel central, hoje demolido, convidamos o nosso amigo para conhecer a cidade. Ele tomava café, pediu um tempo e saiu conosco. Estávamos radiantes de alegria.

Levamos ele ao Beco do Coqueiro, beira do rio Paraibuna, apesar do frio do mês de junho, já tinha sol, a água não estava tão fria. Fizemos um convite: vamos toma um banho? Ele gostou da ideia. Ele tinha cueca, nós não. Não era uso obrigatório na época. Ele tomou banho de cueca e nós igual Adão e Eva, no peladão, era normal, as lavadeiras estavam acostumadas com isso, são crianças diziam elas, “que mal há nisso?”. Terminadas as brincadeiras, conversando e contando histórias ele falou: Isso aqui é um paraíso, é a cidade mais bonita que já vi em minha vida. Gostaria de vir aqui muitas e muitas vezes se pudesse.

Paraibuna sempre foi uma cidade preferida dos amigos dos filhos desta terra. Durante as férias de junho, naquele tempo, as férias do meio do ano eram em junho, de dez a trinta, e em dezembro, janeiro e fevereiro, a população jovem da cidade mudava completamente, moças e moços de todas as regiões aceitavam convites de nossos amigos que cursavam o segundo grau, naquele tempo o colegial, e vinham todos a Paraibuna. Para eles, aqui era o céu, por suas belezas naturais, clima dos mais agradáveis e um povo hospitaleiro, que sabia receber seus visitantes. Quem pode confirmar isso é o Rubinho Navajas, suas primas não ficavam uma férias escolar sem vir a Paraibuna. E que primas! Uma mais bonita que a outra. Roque Vieira também sabe disso, convidou e veio quase a população inteira de Caçapava, para a festa de formatura de professor, e seus amigos não se esqueceram de Paraibuna até hoje, isso foi em 1952. Paraibuna tinha vocação para o turismo, isso sempre foi o meu sonho, em cada prefeito eleito eu depositava as minhas esperanças, mas não dava certo.

Paraibuna entrou em decadência econômica em meados dos anos 50, a agricultura já tinha acabado, a agropecuária, a produção de leite estava com seus dias contados, apesar do esforço do prefeito Jayme Domingues no seu primeiro mandato, nossa cidade estava sem produção, quando chegou a notícia da construção de duas represas em Paraibuna.

Muita gente viria trabalhar aqui, voltando a circular dinheiro na cidade. Para a juventude de cabeça aberta isso era uma esperança, seria uma mudança radical na vida de todos e mais ainda do município, com um lago, como diziam os

responsáveis pela construção das barragens, um lago maior que a baía de Guanabara, Paraibuna seria transformada num grande centro de turismo ecológico, mas alguns políticos não pensavam assim.

Fizeram várias reuniões na AEP, prédio da associação esportiva Paraibunense, em represália a essas obras, queriam por na cabeça da população que suas filhas estavam correndo perigo diante de pessoas desconhecidas, apontavam os trabalhadores das obras como a pior espécie de gente, nortistas, baianos, pondo em perigo a integridade das donzelas da cidade, ao contrário dos outros, como a população de Caconde, Igaratá, até mesmo as cidades vizinhas, não souberam tirar proveito em benefício do nosso povo.

Mais uma vez me senti sozinho, sonhando com algo diferente para minha terra que certamente seria o turismo. Veio o mandato do Joaquim Rico, depositamos nele toda a nossa esperança, juntamente com João Evangelista, o João Rural, demos nossa colaboração, durante quatro anos parecia que nosso sonho se tornaria uma realidade, mas a prorrogação do mandato por mais dois anos destruiu todo o nosso trabalho. Passaram-se alguns anos, chegou 1989, primeiro mandato do Capitão Luizinho, jovem dinâmico, bem formado, teve como seu ponto alto a reforma do nosso jardim, revolucionou o esporte e a educação, mas parece que quatro anos não foram suficientes, e a ideia do turismo não vingou. Mais quatro anos se passaram, 1997 início do segundo mandato o Capitão Luizinho. Santo Antônio ouviu nossas preces. Luizinho teve a felicidade de convidar Walter Ebram para assessor do turismo, de uma maneira surpreendente, provocou um interesse inexplicável pelo desenvolvimento do turismo no município. Trabalhando dia e noite, com dinamismo e muita perseverança, muita humildade, ouvindo e trocando ideias com todos, ultrapassou qualquer expectativa, por mais otimista que fosse.

Nós esquecemos o seu currículo, tínhamos convivido pouco com ele. Mesmo solicitado quase vinte e quatro horas por dia, de uma maneira educada, respondendo com muita atenção as solicitações telefônicas, se dedicando pessoalmente aos inúmeros problemas com a evolução inesperada do turismo no município ele se propôs a realizar a primeira feira do turismo em nossa cidade.

É certo que teve a colaboração de um grupo de pessoas extraordinárias, mas soube com muita sabedoria, superar as inúmeras dificuldades demonstrando o seu amadurecimento e que era a pessoa indicada para o cargo. O valor dessa feira de turismo, não estava em divulgar o potencial turístico da cidade, mas, mais ainda, mostrar à população de nossa terra a importância do turismo em nossa economia.

Para mim de um modo particular, além de um sonho, um objetivo realizado, foi ver a revelação, a capacidade, o trabalho do grupo colaborador, destacando de maneira extraordinária o alto nível de profissionalismo do jovem Rodolfo Cesar e a confirmação do dinamismo e da experiência e o mesmo exemplo da força e trabalho de cinquenta anos atrás, que eu o conheci, é o senhor José Vilhena. Essa primeira feira de turismo é mais um pioneirismo de Paraibuna, como foi a Fapap na época em que foi criada, esperamos que Santo Antônio abençoe este evento, para que seja um marco de transformação e progresso da cidade de Santo Antônio de Paraibuna, o primeiro nome desta cidade.

## **O Paraíba**

Paraíba, como era e ainda é chamado o trecho do rio Paraibuna, que banha a cidade. Muito embora aprendemos nas escolas que com o encontro dos rios Paraibuna e Paraitinga, é que forma o rio Paraíba, para população tudo aqui era, e é o Paraíba. Para nós, na nossa infância, mais precisamente na década de quarenta, aquilo ali era o paraíso, a coisa mais linda e gostosa que poderia existir no mundo, com histórias que devem ser contadas nas minúcias, por suas belezas, curi-

osidades, brincadeiras de crianças e marmanjos também, as atividades do povo, lendas e muito folclore. Vou narrar neste artigo, como primeira parte da vida, da infância, convivência de nossos amigos com o Paraíba, as curiosidades, aquilo que nós vimos, participamos e continua em nossas cabeças até hoje. Naquele tempo, quando a garotada já ia passando dos cinco anos, que já podiam sair um pouco mais longe, o caminho certo para uma brincadeira sadia era o Paraíba. Era a época dos grandes filmes do Tarzan e o Paraíba era um ambiente ideal para imitar de uma maneira explícita as aventuras do Tarzan. Água corrente para nadar, trampolim para mergulhar de alturas, o poção para mergulho de profundidade, os quintais com riquíssimos pomares para serem invadidos e os cipós para exercitar os gritos do Tarzan, aí tenho a primeira lembrança ou a primeira curiosidade. Jaime Ladeira, juntamente com o Deia, eram os melhores nadadores em sua época. A brincadeira no cipó era sempre um desafio. Era fácil encontrar um cipó descendo das gigantescas árvores que havia na veia do rio, que serviria para um fantástico balanço e depois um belíssimo mergulho, já era um desafio; outro cipó no mato do professor Mimi, que servia para atravessar o ribeirão do lava-pés, acompanhado do tradicional grito do Tarzan. Nessa aventura, Jaime Ladeira teve um erro de cálculo e caiu no meio do ribeirão, com pouca água quebrou uma perna. Nós inventamos uma história, complicamos a coisa, mas a verdade ficou prevalecendo, o cipó foi o culpado. As brincadeiras ficaram suspensas por alguns dias, pois tivemos que esconder os cipós para não serem cortados. A segunda curiosidade, que julgo a mais importante, causou uma grande revolta na população. Enquanto Nabor Nogueira Santos, não sei se já era oficial ou aspirante da força pública do estado de São Paulo, vibrava passeando de barco pelo rio, acompanhado de amigos para ver e fotografar a garotada nadando e brincando, quase sempre sem roupa, naquele paraíso, alguns subalternos seus tais como os soldados Abdias, Tercilio, Chaves, Nelsinho, vivo até hoje e aposentado residente em Jacareí, queriam a todo preço impedir as brincadeiras das crianças no Paraíba.

Era impossível, era como tirar um pirulito da boca da criança. Depois de algumas tentativas sem sucesso, resolveram armar uma tocaia, encurralados, alguns garotos foram pegos e sem roupas tiveram que desfilar pelas ruas da cidade. Me lembro como se fosse hoje, era um terça-feira, dez horas, hora do recreio, e eu estava no terceiro ano do Cerqueira César, ano de 1944, professora dona Petra Calazans, depois varias substitutas.

Encostados no muro da casa da dona Pureza, mãe do Dr. Onofre Barreto, os soldados pediam vaias para os garotos, mas as vaias foram para os soldados. Eram eles que eu me lembro: Jorge Castro, Chico Neves, Didi do Arouca, Ezequiel Oliveira, Sudário Faria, Antônio do Totó Ribeiro e outros. Conseguiram escapar do pega.

Vicente Alves, Antônio Moises que eram dois melhores nadadores da cidade em sua época, mais o Tião Martins, todos ficaram sem roupa. Não posso esquecer, Miguel Alves, vindo calmamente saindo do fundo de sua casa que dava em frente da escola, foi ate o local onde estavam os garotos e perguntou aos soldados:

-Onde está o meu filho? que era o Vicente Alves. Disseram eles: consegui escapar, mas suas roupas estão aqui. Então disse seu Miguel:

-Quero a roupa do meu filho e dos outros e, por favor, solte estes garotos por minha conta, antes que eu perca a paciência e quero encontrar vocês na delegacia, esta é a ultima vez que isso acontece, isso eu garanto.

Levou a roupa para seu filho e para os outros também. De volta caminhando pelo jardim, em direção a delegacia que era onde hoje mora a Estelinha Nogueira, encontrou com o juiz de direito seu amigo, o que é muito difícil hoje, e relatou o fato. O juiz não hesitou e comprou a briga e na delegacia junto com o delegado do Dr. Benjamim, acertaram as contas com os soldados. A cidade toda comemorou, e os garotos nadaram o dia inteiro no Paraíba e como não poderia ser

de outra maneira o paraíso ficou liberado até hoje.

O nosso rio era rico em lendas, entre elas lembro aquela que dizia:

-Uma Bíblia foi jogada no Paraíba por um malfeitor, contrário aos princípios da igreja católica e em represália ao pároco, isso no século passado, o pároco revoltado disse:

-O rio vai devolver esta bíblia, vai trazê-la de volta e deixar no altar mor da igreja Matriz. Foi pesadelo por muitos anos, já imaginaram a preocupação do povo em cada enchente? A situação piorou ainda mais quando surgiu o boato da construção de duas grandes barragens em a Paraibuna, é a profecia, diziam os antigos, a represa pode estourar e suas águas chegar até o altar da igreja para a devolução da bíblia. Para esta praga, ou melhor lenda, tenho uma atenuante, na época em que deu o início da lenda, a única igreja da cidade era a igreja do rosário e uma enchente, a segunda maior de todas e a última também, levou suas águas até a porta da igreja do Rosário, e nada aconteceu, isso foi no dia 27 de fevereiro de 1958.

Outra lenda contava ainda que certa mãe jogou seu filho recém nascido nas águas do Paraíba. Esta criança se transformou em uma serpente e que dormia com a cauda debaixo da igreja do Rosário e a cabeça debaixo da igreja Matriz, e de quando em quando ela se acomodava tremendo a terra, e se ela acordasse, Paraibuna seria destruída.

Para esta lenda existe uma explicação técnica: foi entregue a prefeitura no governo Joaquim Rico, um documento firmado pela GEO TOPO, uma empresa de engenharia de solo, que alertava as autoridades, um acontecimento que assustou a população por um bom tempo, quem não se lembra dos tremores de terra que tivemos enquanto a represa estava enchendo?

Esse documento explica que existem nessa região dois tipos de solos. Que não se combinam e ficam em constate atrito. A formação destes solos começa na região de Registro, seguindo em linha reta até a cidade de Paraibuna, mais precisamente no morro do Corpo Seco. Morro trincado, o morro da televisão como é conhecido hoje, onde forma um ângulo reto, subindo até a região de Atibaia. A história do morro trincado ou morro do Corpo Seco será contada oportunamente. Como são tipos de solos que não se combinam, ficam em constantes atritos, ou acomodações, provocando pequenos abalos sísmicos, ou pequenos tremores de terra, que vem acontecendo a milênio e que vai continuar até os finais dos tempos, e que aconteceria com muita frequência até completar o processo de represamento dos reservatórios do Paraibuna e Paraitinga. É uma pena que a prefeitura não tenha dado a devida atenção aos documentos recebidos, como esse e outros documentos. Como as informações sobre a pirataria do sal, que se perderam, foram certamente levadas para o arquivo morto e talvez já destruídas, mas fica aqui uma informação importante aos nossos leitores.

Mais uma curiosidade que tenho lembrança, dentre outras, envolve a pessoa do Nhonho Mariano, a figura folclórica que ninguém esquece. Nhonho era um professor em pescaria, o quintal de sua casa na praça Canuto do Val, onde fica hoje a residência o Carlinhos Calderaro, dava fundo para o rio, como todos os quintais, era um excelente pescador. Para pescar uma piaba ou piapara bastava colocar uma isca no anzol e jogar na água. Quando pegava um peixe, já tinha dois destinos certos, caso ele estivesse precisando de dinheiro, contratava um garoto que já estava acostumado com o serviço e mandava vender para sua irmã, preparando o terreno antes, dizendo que estava com vontade de comer peixe e não conseguia pescar, garantindo dinheiro no bolso e uma saudável mistura no almoço. Caso não estivesse precisando de dinheiro, ele levava para sua amada. Ele era apaixonado pela Fia Martins, ela que o diga.

Aqui fica um milímetro das curiosidades do Paraibuna, o nosso paraíso que é o rio Paraibuna, e que certamente o nosso amigo Chico Neves não se cansaria de contar

Quem não conheceu? Era o paraíso dos pescadores, ou melhor, um verdadeiro paraíso. Quem não se lembra as dezenas e dezenas de nomes de peixes que se pescavam no Paraíba? Só para lembrar alguns nomes, os mais conhecidos, da família das piabas: as Piabanhas, Piabas Comuns e Piriricas. Piriricas era o menor peixe da família, pescado no beco da bomba, com linha de largo, pelo menos dez metros de comprimento, sua isca preferida era banana, pedaços de banana. Lamartine Siqueira era o campeão dessa pescaria, era um peixe pequeno, o maior deles não chegava a meio quilo. Na família dos Mandis, Mandi Guaçu, Mandi Comum e o Mandi Chorão, o menor de todos, com um ferrão muito perigoso e se pescava nos dias de chuva.

Na família dos Lambaris, o Lambari Tábua, Lambari Comum e as Piquiras que na Piracema, eram pescados com peneiras, corredeiras, sacos e sacos de Lambari, Piquiras eram pescados na cachoeira do Joaquim Alves, todos os anos no período entre Agosto e Setembro, nas piracemas. Alguns tipos de peixes nem se fala mais, como os Timburés, um peixe pequeno, de quinze e vinte centímetros de comprimento, gordinhos, cor preto e branco, largura com a barriga e só eram pescados depois das chuvas de verão e sua isca preferida era o milho verde bem molinho. Os Carás, peixe que para ser pescado tinha que sujar a água, jogar terra na água até ficar escura, e a única isca que eles aceitavam eram as minhocas, seu hábito preferido eram as barras dos ribeirões. Os Curimbatás, os nativos da região, eram um peixe de porte médio, seu peso não passava de 700 gramas. Os que hoje se pescam não são mais os mesmos, quando apareceram os Curimbatás com mais de um quilo, já foram logo apelidados de Curimbatá mineiro. Os Cascudos, um peixe de casca grossa, nas cores preto, cinza claro e amarelo pra marrom, eram pescados com figsa, um anzol grande endireitado, colocado no cabo de uma vassoura, comiam o cozido, tirando sua carne com uma colher. Os Taiabucus, um peixe parecido com um Lambari grande e comprido, carnívoros e muitas vezes saíam figsados com o Lambari. A Traíra, peixe espinhoso, que para ser pescado era preciso colocar um pedaço de Lambari no anzol e ficar batendo a isca na flor d'água. Os Saguirus, igual a um Lambari gigante, que só se pescava com redes ou tarrafas, muito comum nos ribeirões e pareciam como encanto nas lagoas das fazendas. Eram enormes as variedades de peixes no nosso Paraíba, sem contar o Surubim, que também se pescava nas curvas do rio, principalmente na curva da Vila Camargo com um poço bem profundo. A única maneira de se pescar um surubim, era com catoeiro ou vara de espera, uma vara de bambu, sem ponta e com linha muito resistente, no comprimento que não fosse possível entrar em sua toca no fundo do rio, se entocasse ninguém conseguia tirar o peixe fora d'água.

Muito contemporâneo ou mais idosos, que passaram sobre a ponte na entrada da cidade, hoje aquela ponte que o nosso amigo Higino Faria Nogueira, escreveu e compôs uma música em comemoração a inauguração da ponte, quando olhar para baixo na parte de cima com calma, vão morrer de saudade, não vão acreditar o que não estão vendo. Aquele espetáculo que a natureza oferecia, nas manhãs frias do mês de julho, águas cristalinas correndo mansamente, sem vento, o rio no seu ponto mais baixo, pois era o pico da seca na nossa região. Um cardume de Curimbatá Crioulo, parecia que estava tomando banho de sol, de quando em quando, um virava de lado, fazendo um reflexo prateado, um brilho que chamara a atenção dos espectadores. Uma procissão de Piririca subindo o rio acima, certamente em busca de alimentos, uma Piabanha daquelas grandonas em alta velocidade, os Lambaris enfeitando a beira do rio, bordando a água com pontinhos mais pontinhos, tirando a monotonia das águas mansas do nosso Paraíba.

No fundo do rio, milhares de pontos escuros, que parecia uma jabutica-beira carregada de frutas, eram os cascudos, grudados na areias ou nas pedras, tomando sol ou esperando para serem figsados, as Traíras, uma atração a parte, saíam de baixo da Pituva, os capins da beira do rio, davam o seu bote certo, abo-

canhando um Lambari ou Cascudo pequeno e corriam de volta de para a Capituva. Quem não via o Martin Pescador, no fio do telégrafo que cruzava o rio na altura do beco da bomba, espetáculo que ainda não pode ser visto até com seu mergulho certo fazia seu almoço.

Os pescadores, dos profissionais aos amadores, um mais curioso que o outro. Toda a população era um pescador nato, principalmente as crianças. Dos profissionais, dos mais antigos, entre outros, temos o Sr. Antônio de Angelis, pescava no rio Paraitinga, tinha suas manhas, seus cuidados, pescava a semana inteira, tinha um cercado dentro do rio, onde colocava os peixes, para ser vendido no mercadão aos domingos. Sempre peixes bem fresquinhos, não gostava de vender peixes pescados no mesmo dia, tinha que ficar pelo menos um dia no viveiro para ficar limpo e desinfetado.

Era para defecar as impurezas e ficar com a carne limpa e saudável. Precisava um livro muitas e muitas páginas para descrever uma parte dos personagens folclóricos da nossa cidade. Alguns deles, o mínimo possível; descendo o rio, o primeiro porto de pescaria, ou melhor, o primeiro pesqueiro era o da D. Raquel, Raquel Toloza, uma senhora já naquela época, com 90 anos de idade, mais ou menos baixinha, sempre com um xale nos ombros, residia onde é hoje é a casa do Mauricio Camargo, ali atrás da igreja Matriz, era um velha das mais divertidas e alegres que já vi, muito amiga do Pe. Ernesto.

O seu ponto de pescaria era no beco do coqueiro, um local bem trabalhado, com sombra de taquaral, depois das 5 hrs da tarde, nenhum garoto se atreveria a fazer barulho nas águas. A mistura do almoço estava sempre garantida, pescava quase todos os dias até as 8 hrs da noite, nos dias mais quentes. Descendo, depois da barra do ribeirão do Lava-pés, a partir da casa do Sr. Nicolau Antônio onde é hoje o sindicato rural, cada casa da rua morta Rua Major Ubaturano, tinham no seu quintal um severo, no final do quarteirão, reside o nosso amigo Nestor Martins, um pescador trapalhão, sempre aprontando alguma coisa, era muito comum dormir com a vara na mão e acordar assustado com o peixe já fígado no anzol.

Mas o fato mais curioso da sua carreira de pescador trapalhão, foi quando ia sair com a sua canoa feita de quapiruvu, aquela árvore que produz umas favas, era muito comum nas beiras de rio, não usava remo, era o famoso varejão, uma vara de 3 a 4 metros de comprimento que tocando no fundo do rio levava a canoa com muita velocidade, mesmo rio acima. Nessa saída, esquece de amarrar a canoa, solta a corda da canoa que ficou presa num pontalete de segurança na margem do rio, e daí?

O nosso amigo estava sentado num banquinho na ponta da canoa, com o impulso da partida o tranco foi muito forte e seu Nestor caiu de costas dentro d'água. Foi uma alegria inesquecível dos salva-vidas improvisados, os nadadores famosos da época, Antônio Moisés, Jorge Olímpia, irmão da D. Ilda do Sr. João Bento e o jovem Vicente Alves, que vibraram por muitos anos por essa façanha heróica, descendo mais um pouco, já próximo ao beco da bomba, tínhamos o notável Nhonho Mariano, era um professor em pescaria, explorava a pesca em todos os sentidos, preparava varas de bambuzinho, como era chamado, pintava de cor amarelo, fabricava anzóis de arame verdegais, um arame de aço muito fino, vendido em carretéis de dez metros de comprimento, muito usado também para fazer corda de instrumentos musicais, principalmente o cavaquinho, artesanal sempre construído pelo próprio tocador. Seus clientes eram a garotada que sem renda nenhuma, dependia do Nhonho Mariano pra financiar os seus apetrechos de pesca. Nhonho ensinava ainda como fazer linha de pesca com rabo de cavalo, naquele tempo era muito comum ficarem amarrados nas árvores do beco da bomba e de preferência cavalos bancos, para a linha ficar transparente dentro d'água. Ensinava ele, com muita paciência, como dar os nós para que a linha ficasse sempre

reta. Para Lambari, um só fio, para peixes maiores, como Timburé e mesmo Pia-para, linha com dois fios, o difícil era torcer a linha para ficar bem resistente, mas a garotada aprendia com facilidade e eu não esqueci até hoje. Vizinho dele era o seu João Cantinho, sempre com um pesadelo, ao lado do seu quintal, era a residência do senhor Norberto Ladeira, pai do Jaime e o Celso Ladeira, antigo dono do cinema local, um quintal aberto e o ponto preferido para o banho da garotada. João Cantinho jogava a linha na água, com muita categoria e capricho, logo mais abaixo um garoto mergulhava no rio espantando os peixes. Ele queria morrer de raiva, mas não podia fazer nada. No beco da bomba, mais precisamente na boca do bueiro, onde desaguava o esgoto da cidade sem se preocupar com o que fosse a acontecer com a saúde, era difícil encontrar uma vaga para jogar um anzol, principalmente nas tardes quentes de verão.

Era ali que um verdadeiro artista em pescaria gostava de mostrar suas qualidades de pescador. Era o Lamartine, quem não o conheceu? Era filho do seu Siqueira como um toque de mágica, jogava sua linha ao largo do rio tirava uma Piririca, era infalível. Mais abaixo residia o senhor Manezinho Stabil, o homem que deixou sua marca registrada, o pastelzinho do Manezinho, era campeão na pesca do Lambari, pescava a semana inteira pra vender bolinho de peixe no Domingo. Ele não gostava nem de ouvir falar de Lambari da boca do bueiro, mas a criançada pescava Lambari da boca do bueiro, iam até a vargem e vinham vender Lambari para o seu Manoelzinho, como pescado em outro lugar.

Descendo até a ponte, podiam-se contar vários pesqueiros principalmente o do seu Roque, próximo a ponte, mas o mais famoso de todos ficava na Vargem. Já na volta do rio, lá na curva da estrada, era o pesqueiro do Pe. Américo, muito famoso na arte de pescar, depois das quatro não estava pra ninguém, ficava na volta do rio e só voltava para casa se pegasse pelo menos uma Piaba, era campeão em pescaria de Piabanha.

Além dos pescadores modernos, Zé Peca, Eurico Lopes, Pararaca, grandes pescadores de dourado, o Sebastião Martins, o Tião Soldador, um pescador contraventor, vivia apelando, usava os mais variados meios proibidos para pescar, usava até bomba.

Certo dia, brincando nas águas do beco do coqueiro, lá no meio do rio, vimos rodando peixe bem tonto, fácil de pegar com as mãos, eu Tião Barbosa, Lamparina, Bentinho Maia, Lavico Nogueira, irmão do Didi Barbeiro, já com as mãos cheias de peixe, alegres com a pescaria fácil, sem ao menos esperar, lá estava o Tião Martins, de barco, recolhendo os peixes, ficamos sem nada. Ele tinha jogado bomba no rio e já estava recolhendo os peixes, e ainda uma ameaça, se alguém denunciar apanha.

Entre os pescadores ainda temos dois que merecem a atenção, o primeiro é o seu Colarinho Porego, pai da D. Sônia Barbosa, ficava em sua canoa, leve e bem perigosa, estacionada no meio do rio até altas horas da noite, acho que ele não dormia. Os transeuntes que passavam a noite sobre a ponte, se assustavam ao ver no meio do rio uma luz ou um foguinho que acendia e apagava, parecendo alguma coisa sobrenatural.

O segundo é o senhor Renato Betone, que criou uma maneira diferente de pesca, que só ele soubesse fazer durante muitos anos. Com seu barco verde com motor de poupas, subindo e descendo o rio em alta velocidade, conseguia pescar na corrida soltando mais de dez metros de linha e com isca artificial. Era inacreditável na época, como é que ele conseguia pegar tanto peixe, ainda com isca de mentira, dizia o povão. Sua maior tristeza foi quando apareceram os primeiros dourados que vieram exterminar as nossas mais variadas e riquíssimas espécies de peixes desse imenso paraíso.

Isso é o mínimo que se pode contar sobre pescaria em nosso querido, saudável e lindíssimo rio Paraibuna. “o Paraíba”.



